UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

HELENA DE BARROS SOARES

DO OLHAR À ESCUTA: CONSIDERAÇÕES SOBRE MODAS E PSICOLOGIAS

PORTO ALEGRE, 2023.

HELENA DE BARROS SOARES

DO OLHAR À ESCUTA: CONSIDERAÇÕES SOBRE MODAS E PSICOLOGIAS

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia como parte dos requisitos para obtenção do título Doutora em Psicologia Social e Institucional.

Área de concentração:

Psicologia Social e Institucional

Orientadora:

Professora Doutora Jaqueline Tittoni

Porto Alegre

2023

Helena de Barros Soares

DO OLHAR À ESCUTA: CONSIDERAÇÕES SOBRE MODAS E PSICOLOGIAS

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Cristiane Mesquita – Anhembi Morumbi

_____

Profa. Dra. Caroline Barreto

_____

Profa. Dra. Joana Bosak de Figueiredo

IA/UFRGS

_____

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa

PPGPSI/UFRGS

_____

Profa. Dra. Jaqueline Tittoni

Presidente da Banca (Orientadora)

Dedico essa tese às Mulheres que me abriram os olhos e ouvidos ao conhecimento:

À Yeyê (Mãe), a primeira educadora, por ensinar que cuidado é o amor em ato.

À Suzana Saldanha (Tia), a primeira MestrA, por se permitir ser referência.

Às Vós Lurdes e Margarida, por ensinarem que a insubmissão está nos detalhes.

À Bisa miguelina, a primeira doutora, mulher negra que desenvolveu o conceito mais importante: o nome além das burocracias dos homens, ARACI.

Agradecimentos

Às oportunidades

à CAPES, pela Bolsa de Estudos que financiou o trabalho desta pesquisa

à UFRGS pelas brechas que oferece e ao acolhimento interinstitucional

ao PPG Psi pelo espaço para pesquisar nos nomes de: Inês Henningen, Tania Galli (*in memorian*), e do secretário Israel, além dos colegas de turma (do Mestrado e do Doutorado)

ao NEITS, Grupo gentil que acolhe, trabalha e se diverte, pois, a alegria importa

ao grupo História da Arte e Cultura de Moda que me amplia os sentidos da moda

à Professora Jaqueline Tittoni por, desde muito antes de poder pensar em me pós-graduar, já era parceira do Brechó de Troca, e depois do Mestrado e depois do Doutorado...

Obrigada Jaque, pela delicadeza em conduzir todo processo.

Às imprescindíveis trocas e aprendizados

à Amiga Lena Bernardes, que a cada palavra que trocamos inventa uma roupa dentro de mim, nos dedos que escrevem e na vontade de seguir escrevendo. Obrigada pela alegria pela poética e paciência

à Mi Medrado, muito ou pouco longe sempre se fez presente (no trabalho e para além dele)

à Joana Bosak e Ana Carolina Acom, um grupo de trocas e aprendizados sempre abertos a mais pessoas especiais

à Kazue Morita pelas parcerias de feiras, palavras e *street style*

Suzana: sem você nada disso seria possível. EU É NÓS. Te amo.

À carinhosa atenção ao meu trabalho

à Valdíria e Cristina Thorstenberg, o ponto que nos liga faz linha virar palavra e amor. E nada disso nos aconteceria sem Priscila Thorstenberg Ribas. Carinho e poesia no papel e na canção

à Mariana, que traduz e dá pano pras minhas mangas

à Luzia Lima, que me fez lembrar que sou cheia de ideias, e ela também

Às parceiras que elegeram o Brechó de Troca e tantas outras (trocas)

Carol, Lisi, Rejane, Silvia, Miriam, Isa, Sandra, Rosa, Maria, Dani, Claudia, Emilly, Carina, Adriana

à Natalia Guasso por perseverar com tanta beleza em seu trabalho e nossa parceria

e à disponibilidade de Lu Delacroix, Daniela Barbosa, Carina Brendler, Carla Michele, Aninha Acom, Mônica Greggianin, Aline Rochedo, Luciane Trento, Loja Profana, Luci Maia, Fora da Asa, Espaço Conversações, BPW, Urbe, Geração Poa, Café Chaves, Feira do Livro, Casa Tony Petzhold, Mitti Mendonça, Sadine Corrêa, Espaço Mova/RJ, Lindomar Fraga, UDESC/Ceart, Mara Rúbia Sant'Anna e seus incríveis bolsistas, Pandora, Milene Bordini, e tantas outras Mulheres (e alguns homens) que escolheram considerar que roupas são bons motivos para os encontros.

Às amorosas parcerias da vida brecholenta

à Rose Colombo, por me encontrar em um Castelo e seguir escrevendo seus contos nada fantasiosos

à Marília Veronese, pela fé, carinho, parceira incansável

à Cláudia Porcellis, das araras à UFRGS, os lugares onde construímos nossas memórias

à Marta Fadrique, a amizade para além de araras, escutas e alegrias

à Patricia Zanini, Vera Guasso, Myrela Leitão, que entre roupas e risadas seguem essa caminhada comigo.

Ao amor que ainda está por ser nomeado (ou não)

à Andressa e Rebeca, por tudo e ainda três criaturinhas que amo infinito

à Juliana Severo, pelo calor dos intervalos felizes de conversa e carinho, pelos cafés e além (e por me oportunizar conhecer Beto, Nelsinho, Cephora, Magnus e Bá)

à Julia Dutra, pelo amor que encoraja, que ri e inspira, e por tantas trocas que ainda faremos

à Cris (Maria Cristina Cavalcante), a quem não há linha e agulha que dê conta de tecer tanta gratidão. Te amo, Sócia.

Às trocas, encontros, amizades escutas que a APPOA abriu

à Turma XV do Percurso de Escola: vocês foram e são incríveis!

ao Cartel de Relações Étnico Raciais

às gurias da Secretaria e demais funcionários

à Maria Rosane Pereira, Liliane Fröemming, à Robson Pereira, à Lucy Linhares, à Jaime Betts e à Gerson Pinho

À família

Meus pais, irmãos, tias e toda tropa Barros e Soares pelos encontros e desencontros (quase sempre) amorosos e que me proporcionam viver na bolha. Ainda bem.

"este ano quero paz/No meu coração/Quem quiser ter um amigo/Que me dê a mão/O tempo passa e com ele/Caminhamos todos juntos/Sem parar/Nossos passos pelo chão/Vão ficar/Marcas do que se foi/Sonhos que vamos ter/Como todo dia nasce/Novo em cada amanhecer": "fui bem?"

Ao Mateus S, porque o sobrenome faz plural e é o tanto de diferença que pude contribuir para com esse mundo. Veio, és minha melhor criação.

Resumo

SOARES, Helena de Barros. Do Olhar à Escuta: considerações sobre Modas e Psicologias. 2023. 139p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, UFRGS, Porto Alegre.

Qual contribuição o campo psi pode dar para a atualização do(s) conceito(s) de moda? A presente tese apresenta elementos/conceito/noções (subjetividade, moda, ficção, corpo, rua e circulação) mais ou menos familiares ao campo psi e ao da moda para, desde o início, apontar falhas/fragmentações que evidenciam distanciamento ativo entre as áreas da questão acima. Os conceitos são tomados a partir de um posicionamento decolonial. Importa olhar para a produção de subjetividade pela moda com a cautela de não desconsiderar ideias já solidificadas desde que, ao serem atualizadas, preservem um núcleo de sentido para todos os grupos sociais trazendo à visibilidade literaturas constantemente apagadas pela disputa de narrativas próprias da produção de conhecimento e do pacto narcísico da branquitude. A partir de elementos da artesania, que trazem a moda para um lugar de desaceleração e memória de si mesma, propõe-se uma metodologia ponto-atrás que sugere a ocupação do espaço da encruzilhada que tanto vai ao passado como imagina futuros. Um ponto pode se desfazer por muitos motivos, ou pode desencadear longos e duradouros trabalhos. Por isso a escolha da costura de abordagens diversas do campo psis com diferentes perspectivas da moda, pois assim é possível expandir a imagem de modas à margem para ganhar espaço em disputas narrativas. O recurso da ficção foi escolhido para dar vida a uma personagem que mostra o vestir *street style*, porém por meio de um viés peculiar e mundano; um *street style* portoalegrense. A partir dos conceitos propostos, indo e vindo com a personagem Guacira, em direção mostrada por Rosana Paulino e Jardelina, são feitas costuras que mostram que o constrangimento do ver - da pulsão escópica - que alimenta a moda capitalista e norte-global, pode ampliar as possibilidades da ferramenta clínica da escuta. O trabalho das artistas plásticas Rosana Paulino e Jardelina da Silva – a primeira uma mulher negra que trabalha temáticas relevantes ao tema da diáspora africana e seus efeitos, e a segunda uma usuária de saúde mental que ganha alguma visibilidade em documentário produzido por Cristiane Mesquita –, são tomados como agulhas que dão direção, mas que andam associadas à linha. Essa última entendida pelo meu corpo de pesquisadora com a narrativa de Guacira. A costura é feita entre os distintos campos de saber-fazer apresentados e sua relação no espaço do presente considerando aspectos de ancestralidade como forma de expandir as possibilidades de reescrita do passado e futuro da moda para o campo psi.

Palavras-chave: moda, campo psi, ficção, olhar, escuta.

Abstract

SOARES, Helena de Barros. From Looking to Listening: considerations about Fashions and Psychologies. 139p. Thesis (PhD)– Instituto de Psicologia, UFRGS, Porto Alegre.

What contribution can the mental health field make to updating the concept(s) of fashion? This dissertation presents elements/concept/notions (subjectivity, fashion, fiction, body, street and circulation) that are relatively familiar to the mental health and fashion fields to, from the beginning, point out flaws/fragmentations that show active distancing between the fields. The concepts are approached from a decolonial perspective. It is essential to look at the production of subjectivity through fashion without disregarding established ideas, but updating them so as to preserve a core of meaning for all social groups, bringing to light epistemologies that are constantly suppressed by the dispute of narratives inherent to the production of knowledge and the narcissistic pact of whiteness. Based upon elements of craftsmanship, which bring fashion to a place of deceleration and memory of self, we propose a backstitch methodology that suggests occupying the crossroads space that both reaches into the past and imagines futures. A stitch can unravel for many reasons as well as unleash long-lasting works. Hence the choice of stitching various approaches of the mental health field to different perspectives of fashion - this allows us to expand the image of fashions beyond the margin to gain space in narrative disputes. The feature of fiction was chosen to give life to a character that illustrates the mundane dressing, the Porto Alegre street style. Based on the concepts proposed, along with the character Guacira and following the direction shown by Rosana Paulino and Jardelina, we make seams that show that the constraint of seeing, of the scopic drive that fuels the North-global, capitalist fashion, can expand the possibilities of listening as a clinical tool. In association with Guacira's narrative, the work of visual artists Rosana Paulino and Jardelina da Silva guided the research - the first, a black woman who works on issues concerning the African diaspora and its effects, and the second, a mental health service user who gained some visibility in a documentary produced by Cristiane Mesquita. The seam is made between the different fields of know-how presented and their relationship in the realm of the present, considering aspects of ancestry as a way to expand the possibilities of rewriting the past and future of fashion for the mental health field.

Keywords: fashion, mental health field, fiction, look, listening.

Resumen

SOARES, Helena de Barros. De mirar a escuchar: consideraciones sobre moda y psicologías. 2023. 139 f. Tesis (Doctorado) – Instituto de Psicología, UFRGS, Porto Alegre.

¿Qué contribución puede aportar el campo psi a la actualización del concepto o conceptos de moda? Esta tesis presenta elementos/concepto/nociones (subjetividad, moda, ficción, cuerpo, calle y circulación) relativamente familiares a los ámbitos psi y de la moda para, desde el inicio, señalar fallas/fragmentaciones que expresan un distanciamiento activo entre las áreas. Los conceptos parten de un posicionamiento decolonial. Es importante mirar la producción de subjetividad por la moda con la cautela de no desestimar ideas ya solidificadas puesto que, al actualizarse, preservan un núcleo de sentido para todos los grupos sociales trayendo a la visibilidad literaturas constantemente borradas por la disputa de narrativas propias de producción de conocimiento y el pacto narcisista de la blanquitud. Partiendo de elementos artesanales, que llevan a la moda a un lugar de desaceleración y memoria de sí misma, se propone una metodología de costura que sugiere ocupar el espacio de la encrucijada que a la vez va al pasado e imagina futuros. Una puntada puede deshacerse por muchas razones, o puede desencadenar un trabajo largo y duradero. De ahí la elección de tejer diversos enfoques del campo psis con diferentes perspectivas de la moda, porque así es posible ampliar la imagen de las modas en los márgenes para ganar espacio en las disputas narrativas. El recurso de la ficción fue elegido para dar vida a un personaje que muestra el mundano vestir, el estilo de la calle Portoalegrense. A partir de los conceptos propuestos, yendo y viniendo con el personaje Guacira, en dirección mostrada por Rosana Paulino y Jardelina, se hacen costuras que muestran que el pudor de ver -de la pulsión escópica- que alimenta la moda capitalista y norte-global, puede ampliar las posibilidades de la herramienta clínica de la escucha. La obra de las artistas plásticas Rosana Paulino y Jardelina da Silva -la primera, una mujer negra que trabaja temas relacionados con la diáspora africana y sus efectos, y la segunda, una usuaria de salud mental que adquiere cierta visibilidad en un documental producido por Cristiane Mesquita- se toman como agujas que dan dirección, pero que se asocian a la línea. Esta última entendida por mi cuerpo de investigadora con la narrativa de Guacira. La costura se hace entre los diferentes campos del savoir-faire presentados y su relación en el espacio del presente considerando aspectos de ancestralidad como forma de ampliar las posibilidades de reescribir el pasado y el futuro de la moda para el campo psi.

Palabras clave: moda, campo psi, ficción, mirar, escuchar.

Résumé

SOARES, Helena de Barros. Du regarder à l'écoute: réflexions sur les modes et les psychologies. 2023. 139p. Thèse (Doctorat) – Instituto de Psicologia, UFRGS, Porto Alegre.

Quelle contribution le domaine psy pourrait-il apporter dans l'actualisation de(s) concept(s) de la mode? Cette thèse présente des éléments / concepts / notions (subjectivité, mode, fiction, corps, rue et circulation) plus ou moins familières au domaine psy et à celui de la mode pour, dès le début, souligner des failles / fragmentations qui mettent en évidence l'éloignement actif entre les deux champs. Les concepts sont abordés selon un positionnement décolonial. Il est important de regarder la production de la subjectivité par la mode avec le soin de ne pas déconsidérer des idées déjà solidifiées, pourvu que, en les actualisant, elles préservent un noyau de sens pour tous les groupes sociaux rendant visible des littératures constamment effacées par le conflit des récits propre à la production de connaissance et au pacte narcissique de la blanchité. A partir d'éléments de l'artisanat – qui amènent la mode à un lieu de décélération et de mémoire d'elle-même –, on propose une méthodologie point arrière suggérant l'occupation de l'espace du carrefour, celui-ci remontant au passé tout en imaginant des avenirs. Un point peut se défaire pour plusieurs raisons ou peut entraîner des travaux longs et durables. Cela justifie le choix de coudre de diverses approches du domaine psy à de différentes perspectives de la mode, car il est possible ainsi d'étendre l'image des modes en marge afin de gagner de l'espace dans le conflit des récits. La ressource fictionnelle a été choisie pour donner vie à une personnage qui montre l'habillement mondain, le *streetstyle* de Porto Alegre. Partant des concepts proposés, avec le va-et-vient de la personnage Guacira et sous la direction donnée par Rosana Paulino et Jardelina, on a fait des coutures montrant que la gêne du regard – de la pulsion scopique – qui nourrit la mode capitaliste et le nord global peut élargir les possibilités de l'outil clinique de l'écoute. Le travail des artistes plasticiennes Rosana Paulino et Jardelina da Silva – la première, une femme noire travaillant des sujets rélevants à la diaspora africaine et ses effets ; la deuxième, une usagère du service de santé mentale gagnant une certaine visibilité au sein du documentaire produit par Cristiane Mesquita – sont prises en tant qu'aiguilles qui donnent la direction, mais qui sont aussi attachées au fil – ce dernier étant compris auprès du récit de Guacira. La couture est faite parmi les différents champs de savoir-faire présentés et leur rapport à l'espace présent tout en considérant des aspects de l'ancestralité en tant que forme d'étendre les possibilités de réécriture du passé et du futur de la mode pour le domaine psy.

Mots-clés : mode, domaine psy, fiction, regard, écoute.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: *Sandra Portto, sem nome* 15

Imagem 2: Carlos Edler, sem nome, 2021 20

Imagem 3: *Frame do filme "Estou me guardando para quando o carnaval chegar"* 51

Imagem 4: *Proteção extrema contra dor e sofrimento, Rosana Paulino, 2011* 52

Imagem 5: *Tecelãs, Rosana Paulino (2003)* 52

Imagem 6: *Tênis Balenciaga (2022)* 56

Imagem 7: *Poema de Dilson Corrêa dos Santos* **6**0

Imagem 8: *Fotografia de Leandro Rodrigues* 60

Imagem 9: *Cinco tipos de feijão* 61

Imagem 10: *Maxwell Alexandre, Golden Shower, Série Pardo é Papel (2019)* 62

Imagem 11: *Corredor de shopping* 67

Imagem 12: *Corredor de presídio* 67

Imagem 13: *Instalação no CRP/RS* 75

Imagens 14, 15, 16, 17: *Solange Gonçalves (2018), Instituto de Psicologia/UFRGS* *76*

Imagem 18: *Ponto de Exu Lalu, Godofredo Leal, 2011* *94*

Imagem 19: *Ponto de Exu Toquinho, Godofredo Leal, 2011* *94*

Imagem 20: *Ponto de Exu Pomba-gira Menina, Godofredo Leal, 2011* *94*

Imagem 21: *Ponto de Exu Tranca Gira, Godofredo Leal, 2011* *94*

Imagem 22: *Frame do filme "Jardelina, eu mesma", Cristiane Mesquita* 95

Imagem 23: *Jardelina da Silva* *99*

Imagem 24: *Vista aérea do lixão de roupas no Deserto do Atacama, Martin Bernetti* 101

Imagem 25: *Série Tecelãs, Rosana Paulino, 2004* *103*

Imagem 26: *Dançarino de breack* *105*

Imagem 27: *Série Assentamento, Rosana Paulino, 2013* 110

Imagem 28: *Capítulo "Porta dos fundos da confecção", Salma Soria, 2021* 113

Imagem 29, 30 e 31: *Juliano Moreira, Machado de Assis, Frantz Fanon* 118

Imagem 32: *Bisa Araci, Mitti Mendonça, bordado, 2020* 119

SUMÁRIO

Prá-logo **15**

INTRODUÇÃO **20**

Ela, Guacira **90**

Primeiro encontro **91**

Segundo encontro **97**

Terceiro encontro **101**

Quarto encontro **106**

Despedida: Adeus Guacira? **109**

2 Tramando saberes, conhecimentos e sabedorias **27**

2.1 A moda (de dentro) da vitrine **31**

2.2 No Corpo, as peles que vivem na rua **37**

2.3 Não cabe em Pantone **40**

2.4 Modos de ser, modos de estar e de se relacionar **47**

2.5 Menos ficção, mais fricção **50**

2.6 Psicologias, psicanálises e modas: plurais para vestir um texto **54**

3 Ponto atrás como metodologia para n(´)os bordar e costurar **72**

4 Da assepsia à moda: como atualizar conceitos? **112**

Eu fecho, tu abres, nós tramamos **120**

Uma carta para Guacira **126**

Referências **129**

Imagem 1: *Sem nome - Sandra Portto*

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.



PRÓLOGO

PRÁ-LOGO - ou uma peça-piloto que anuncia uma tese

Dois feriados se anunciaram em abril (2022). Organizei-me, de todas as formas que conhecia, me cercando de um ambiente o mais tranquilo possível, para encerrar a escrita da tese de doutorado, para arrematar ideias que, no entendimento de minha orientadora e meu, já estavam formuladas: chega, não falta nada. Aí é que mora um problema... A falta, essa invenção que ainda desejo me debruçar em pesquisas futuras, colocou minha geração de pesquisadores em uma posição de atualização de um certo tipo de sofrimento, a saber, a recriação da individualização do sofrimento. Os feriados não foram "suficientes" e precisei fazer esta escrita que se anuncia necessária antes mesmo da introdução da tese.

Na indústria têxtil a peça-piloto é a produção experimental de uma roupa, um protótipo. Uma equipe de profissionais, cada um com seu saber, passam por diferentes etapas que culminam em uma roupa que pode ou não vir a ser produzida em larga escala. Estilista concebe o desenho da peça, modelista concebe em duas dimensões cada pedaço dela, cortador/a corta os pedaços a partir de um molde de papel, costureira/o junta os pedaços e depois a peça é vestida por manequim, vivo ou não, para ser submetida a critérios que vão da qualidade de caimento e acabamentos ao potencial de vendagem. Ao final da produção da peça-piloto, há uma decisão em reproduzi-la ou não, mas ela em si não tem mais função. A peça-piloto não é um erro, mas pode ser errante no que tange aos destinos possíveis de sua existência.

Ao participar de um processo seletivo de doutorado eu evitava produzir uma pesquisa tal qual a indústria têxtil toma sua produção. Produzir mais uma pesquisa, mais um texto arquivado em uma base de dados com pouco acesso era (e é) um receio que ronda cada esforço para findar a tese. Inúmeros trabalhos, de meu campo de pesquisa e de outros, não conseguem "sair do papel", não têm suas pesquisas continuadas mesmo com pertinência social e em sintonia com as demandas da população. Este receio não é um medo de ter um trabalho como qualquer um. Aliás, ser mais um, pertencer a grupos e ter pares com os quais se trocam ideia é o que mais importa nesta ética que aponta para a coletividade. A questão que me tomou em paralisia da escrita durante dois feriados era a de ter minha escrita vítima, de algum modo, do desmonte que vem acontecendo nas políticas públicas (incluindo as de educação e pesquisa), e esse sentimento se expressou através desse receio de atualização da individualização do sofrimento de não-produtividade, de extrapolar prazos, de interromper escritas "publicáveis", de acreditar que tão somente o trabalho – sem erros - deveria existir em meu horizonte.

O que me levou a tomar um outro começo do texto que não o da introdução foi poder pensar que mesmo a elaboração de uma tese (logo um texto que apresenta uma mudança de pensamento referente a conceitos ou práticas em um campo de conhecimento) pode ser imperfeita, pode carregar seus próprios erros, incluindo a suspensão do trabalho. Isso é diferente de dizer que me faltava algo, que minha geração de colegas pesquisadores é insuficiente em alguma capacidade de produzir conhecimento. Não nos faltam ideias, críticas, estudo, desejo de aprender, estilos de escrita[1], capacidade de analisar e de sintetizar o contexto que nos circunda, recortar realidades de forma leal, imaginar soluções factíveis e paradoxalmente utópicas. Parafraseando o Mestre Noel Rosa, temos roupa para "este samba" que é a vida acadêmica, que nos exige ginga para compreender suas exigências, seus processos, suas burocracias e sua cultura.

No ano em que eu findava meu mestrado, a antropóloga Rosana Pinheiro-Machado publicava um texto na revista Carta Capital que falava sobre a vaidade na vida acadêmica e os efeitos subjetivos que tal "pecado" produzia. O texto repercutiu e gerou a ampliação desse debate. Mas mal sabíamos nós acadêmicos que os problemas elencados no texto ficariam menores perante o que estaria por vir. Corte de orçamentos do CNPq e da CAPES, redução de bolsas de estudo, intervenção na autonomia das Universidades Federais, descaso com o conhecimento científico como operador de soluções para redução dos danos da pandemia de Covid-19, são alguns dos atos institucionais que fragmentaram nossa capacidade de nos unirmos. Aceitar a individualização do sofrimento acadêmico pode significar cindir com a escuta da realidade dos colegas, impedir que a troca aconteça processualmente.

Não me faltou tempo. Não me faltou tempo. Nos faltou espaço para estarmos juntes, nos abraçarmos, tomarmos um cafezinho no bar do Jesus do Instituto de Psicologia antes da reunião do grupo de pesquisa. Faltou espaço para debatermos, para nos criticarmos e depois assumir um arrependimento do tom usado (o que muitas vezes produz laços importantes de trabalho e de vida), ou ao contrário, espaço para elogiar a escrita de um colega e depois poder dar senso de proporção ao seu esforço. Durante o mestrado, o edifício do Instituto de Psicologia da UFRGS foi submetido a reformas e, por isso, interditado: ficamos desalojados. Em minha turma, um dos efeitos foi o atraso de muitas bancas. A minha excedeu dois meses do prazo estipulado. A reforma era necessária e fomos contornando como possível, nos encontrando no

[1] A obra de Sandra Pôrtto abre este Prólogo, que estiliza a noção de tempo do trabalho, abre também as possibilidades de se pensar o conceito de estética, o espaço que ela ocupa na criação da roupa, dentre outras leituras.

bar do Antônio, nas caronas e nos ônibus, nos corredores da Faced (Faculdade de Educação) para onde várias disciplinas da Psico migraram. Mas o espaço do qual me refiro agora é outro.

A concepção de uma peça de roupas inicia na imaginação e, por isso, há expectativas de como será quando estiver pronta. Quando comecei essa escrita "prá logo" já havia iniciado a parte das considerações finais. Mesmo projetando uma expectativa de quais proposições eu conseguiria desenvolver, e sabendo que tenho condições para isso, o espaço que é o meu corpo falhou. A falha remete ao erro, não à falta. Eu tenho um corpo, um corpo que é composto de qualidades e defeitos que me tornam um corpo-de-pesquisadora, cuja obra ofertará à banca e ao banco de dados da Universidade algumas contribuições imperfeitas sobre moda e subjetividade. Dependendo de como a roupa é pensada, o erro tem lugar, mas no mercado capitalista de moda o erro quase sempre vira lixo, seja literal ou metaforicamente. Se meu corpo é falho, assim como uma roupa, ele pode não ter um lugar para existir, e assim a palavra não chega aos dedos que digitam e vira algo que está sobrando sem lugar no texto. Texto este que "é pra logo", para ontem, para o prazo que já venceu.

O estilista Ronaldo Fraga costuma contar que começou sua carreira desenhando modelos em uma loja de tecidos e que, na época, não entendia nada de moda, somente de desenho. Precisava do emprego, mas só tinha formação técnica em desenho industrial. Ronaldo é um contador de histórias e sua obra é conhecida por elementos de diversidade e política. Na loja de tecidos, as clientes lhe chegavam com pedidos vindos de revistas, mas sempre com alguma mudança em uma gola, no formato ou comprimento das mangas, ou trocando o caimento enviesado pelo godê. Em resumo, o pedido nada tinha de parecido com o modelo da revista, e Ronaldo precisava criar a partir dos elementos solicitados, do conhecimento que vinha adquirindo na loja sobre tecidos, e da imagem da cliente que lhe chegava. Sabendo pouco de moda, mas com muita vontade de saber das histórias das clientes, o Estilista inventou seu estilo de moda.

Dessa história interessa lembrar que, daquilo que não sabemos não precisa advir a ideia de falta. Daquilo que não sei sobre moda, e daquilo que ainda virei a estudar sobre escuta, o que importa é o que consigo costurar do que aprendi e daquilo que entendo que se faz questão ao campo da Psicologia Social. Uma das coisas que aprendi nesse processo de escrita é que ainda escreverei muito mais, que aquilo que li só me leva para reconstruir meu corpo e me reinventar nos grupos em que vou me inserindo, contribuindo, compondo.

Para que uma tese sobre moda e subjetividade pudesse se findar não está sendo necessário uma listagem daquilo que seria essencial saber, como diria Costanza Pascolato, sobre esses temas. Talvez, no máximo, um pouco de ar nos pulmões para que meu corpo pudesse lembrar daquilo que sei sobre moda e subjetividade e conseguisse então tecer algumas pequenas ideias para ampliar "nosso" conceito de escuta, pois nossas dores passam pelo corpo que mostra seu jeito de vestir.

A pandemia, sob gestão dos desgovernos federal, estadual e municipal, nos mostrou o quão cafona foram, e são, certos grupos que foram permitindo que a descoletivização ganhasse espaço. Este grupo que avança sobre o espaço de nossos corpos não está interessado na artesania da escrita, mas no fast fashion da produção de artigos, no e-commerce que torna currículos na última tendência de moda científica.

O medo que tomou meu corpo falho era o de findar uma tese que fosse cafona. E assim precisei escrever "prá ontem" só para me lembrar nestas linhas de que não caminhei só nestes anos. Muita gente Querida me leu, me escutou e foi lida, vista e escutada por mim. Caminhamos juntes na Borges de Medeiros (desde a Esquina Democrática) quando foi necessário, ou em um bar da Lapa em certo outubro de 2018. Também choramos juntes, nos isolamos juntes e depois vieram as fotografias de máscara para uma apresentação no Colóquio de Moda (em um GT inédito de moda sul-global). Meu corpo sobreviveu naquilo que se tornou um privilégio, o home office, mas nessa sobrevida escrevi sobre o lugar do analista fora das encruzilhadas: o que poderíamos fazer era a questão a se sustentar.

Somente sentindo isso tudo, fazendo um exercício diário de memória daquilo que realmente importa (estar juntes), é que é possível ter corpo para findar essa escrita, voltar à posição de escritora (pois o afastamento do texto me colocou em posição de leitora dele) e propor alguns arremates que possam fazer da tese algo possível de ser lido. Uma peça-piloto pode não carregar coisas essenciais, mas ainda assim é vestível. Pode não ser interessante ao mercado, mas foi produzida com o saber de pessoas que acumularam em seu corpo sua sabedoria técnica.

Imagem: *Carlos Edler, Sem nome, 2021*.

Fonte: Acervo pessoal



INTRODUÇÃO

Como pode uma mulher branca, cis, hetero, psicóloga e psicanalista e de classe média no Brasil ser agente na reescrita do conceito de moda a partir de uma perspectiva decolonial? Racializar os corpos que ocupam as vagas nas Universidades é um caminho possível para atualização de formas de produzir conhecimento. A urgência do tema de ações afirmativas para relações étnico-raciais como forma de reparação aos danos históricos a grupos minoritários é um tema central que percorre a escrita desta tese. Falarei como filha de costureira, mas também como filha de médico, como neta de casal inter-racial desquitado e de um casal de trabalhadores brancos, como sobrinha de mulheres que tentaram resistir a posições subalternas e de uma tia feminista. Falarei como mãe solo, que costura a maternidade durante a construção de uma carreira. Falarei como psicanalista, como consultora de estilo...: falarei como mulher que tem privilégios para propor um debate recente ou novo ao campo da psicologia social. De um lugar que fala[2], ocupo-o com a responsabilidade de sustentar aberturas de caminhos que eventualmente puder encruzilhar.

Um dos caminhos que percorro é o do interesse pela arte e pela artesania. A fotografia da página anterior marca a diferença entre meu corpo de pesquisadora, que vê os corpos vestidos e se interroga acerca de sua própria diferença deles: se a chuva cai posso dispor de uma capa de chuva, ao passo que, como no registro do fotógrafo, outros corpos se protegem precariamente com o plástico que embala produtos de *e-commerce.*

Durante a pandemia Covid-19 fiz parte do grupo que representa cerca de 10% da população (em meados de setembro de 2020) que pôde seguir em casa, sob o regime de distanciamento social radical, a saber, pelo trabalho em *home office*. Este privilégio é um desdobramento deste elemento e, mesmo que datando esta pesquisa, precisa ser elencado se quiser propor uma pesquisa com este viés.

Meu objetivo geral é o de poder olhar para o vestir da população de rua, sendo ela a representante de uma das extremidades do sistema da moda no que tange à circulação de peças de roupas (já que acolhem em seus corpos as peças de roupa que as populações com teto desapegam-se), e ter nesse olhar o material para discussão dos deslocamentos possíveis do

[2] Agradeço a pontuação-trocadilho feita pela Dra. Joana Bosak em meu projeto de qualificação.

antigo conceito de moda (conceito eurocentrado) para uma perspectiva do presente contemporânea e decolonial que acolha singulares modos de produção de subjetividade pela roupa, pela moda e pelo vestir. Se no passado os grupos subalternizados foram vistos pela antropologia como insurgentes em sua estética, tendo sido cunhada a noção de *street style* (que nomeia processos de resistência pelo vestir) por Ted Polhemus, atualmente, o mercado de moda (que é um fragmento do que podemos pensar como cultura de moda) captura este debate sintetizando em imagens consumíveis. Não se trata de fechar novos conceitos, mas de sustentar o debate.

Este estudo é uma via que separa e aproxima o conceito de moda e o campo Psi, buscando como estes campos contribuem para o refinamento de suas próprias ferramentas. Procuro pensar a partir de um olhar que tire a moda de certa estagnação e a o campo Psi de preconceitos. Estagnação esta mascarada pela efemeridade com que o capitalismo, encarnado bem além do mercado de moda, assimila suas próprias demandas de expansão. Até hoje o conceito foi fundamentalmente escrito a partir de transformações sociais eurocentradas, ou, no máximo, de mudanças do hemisfério norte do globo cujos impactos avançam para todo o resto. Mas olhar para algo que está quase morto, um corpo conceitual que pouco se move, é tarefa no mínimo desgastante. Por isso interessa a voz da rua, daqueles que pensam e vivem a roupa em criações estéticas como modo de existência.

Para tanto, criei uma personagem ficcional com quem conversarei e que me contará coisas da rua onde a roupa está atravessada. Ela será como uma representante, uma narradora, uma *griot*. A personagem se chama Guacira e estará comigo narrando e dialogando sobre o vestir. Guacira é uma figura viva que transmite o saber oral. Guacira é mulher negra, vive em seu quarto-marquize que se desloca quando a cidade demanda. Em seu corpo negro, Guacira oferece algumas condições para se pensar como pode nascer a moda. A singularidade de suas radicais experimentações estéticas sobre a pele podem ser ou não percebidos pela população que possui teto, rejeitados pelo preconceito ou ter outros destinos que precisam ser identificados. Um corpo negro é um corpo com cicatrizes que a diáspora africana provoca. Poder olhar o que cobre esta pele, permitindo olhar através do pequeno/grande volume que estas marcas deixam, mas ainda assim considerando o impossível da reconstrução de elementos culturais referenciais perdidos, talvez seja um modo de retomar escritas apagadas e silenciadas. Guacira é a afirmação viva da necessidade de se olhar para antigos conceitos e nos colocarmos a reescrevê-los. Guacira tem axé, me sacode em meus traços estagnados de mulher branca; o convívio com ela, com os seus, me desloca de meu lugar de saber (seja o da universidade, seja

o de psicanalista – que não se ilude com a ideia de ‘suposto saber’ que a Psicanálise se afirma estar posicionada) e me convida a olhá-la e escutá-la.

Um giro no olhar é preciso, mas é impossível ignorar quais ferramentas conceituais são capazes de resistir ao debate. Pois não se trata de matar o morto, mas de permanecer imóvel, com o braço estendido para quais filósofos, psicólogos, psicanalistas, sociólogos que contribuíram para a leitura dos processos de subjetivação, e segurar na mão daqueles que se dispuserem a avançar de olhos abertos e com coragem de escutar a crítica de negligências passadas. De Freud a Dolto, de Foucault a Bourdieu, de Flügel a Barthes, de Freyre a Lipovestsky, a ideia não é buscar nas literaturas mais reconhecidas pela academia alguma resposta, mas sim colocá-los a conversar com os pensadores que suas obras acabaram por apagar. Esta conversa, em razão do racismo estrutural, do epistemicidio e do apagamento consequente de algumas referências conceituais, não pode ser horizontal, para constitui-se em um debate justo. De Aimé Cesaire a Frantz Fanon, de Virginia Bicudo a Lélia Gonzales, de Abdias Nascimento a Muniz Sodré, de Maria do Carmo Paulino a Heloisa Helena de Oliveira Santos, há muitos nomes abertos ao debate intelectual que levanta questões para o nosso tempo.

Ocupar-me de Guacira em sua vontade de existir, de sua necessidade de ser vista, a partir de uma perspectiva ética estética e política é uma especificidade da pesquisa, mas que tem uma direção de girar decolonialmente estes elementos. Guacira comigo é linha, e para que não acabe a linha para bordar as palavras que ocuparão o texto, é preciso cuidado de alimentá-la. Pensar seu corpo gordo e negro exposto à rua em pleno pico da pandemia, em um contexto socioeconômico desprivilegiado de condições mínimas de subsistência é elemento de especificidade. Pensá-lo em contexto de políticas de estado perversas é ainda mais necessário em tempos de pandemia, sobretudo quando estas políticas vão no sentido contrário aos indicados pela Organização Mundial de Saúde, como foi a situação vivenciada no Brasil.

E na conversa entre autores decoloniais, e os demais, simpatizo com algumas vozes e recorto sons de outras. Da psicanálise de Françoise Dolto, de Paul Schilder e de Grada Kilomba me interessam a noção imagens inconscientes de um corpo. De Foucault me interessa os exercícios e práticas de si como práticas para a liberdade; e para pensar melhor a noção de liberdade interessam os textos de Frantz Fanon. Para entender a corporeidade e a experiência da oralidade interessam os escritos acerca do corpo como um território de axé, de Muniz Sodré. Ainda do mesmo autor (e de vários outros, como Carla Akotirene e Kimberlé Crenshaw) é importante pensar os imbricamentos e dificuldades da pesquisa a partir de uma ideia de

encruzilhada do pensamento nagô e da presença da entidade Exu como paradoxo para o eurocentrismo. A crítica à frivolidade e a relevância de um debate sobre quais tradições precisamos nos ocupar em manter através da memória são elementos que trarei de Achille Mbembe. Os efeitos recentes das políticas brasileiras e latinoamericanas no corpo que se veste serão pensadas a partir das provocações de Winnie Buenno, Rosana Pinheiro-Machado, Marielle Franco, Tatiana Roque, Juliana Borges, além dos contos do cotidiano de Luiz Antonio Simas e do vestir de Salma Soria. Para recomeçar uma escrita do conceito de moda interessam-me as escritas e falas de Heloisa Helena de Oliveira Santos, Cynthia Mariah, Maria do Carmo Paulino, Hanayrá Negreiros; e, a partir do que interessa manter, ainda que criticamente, vale considerar Roland Barthes, J.C. Flügel, George Simmel, Malcom Barnard, Gilberto Freyre, Gilda de Mello e Souza, dentre outros.

Esta é uma pesquisa onde convido Guacira para estar comigo. Ela generosamente empresta seu corpo-texto no encontro ao meu para juntas sermos linha. A linha é aquele fio que possibilita que diferentes coisas sejam unidas pela costura. Eventualmente o conteúdo achado, os conceitos e posições pertinentes podem parecem não ter nexo, semelhança: podem estranharem-se. A tentativa de um giro decolonial pode colocar diferentes em tensão e, para que as composições sejam possíveis, é preciso ter uma direção, um "Norte". Diferentes tramas possuem diferentes texturas, espessuras, maleabilidades, caimentos (características conhecidas dos têxteis) e, para reuni-las é preciso considerar as diferenças. Eu e Guacira precisamos de uma direção para que a linha una, componha ou ainda produza algum contorno, como um novo texto. Ser linha significa apresentar elementos e sustentar debate entre eles. O carretel precisa ser do tamanho da necessidade da discussão, mas sem pretender encerrá-la.

Eu e Guacira precisamos de direção e que ela seja uma alteridade em nosso corpo, ou que possamos ser alteridades que caminham com uma direção. E quem nos dá este sentido são nossas agulhas, onde tocamos nosso corpo, mas sem ser a mesma coisa. Na artesania a agulha é o objeto que carrega a linha e dá direção para a composição das tramas em costura. Nossas agulhas serão da obra artística de Rosana Paulino e da vida (narrada em documentário por Cristiane Mesquita) de Jardelina.

A arte têxtil de Rosana tem potência narrativa de uma *griot, uma djéli*. A arte faz aberturas, propõe rupturas que coloca a Psicologia a repensar seu lugar, sua função e sua capacidade enunciativa. Ela própria pode ir na direção da arte, escolhê-la como agulha, e dispor-se à errância ou refazer trajetos antes ignorados. O que o trabalho de Paulino produz

pode dirigir os sentidos que a roupa e a moda tiveram e tem nesse país. Filha de costureira, Rosana tem nos têxteis bem mais do que materiais para o trabalho de artista, pois ela "os usa" de diversas formas, como se constituída deles, nos convidando para seu mundo. Uma obra produzida na subjetividade de práticas do vestir, do labor da artesania em seu corpo de artista. O lugar de referência de uma *griot* não faz dela a única responsável pela direção, mas seu trabalho-corpo passa a ser passagem para ancestralidades outras, conhecimentos esquecidos e ignorados ou apagados de seu espaço de relevância social.

Jardelina da Silva tinha 73 anos no ano (2000) em que um documentário sobre sua vida foi feito. Teve uma vida pautada por muitas dificuldades, com série de internações, foi estuprada por quem deveria lhe cuidar. Construiu uma vida no interior de São Paulo onde vive a costura que lhe confere moldura, um corpo-moda. A vida de Jardelina encarna todo processo produtivo de algo além da cadeia da indústria têxtil. Algo que é do campo da cultura de moda e que extrapola limites de mercado. Jardelina é a moda e sua vida é a própria narrativa que também dá a direção para pesquisa. Ela produz suas roupas, seja "do zero" ou por customizações, depois as veste e desfila pelas ruas da cidade, e por último visita o fotógrafo onde registra suas criações como que em um editorial. Jardelina é a moda, é o mercado e a história, é manifestação antropológica, representa demandas sociológicas e tensiona estudos em saúde mental. Jardelina ensina mostrando, dirige caminhos possíveis de vidas vestidas; sua memória (já faleceu) é fluxo de ancestralidade, uma vida a ser lembrada em sua potência.

Rosana e Jardelina conferem ao meu diálogo com Guacira uma direção para o que olhar sobre o vestir a fim de que se possa tecer algumas considerações sobre o conceito de moda. O que importa olhar para a pessoa em situação de rua, sobre seus modos de vestir na rua na direção de uma reescrita do conceito de moda? O método aponta/dirige este olhar.

O método para esta pesquisa envolve a técnica da artesania, e a escolhida é a do ponto atrás. Tal técnica tem diferentes serventias: presta-se a unir tramas diferentes pela costura, e mostra uma imagem em uma superfície pelo bordado. O ponto atrás pressupõe que se vá além e depois retorne. Não é apenas um movimento de vai-vai com a agulha no tecido, de sobe e desce em furos inventados. O ponto atrás parte de um lugar escolhido pela agulha que fura o tecido e escolhe um ponto anterior para retornar e furar novamente a/as trama/s. Só depois a agulha avança. Na técnica da costura, que une tramas, um dos lados esconde do outro o lugar onde a agulha está, mas une os tecidos de maneira coesa, tornando resistente o trabalho de composição. Neste caso é o arremate que produz unidade entre os diferentes lados, tornando a

posição da agulha em uma centralidade-nó. O ponto atrás une as fibras com mais força. Só serve a união se forem respeitadas as particularidades de cada fibra, de cada trama. Só interessa costurar conceitos antigos (ditos cânones) se respeitarem o tempo da dor da invisibilidade.

No bordado a técnica é semelhante no avanço, recuo, escolha do lugar pela agulha; a diferença se dá no objetivo/serventia: não mais se trata de unir diferentes tramas, mas de perfurar uma para ali produzir uma nova imagem em sua superfície. O ponto atrás no bordado só permite fazer ver a intenção do último ponto depois que recuou em lugar anterior. Costurar sobre uma tela que não está em branco, mas ocupada por escritas ditadas pela branquitude[3], pelos autores eurocentrados que se ocuparam da temática e ganharam visibilidade na academia de moda em inúmeros cursos e encontros científicos pelo país e pelo mundo. Já a artesania da costura e do bordado nos emprestam o saber ancestral para viver o texto, pensar subjetividades do presente. Olhar para trás para poder avançar com segurança, evitando assim expansões desnecessárias. O percurso compartilhado e sentido é um caminho na direção do comum.

A escolha da técnica da artesania é coerência com a disponibilidade de ser linha e de encontrar direção de agulhas. Desejo a sutileza de olhar para o campo com ferramentas não utilizadas anteriormente, mas que já estavam lá. A questão étnico-racial é presença há milênios em produções incessantes de desigualdade social. O vestir é produção cultural, uma narrativa possível para se entender modos de subjetivação desde que passamos a cobrir e adornar nossos corpos. A Psicologia Social e a Psicanálise, mais novas como modos de ler o mundo, quando sacudidas pelo giro decolonial, precisam justificar suas novas escritas a partir de olhares para o mundo, que talvez já estivessem lá.

Eu e Guacira seremos linha, Rosana e Jardelina serão agulhas para uma discussão feita com a técnica do ponto atrás. Esta é uma pesquisa sobre atualização do conceito de moda e da noção de vestir, que pensa a relação que estabelecemos com as roupas através dos modos como vamos conhecendo e experenciando o mundo.

[3] O conceito de branquitude tem referência nos debates propostos por intelectuais como Frantz Fanon (1983) e, mais recentemente (no Brasil) por Maria Aparecida Bento (2007) (dentre outros), ambos trazidos nesta tese para discutir a identidade branca, a partir da posição de privilegio simbólico, subjetivo e material.

ELA, GUACIRA

Primeiro encontro.

No Centro de Porto Alegre há uma rua chamada Borges de Medeiros. Ela começa no Rio Guaíba e dele vai se afastando até recomeçar sua aproximação com o Rio?, pois a natureza fez uma orla em curva e o projeto urbanista escolheu não acompanhar tal desenho. Logo nas primeiras quadras, no cruzamento com a Rua da Praia – que não tem mais praia, pois o aterramento fez a orla se encolher -, desde as Diretas Já, há o espaço que Esquina Democrática. Um pouco mais adiante está o Viaduto Otávio Rocha, cuja inauguração foi em 1932. Por cima dele passa – e sem cruzar – a rua Duque de Caxias, que vem do Rio e passa pelo Palácio Piratini – residência do Governador do Estado -, pela Assembleia Legislativa e pela Catedral Metropolitana, isso antes de não se encruzilhar com a Borges.

Lá embaixo, na Borges de Medeiros, o Viaduto forma uma calçada coberta e, em suas entranhas, abriga pequenas lojas de comércio local: lojas de disco de vinil, fotocópia, brechós, lancheria. Na calçada coberta, dependendo de fatores socioeconômicos do momento em que cidade vive, bem como das diretrizes da administração pública, vivem pessoas em situação de rua.

A pé no trajeto Rio-zona Sul pela Borges encontrei Guacira. E, no primeiro momento, ela não me viu.

Eram muitos quartos-marquise[4] que se agrupavam lado a lado no Viaduto e o dela era o primeiro, desde a direção que eu percorria. Meu destino era o almoço com minha Avó, mas me desconcertei. Mal dei atenção à minha Velhinha! Almocei rapidamente, pois precisava voltar e ver Guacira novamente. Sentada em seu colchão, em uma postura rigorosamente firme (ainda que tivesse, meio que contraditoriamente, malemolência) e altiva, estava plena de si. Seu cabelo era de tamanho médio em um *black* que crescia livre, seu vestido era preto de malha com alças gastas e na pele Guacira vestia sujeira e terra. E foi esse o primeiro traço a me gritar aos olhos. Gritar, pois se os olhos leem uma imagem, a sujeira e a terra estavam em sua pele como o ineditismo de uma roupa que surpreende. Mulher negra, com cerca de 55 anos, gorda, vestida de terra e plena em seu lugar. Não notou a mim, nem a ninguém que passava. Não que

[4] O termo foi cunhado por Conceição Evaristo no conto *** do livro Olhos D'Água.

Guacira estivesse delirante, ausente, embriagada ou coisa do gênero das avaliações de brancos diagnósticos, mas ela parecia ter em si tudo o que precisava naquele momento. Não digo com isso que ela se bastasse, que a miséria e a fome não atravessavam sua existência-luta, mas havia algo nela que não precisava, que se bastava, que poderia ofertar. Guacira era elegante e pronto. Talvez esse seja o motivo pelo qual eu precisava voltar a vê-la. Um misto de curiosidade de pesquisadora e fascínio de pessoa atravessada pelos signos da moda.

Foi então que no retorno do almoço resolvi tomar meus passos mais curtos, mais lentos, como que pisando em terreno desconhecido. Me sentia meio nua, sabe. Mas se não dá para saber, talvez seja melhor explicar. Eu vestia calça jeans, camisa masculina azul bebê, um sapato confortável de marca que ganhei usado de uma Tia, e uma bolsa de tecido marrom, feita por minha mãe, usada atravessada. Um *look* despretensioso, mas que é como que escrevesse na testa de quem usa "me acho *cool*". Acredito que há poucas coisas tão ridículas do que a imagem que se quer despretensiosa, mas que em si carrega elementos esperados da cultura. É o ridículo do cotidiano, pois o alimentamos sem nos darmos conta e essa composição, na verdade, constitui a possibilidade de circulação na *polis,* porque por algum motivo é plenamente aceita. Ainda que eu vestisse uma composição de peças normalizada e possível, não fazia mais sentido que eu a estivesse usando. Como que de um instante ao outro, no cruzamento com Guacira – mesmo que ela me ignorasse -, o sentido de normal tivesse se reconfigurado em meu corpo; nenhuma das peças e, ao mesmo tempo, a composição que pude arranjar entre elas criando uma imagem de sujeita vestida, pudesse mais circular normalmente pelas ruas. A sensação de não ter um argumento em uma discussão ou de não ter nada para vestir se presentificaram de maneira radical para mim. Eu estava nua.

Desde o almoço tentava estruturar um objetivo para quem sabe, pensar em um modo menos invasivo de conversar com Guacira, mas estava tomada do ímpeto da curiosidade. Senti que deveria ir e fui. Portando, nenhuma palavra prevista e vestindo nenhuma roupa que servisse ao encontro, levei meu corpo em passos curtos e lentos pelo caminho de volta à Borges de Medeiros. Passei por cada quarto-marquise me esforçando para não observá-los. Era como se meu olhar de pesquisadora fosse invadir a moradia de alguém que não tinha me convidado. Como a chegada do recenseador do IBGE que não marca horário e talvez constranja moradores com suas perguntas: por mais que saibamos da relevância dos dados em uma coletividade, da discrição do anonimato e do cuidado do/da entrevistador/a com a aproximação e o processo, a casa é um lugar sagrado.

O canto do olho, vulgo olhar periférico, me dizia que o grupo que ali se aquilombava tinha o gosto pela casa. Tinham muitos objetos e móveis, além de colchões e muitas sacolas contendo muitas roupas. Com isso tive a sensação de ir chegando a uma pequena cidade, observando se as casas têm detalhes arquitetônicos identificáveis, se os transeuntes têm características em comum. Parece que o olho vai buscar o comum. Não era isso que eu queria e ao mesmo tempo não podia evitar. E segui caminhando...

Quando cheguei há uns 10 metros de distância, vi que ela ainda estava lá, mas agora de costas para a rua, de pé sobre seu colchão, tinha uma mão na testa olhando para o chão. Parecia procurar algo. Titubeei em me aproximar, mas fui assim mesmo:

“Boa tarde”

“Fía, tô procurando uma coisa...”

Entendi que não era o momento oportuno para abordá-la, mas ao mesmo tempo uma curiosidade do que seria o tal objeto perdido me fez perguntar:

“Posso perguntar o que a Senhora procura?”

“Pode, ora. Mas pra quê?”

“Às vezes tá na cara da gente e a gente não consegue achar”

“É mesmo... É a marmita pra esquentar o feijão que a Dona me traz às veiz essa hora”

“É aquele caído ali do lado do colchão?” Estava razoavelmente visível, talvez ela tivesse algum problema de visão.

“Esse mesmo, Fía!”

“Meu nome é Helena. Qual o seu?”

“Guacira”

“Eu passei aqui pouco antes e vi a Senhora sentada. Fiquei com vontade de puxar conversa mesmo.”

“Ah é! A gente que tá aqui não conversa muito com quem ta aí.”

“Aqui onde?”

“Aí...” Aponta o espaço que eu ocupo na calçada com o queixo, como que houvesse uma linha imaginária nos separando.

“Ah... Entendi... E pode conversar um pouco?”

“Sempre pode... É que fui não querendo mais, sabe... Perdendo as vontade... A Fía tá com vontade né... Quer perguntar alguma coisa?”

“Quero, mas sabe que nem sei o que! Vou dizer... Achei a Senhora elegante quando vi antes. E continuo achando, sabe.”

“Ah é... Tenho esse jeito de quem tá usando rôpa de butique.” E solta uma gargalhada. Eu rio junto. E rimos juntas. E continuo:

.“É... boutique parece que diz que a gente tem que se vestir com o que tem lá dentro pra eles venderem né”.

“É..., mas não tem.”

Silencia. Olha para o horizonte como fazia quando a vi primeiro, e volta a falar:

“Tem ninguém, nem nada que possa dizer como a gente tem que vestir. Nem espeio.”

“Ah é... Como a Senhora escolheu o que vestir hoje?”

“Tá, vou te contar... Helena né...”. Deduzo que ela tenha falado isso como quem quer aquietar alguma impertinência minha..

“Isso...”

“É que não é hoje... Eu me visto... Às veiz dura uns seis ou sete dias. Sou gorda e tenho calor, aí troco um vestidinho que dá calor por outro bonito que escolho ali do saco. Mas isso aqui – toca a pele, mostrando que a terra que lhe recobre é algo em sua história sobre o vestir – fica mais tempo.”

“Fica quanto tempo?”

“O tempo que der, que ninguém me encher o saco dizendo que to fedendo, que tenho que procurar outro lugar pra mim. Tô ficando cansada, Fía, quero ficar por aqui mesmo.”

“É sujeira?”

“É também né. Mas é essa terra daí.” E aponta novamente com o queixo para o lugar onde ocupo meus pés.

“Terra?!”

“É, terra, ora. Precisa muito pra me convencê di tirar... Vou trocando a roupa pra tapear eles, mas ela vai ficando.” E solta outra gargalhada, gorda como ela. Uma vontade de rir junto, sabe. Mas para mim é difícil rir agora.

É difícil rir, achar graça naquilo que não nos é comum. Estamos em lugares diferentes agora. Eu vestida de uma roupa pensada para ser despretensiosa, enquanto ela veste terra, o signo branco de falta de assepsia, de limpeza.

Seguimos conversando... Guacira se senta e diz que vai comer a quentinha “da Dona” porque ainda está quente, mas que eu posso ficar ali e diz que gosta de companhia para o almoço.

“Eu também, Guacira. Gosto de um bom papo pra esticar a refeição.”

“Tu sabe que hoje eu queria mesmo trocar esse vestido. É assim (e pega a alça do vestido com desdém) meio sem graça e quero colocar uma saia com flores que eu tenho.”

“Quer colocar com que blusa?”

“Não sei se ainda tenho uma azul. Tem uma renda aqui perto do decote.” E aponta para o colo.

“Tu disse que a terra é roupa também? Foi isso mesmo?”

“Foi... Tem umas pessoas aí que diz que é pros homi não pegá a gente. Ta... eles não quer mesmo mulher com a pele assim. Quer umas recém chegada que não sabe das coisa. Elas sabe do pior jeito.”

“Estupro, Guacira?”

“É... chegam cas rôpa cheirosa e a pele lisa. Eu sou toda crespa.” E solta outra risada. Quase engasga com a comida. E segue conversando e comendo.

“Todinha crespa.” E olha para a própria cintura, como que descrevendo as dobras de carne de seu corpo gordo como texturas de cabelo. “O que não é crespo fica com a terra em cima. Vou ficando, vou andando... e a terra vai encrespando a pele. Vou ficando mais crespa.”

“E teu cabelo? É crespo também?”

“Cabelo não... É assim fininho, ó. Não encrespa. Bonito né. Queria fazer as trança.”

“Tu que faz?”

“Faço! Era bom ter quem fizesse né.”

“Quem fazia pra ti?”

“Tia, mãe, vó!” Diz isso como se fosse algo óbvio.

“Toda família faz!”

“Toda também não.”

“E fica bem em ti né”.

“Ah... fica né. Quem fica bem cas trança é meu filho”

“Tá por aqui contigo?”

“Não... às veis ele passa aqui e fala comigo. Mas tem coisa dele.”

“Ele mora na rua, Guacira?”

“Agora num sei. Vai e volta. Ele gosta dos luxo, sabe. Aí resolve trabalhar nas coisa da moda, ganha os troco dele e sai da rua. Mas num tá fácil pra ninguém. Ontem passou aqui.”

“É parecido contigo?”

“Eu acho. Mas é Magrão.”

“Guacira, posso voltar amanhã essa hora pra continuar o papo?”

“Não vou sair daqui.” E rimos juntas. Mas eu penso que talvez ela saia. Nos encontramos. Guacira se mostra. E quero lhe conhecer. Saindo ou não, ela vai estar com outra roupa. Eu não posso perder isso.

Segundo encontro.

No dia seguinte almocei um lanche correndo e segui pela Borges pra encontrar Guacira. Sentada no colchão novamente em seu quarto-marquize ela vestia sua saia de flores e uma blusa rosa. O ombro meio aparecendo em um gesto de segurança com seu corpo. Novamente plena de si, de corpo e seu vestir. Me vê e nem bola... Talvez o problema de visão, talvez não ligue mesmo. Talvez simplesmente não tenha fixado minha fisionomia ou se interessado em nossa conversa.

“Bom dia, Guacira.”

“Diiia!” Olha para cima para meu rosto e não dá muita importância, enquanto eu estava cheia de curiosidade.

“Que lindeza essa blusa rosa.”

“A azul a vizinha pegou. Diz que não, mas eu vi.”

“Eita... E tu gostava dela né. Que pena...”

“A rua é assim. É assim. Hoje veio marmita da Dona de novo!” Muda de assunto repentinamente. Não quer falar da blusa roubada.

“Ontem parecia boa.” (Me referi à marmita)

“E tava! Tinha couve picadinha com o feijão. Hoje ela diz que tem galinha ensopada.”

“Bah... quando tá bem temperada é boa né.”

“Sim! A Dona tempera bem direitinho. Parece a galinhada da Vera. Uma amiga minha, sabe.”

“E comida de amiga é bom!”

“A da Vera é uma delícia. Te falei do Magrão ontem né. Ele passou aqui depois. Tá bonito ele.”

“Que legal, Guacira. Ele tá bem?”

“Tá...” (fala quase nada, mas seus olhos alcançam o infinito)

“Me conta... Como ele é?”

“É Magrão, hahahah – a gargalhada é escutada lá do final do Viaduto – É alto, magro e anda agora com um boné do Senna, sabe.” Solta uma risada solta, menos alta. “Tá se achando moderno com uma calça preta que ganhou e aquele boné.”

“Sei, aquele azul do banco né?” E a imagem do boné promocional do extinto Banco Nacional me vem à mente.

“Esse!” E solta outra risada, como se encontrasse a imagem em sua imaginação. Um afeto que não dá para reconhecer, se é saudade, orgulho, deboche ou a memória boa do convívio. “Tava com a jaqueta dele.”

“Jaqueta? É antiga?”

“Ele comprou quando a gente morava no pátio da Mãe. Foi segundo ou terceiro salário que ele torrou quase todo por aquela jaqueta. De couro, sabe, ligítimu. Olha... faz uns bons 15 anos. Começou no Zanella[5] fazendo de um tudo. A Mãe cuidava pra ele não faltar escola, mas às vezes ficava cansado e não ia. Comprou as coisinha dele, ajudou a Mãe eu. Às veis ajudava na luz, às veis trazia umas coisa boa do Zanella. Aí saiu de lá e foi pro Centro num escritório. Dizia que ficava perto dum curso que ia fazer, mas aí já viu né.”

“Tu só teve ele, Guacira?”

“Só, Moça. Eu cuidei muito, sabe. Nem queria ter nenhum, mas veio ele.”

“Cuidou pra não ter?”

“É, e dele também. Meu Pretinho era gordinho dos danone que eu levava. A Mãe fazia mingau e aveia e ovinho cozido das nossa galinha. Ele adorava. Brincava cos primo no pátio.”

“Depois ele ficou Magrão.”

“Hahahaha, isso! O nome dele é Everson.”

“Guacira... E tua Mãe?”

Guacira fica séria e se fecha. Não parece ser assunto pra se falar com pessoa estranha ou com ninguém. Fico constrangida e mudo de assunto, procurando demostrar que entendi a lição, mas que sigo querendo conversar.

[5] Supermercado do bairro Restinga em Porto Alegre.

“Aí ele vem te ver... Te procura sempre?

“Depois que a gente teve que sair de lá (Guacira parece estar falando de parte do que eu havia perguntado, mesmo sem responder. Eu lembro do - Leonel - Brizola que só respondia o que queria, mas se mantinha no tema proposto) – eu não conseguia olhar ele. Não tava mais na cozinha do Colégio. Fui prum restaurante lá no Partenon e morava lá perto. Dividia com duas colega. Uma delas tinha uma guriazinha também. Ele brincava com a menininha que nem fosse irmã. A gente se ajudava, mas foi ficando apertado...”

“Tu trabalhava em cozinha?”

“Era merendera. Aquela zuera me incomodava, mas eu gostava – solta uma gargalhada solta. As criança tudo pedindo, sabe. Às veis me enlouquecia, ia pros caps. Sempre tomava os remédio direitim. Os dotor gostava di mim porque eu sempre tava rindo. Quando me fecho sai de perto. Mas aí nem ia pros grupo. Aí a Mãe olhava o Magrão.”

“Ela te ajudava muito né...”

Guacira faz que sim com a cabeça em um gesto curto e ligeiro, como que não quisesse falar sobre, pois é muito doloroso.

“Me conta... Tu gosta das panelas é...”

“Das panelas e dos garfo – solta outra risada...”

Eu rio junto com ela.

“Guacira... tu já viu que eu sou uma curiosa né – eu rio e ela sorri – pois vou te contar que sou psicóloga... Mas eu gosto mesmo de roupa, eu estudo isso. Por isso que te perguntei do vestido, da blusa, da terra na pele...”

“E queria saber do boné do Magrão... Tu sabe... tinha que conhecer o Rogério... Ele sim tinha jeito com as roupa...”

“Me conta... quem é o Rogério?”

Guacira sorri em silêncio e parece ter se arrependido de ter citado o nome de Rogério. Como se fosse um segredo.

“Um amigo meu. Ele usava umas ropa muito locas. Usava uns casaco de brilho, de paetê sabe... Colocava uma coisa em cima da outra e ficava tão lindo!”

“Um amigo bonito e estiloso?”

“Isso!”

Guacira não fala, mas seus olhos mostram um afeto ainda vivo por Rogério.

“Me conta dessas roupas do Rogério, Guacira...”

“Ah... ele usava muito preto. Mas usava colorido também. Dia desses eu vi ele passando do outro lado da rua... A gente é amigo lá de perto da Mãe, sabe. Se cruzava nos samba, no terreiro e nos caps. Eu gostava dele e ele sabia. A gente até ficou junto uma vez”.

E abre um sorriso enorme, sem a gargalhada que preenche a calçada inteira. Esse riso é só de Guacira.

E continua...

“O Rogério... (faz um gesto com o ombro, o mesmo desnudo com sensualidade sob a blusa rosa) ele pega umas ropa que ganha e inventa um jeito de usar que só ele sabe. Mistura um monte de coisas, mesmo quando tá fazendo calor, e parece que tá numa passarela. Eu dizia que ele parecia modelo de passarela.”

“Dá pra imaginar como ele é Guacira. Que bonito!”

“Bonitão!”

Sinto que cheguei na hora da comida e encurto a conversa. Agradeço o papo e pergunto se posso voltar de novo. Guacira sorri para mim e nos despedimos.

No dia seguinte chego ao Centro no horário comercial das 9h. As lojas estão abrindo. Desembarco do ônibus no Camelódromo da Voluntários da Pátria e “subo” pela Vigário José Inácio para acessar a Rua Otávio Rocha. Caminhando por essa rua eu vejo na minha frente um homem vestindo calça jeans, botas e jaqueta de couro preto e um boné azul do banco Nacional: o boné usado por Ayrton Senna da Silva, piloto brasileiro de Fórmula 1, patrocinado pelo banco no início dos anos 1990. Só consigo pensar que fosse Evenson, o Magrão. Andava com passos pouco firmes, pouco mais alto que eu (cerca de 1,75m). Tinha direção, mas pouca segurança. Um estilo que tentava transparecer certa malandragem, mas cuja insegurança diluía tal

intensão. Depois de escutar Guacira contar sobre o filho, vê-lo me despertou um sentimento assistencialista, beirando à pena. Como se eu, mulher branca, tivesse algo a fazer por aquele corpo vagando pelo Centro sem parecer ter rumo. Mas não pude sequer lhe dar bom dia.

Terceiro encontro.

Depois do segundo encontro com Guacira a curiosidade não diminui. Sua elegância é magnética aos olhos e suas histórias aos ouvidos. Não tive a mesma coragem para abordar e conversar com Everson (o Magrão), seu filho. Era como se a aproximação dele infligisse um risco de desmoronamento daquele corpo. Caminhei um pouco atrás dele, observei-o, vi semelhanças físicas com sua Mãe, tentei criar alguma estória que desse sentido ao seu percurso, mas a conexão com suas (im)possibilidades, suas possíveis relações com a cidade foram poucas. Achei-o mais magro do que os olhos de Guacira me mostraram e menos bonito que seu amor desenhou. E isso é esperado de uma maternidade senso-comum. Parte dela é comum. Entendi que meu encontro com ela se dava por seu modo de se apresentar ao mundo e todas as estórias que ela contava passariam a ser toda história que era preciso estar escrita. O comum pode ser extraordinário dependendo de como queremos que seja imaginado pelo Outro, e de como podemos expressar. Além de elegante, Guacira é uma contadora de histórias. Ela é a autora de sua vida, mesmo quando foi interrompida, cerceada ou roubada; deixou sua marca nas pessoas com quem conviveu.

No dia em que vejo Everson na Otávio Rocha, logo depois das bancas de flores, preciso cumprir atividades do doutorado com prazo e escolho não encontrar Guacira. Nosso encontro merece calma. Parte de mim sente receio de não a encontrar mais. Com a incerteza das políticas perversas de Estado da gestão da Prefeitura alguma ação de remoção de pessoas em situação de rua pode acontecer inesperadamente. Eu não saberia como reencontrá-la, pois, além das ações desorganizadas do Estado, eu desconheço os caminhos possíveis para realocação dessas pessoas. Me programo para o dia seguinte almoçar muito cedo e encontrá-la após sua refeição. Entendo que poderia estar atrapalhando sua refeição chegando ali às 12h.

Era uma quinta-feira nublada. A temperatura diminuiu muito rapidamente e eu vestia a mesma calça jeans, um sapato bege do modelo Oxford, camisa estampada e blusão tricotado (ambos feitos pelas mãos de minha mãe) e casaco vintage da marca caxiense Alfred (herdado da mãe de uma amiga). A história do casaco, além do fato de ter vestido a Avó de minha

Comadre, é do (re)encontro com sua estilista. Em um Simpósio na UCS em Caxias do Sul em 2012, fui convidada a contar sobre meu trabalho, o Brechó de Troca. Ana Mery de Carli, então professora da instituição, me fez o convite e me recebeu. Quando me viu vestindo o casaco ficou observando-o, então contei que ele era da marca local. Ela perguntou a idade dele e depois comentou emocionada que nesta época era a estilista da Alfred: eu vestia a pessoa que me olhava. Me senti mais acertada na decisão da roupa que gostaria de usar no encontro com Guacira. Torci para que não fosse à toa. Mas se fosse, eu estaria vestida para a possibilidade da frustração. Pouco antes das 13h me desloquei a pé ao seu encontro. O dia frio e nublado parece ter dado agitação aos corpos na rua. As pessoas caminhavam mais ligeiro. Ventava e os ambulantes se encolhiam e protegiam suas mercadorias. De longe vi que o aquilombamento seguia em seus quartos-marquise no Viaduto da Borges. Guacira estava em seu colchão; vestia um blusão de gole rolê azul marinho e cobria as pernas com um edredom surrado de cor clara com estampa floreada miudinha. Um pedaço de seu pé à mostra estava nu.

“Oi Guacira, tudo bem?”

“Olha a Moça aí! Tudo...”

“Já almoçou?”

“Já comi sim.”

“Que bom. Hoje a Dona mandou comida?”

“Nada... Esfria e ela fica com preguiça de cozinhar. Foi o Moço que traz sopa no sábado que passou aqui e perguntou quem precisava de comida. Ainda bem que eu pedi.”

“Puxa... Que bom que esse Moço veio...”

“A gente precisa dessas pessoa, Fía.”

Fizemos silêncio. Senti uma necessidade de falar algo e nada ao mesmo tempo. E depois continuei.

“Guacira, eu acho que vi teu filho ontem na Otávio. Um rapaz exatamente com a descrição que tu me fez. Jaqueta, boné do Senna... Não achei alto como tu contou, mas magro e parecido contigo.”

Seus olhos fixaram-se em mim. Escutava cada palavra e ao final sorriu sem mostrar os dentes.

“Tu é alta, Fía... Era ele sim... O outro dia me disse que tá pousando num amigo ali na Riachuelo. Disse que vinha me ver mais. Naaaada... Eu só espero...” E solta uma gargalhada.

“Mas que Guri, Guacira!” E solto uma gargalhada também. Por que não estar com ela em um estado de possibilidade de vida? Não sei se entendo o jeito como ela sente saudade sem melancolia, mas aprendo com ela e isso é uma coisa importante.

“Então ele vive inventando as modas dele que nem a Mãe?”, continuo.

“Na verdade eu não sei se invento as moda, Fía. Eu sou merendera: sei cuzinhar. Me viro numas limpeza, numas costura, mas o Magrão é ôtra coisa. Ele faz umas coisa diferente qui eu não conheço. Quando ia entrar naquele Parobé, tava todo empolgado..., dizia que ia fazer isso e aquilo, que o escritório ajudava pra ele pudê estudá lá. E ajudava... Mas aí tem os disvio né... Sempre têm os disviu. Importante é que tá com saúde.” E sorri sem gargalhada, como se tivessem roubando algo dela.

“Tu me contou que no apartamento com as gurias do restaurante ele já tava maior né.”

“Tava... Tinha terminado os estudo e tava trabalhando. Mas só falava nos curso do Parobé, que podia ganhar muito mais e que ia me ajudar. Eu nunca pedi ajuda, mas ele é um guri bom, um guri que gostava da Vó.”

“Tua mãe é falecida, Guacira?”

Fecha a expressão, mas responde: “É... adoeceu das variz e foi piorando. Uns diz que foi coração. Foi ligero demais. E depois não deu mais pra ficar no pátio. Briga, sabe... E muita saudade.” Essa saudade não é alegre como a que sente de Magrão. Guacira sente sua Mãe próxima e longe, como uma memória que precisa estar viva, que não pode se transformar em lembrança.

“Sinto muito... Quanto tempo faz, Guacira. Se eu posso perguntar...”

“Uns 10, 12 ano. Tava boa num dia com aqueles pernão em cima do banco, e noutro dia não aguentou a dor e foi pro hospital. Aquele lugar...” Faz uma expressão de raiva e tristeza. “Ficou dois dia só falando. Depois apagou os óio. Disseram que não podia ficar acordada, que era pior pra ela. Não sei se acredito. Não se dispidiu nem de mim! Meus irmão não tiveram tempo de ver no hospital. Eu conseguia porque a diretora conhecia ela. Uma semana e tava num caixão. Não gosto de dotô.” Fica séria e não me olha.

E se não me olha entendo que há algo impossível e terrível que está em seu silêncio. Testemunho e calo. A dor da morte precoce de um ente querido, a indignação da explicação que não dá conta, os protocolos institucionais, tudo são coisas agressivas para qualquer pessoa (e eu preciso falar com ela, meu corpo precisa falar pretuguês para tentar entender, me aproximar disso que o silêncio carrega). Muito se escreveu sobre. E muito ainda precisa ser escrito. Mas sinto ela comigo, eu ali em seu quarto-marquise e nem sinal dela se incomodar com minha presença. Então fico e proponho mudança de conversa para aquilo que parece comum a muitas mulheres: afetividade e roupas.

“Guacira, tu falou que conheceu o Rogério... Rogério né...” Sorrio e continuo. “E que ele é estiloso, quem sabe bonito... Te pergunto porque essas coisas de roupa me interessam sabe... E cá entre nós, homens aqui no Sul que valorizam as roupas que vestem não é lá tão comum.”

Guacira abre um tímido sorriso. Essa história parece muito íntima e eu não sou. Mas o que falei foi verdadeiro, então sigo escutando. Quem sabe ela segue falando.

“O Rogério conheci nos CAPS. Lá no apê as guria me disseram que ia ser bom pra mim continuar, qui eu já ia desde lá na Tinga. Era muita coisa pra eu e o Magrão: muita conta, muita criança, muito trabalho. Não tinha a mãe. Tinha uma dotôra legal que deixava eu ajudar nos lanche. Mas não era bom. Tinha uns loco que implicava com meus cabelo e eu não deixava barato.”

“O que tu fazia, Guacira?”

“Empurrava, dava uns grito...” E solta uma gargalhada gorda como ela. E rimos muito juntas, de doer a barriga. Mas sinto que o papo sobre Rogério está ali quase escapando, quase voltando. Resolvo arriscar, pois ela não se negou a começar a conversar sobre ele, e ainda por cima trouxe outros assuntos importantes. É como se a gente estivesse em uma cozinha virtual tomando um café que ela passou depois do almoço enquanto eu lavo a louça.

“Tá Guacira, mas tu tá só me enrolando... E o Rogério? Eu acho que ele não te incomodava. Tô muito errada?” Sorrio sem mostrar os dentes e com a sobrancelha arqueada.

“Ô, Guria!” E solta/soltamos uma gargalhada. “Rogério vinha de não-sei-onde e ia pra fui-e-não-sei-quando-volto assim...” Estala os dedos ao mesmo tempo com que fala. “Um preto bonito, que sabe qui é. Mi olhava, não me zoava e veis inquando tomava uns café comigo. Se eu fizesse minhas rosquinha ele ficava mais que eu sei. Ele pegava as rôpa que as dotôra

deixava lá pra gente escolhê e montava duns jeito muito loco e bonito. Ele gostava que eu olhava pra ele e achava bonita essas rôpa dele. Ele colocava umas por cima das ôtra...". Faz um gesto em cima dos ombros mostrando um volume como se a sobreposição parecesse com ombreiras. "E na parte debaixo sempre ficava menor. Às veis exagerava e saía cumas coisa que parecia capa. Não era feio, sabe, é mais pela rua mesmo. Ele parecia que tava num palco. Ele sabia cantar. Pegava o violão, mas não saía nada. Queria perguntar se ele sabia tocar, mas ele nunca chegava mais perto." Faz uma pausa que quase mostra uma melancolia e segue. "Mas ele gostava dum preto, dum brilho, sabe. Eta Preto que gostava de aparecer. Tinha um pano di veludo preto com uns brilhinho pequenininho que parecia estelinha do céu. Ele colocava por cima e ficava tão fino..."

"Parece rôpa de show né, Guacira. E tu não tem visto mais ele?"

"Sim!! Ele vive caminhando por aqui... Quando ele aparece ali do outro lado eu solto um grito pra ver se ele vem me ver. Às vez vem, mas sempre escuta, que eu sei... E fica todo pomposo." Solta mais uma gargalhada que para mim é quase incompreensível, mas é contagiante demais para não rir junto.

"Eta homem orgulhoso, né".

"É lindo, Fía!!! Afe!" E revira os olhos.

"Ah, Guacira...Ta muito bom o papo, mas preciso continuar trabalhando. Eu volto, hein!"

"Isso, Fía, vorta...".

Não precisava mais nada naquele dia. No máximo escrever esse encontro.

Quarto encontro.

Guacira e eu nos encontramos e isso é muito.

Hoje visto preto, não o preto da jaqueta de Magrão ou da capa de Rogério, mas uma calça preta que minha mãe costurou (bem ao estilo Carlitos) e eu uso muito, também uma blusa de marca de lingerie - que não direi o nome - que troquei com uma amiga, o mesmo sapato do primeiro encontro e uma blusa de trama aberta que comprei do 5º andar de uma loja de departamentos. Esse andar é o penúltimo que a loja tem antes de doar as peças que fabrica a mais e nunca serão vendidas. Será mesmo o maior erro do *fast fashion* o excesso de produção? Talvez... Em algum lugar já escrevi sobre isto e tenho uma infeliz certeza de que ainda escreverei muito sobre. Não erro o passo e vou ao encontro de Guacira às 13h. Estou vestida para encontrá-la e não há espaço em mim para pensar sobre eventuais frustrações de um possível desencontro. É como se nossos encontros me deixassem mais segura de que algo de elegante talvez habite em mim. Não que eu duvidasse no cotidiano, o que talvez fosse ainda pior.

“Oi Guacira, tudo bem?” Guacira conversava com a Senhora do quarto-marquise ao lado. A que lhe roubou a blusa. Casualmente me viu em aproximação e foi se virando em minha direção interrompendo a conversa que tinha. Está “fresquinho”, como se diz aqui no Sul, e Guacira veste uma calça de moletom marrom e uma camiseta de fiscal do vestibular da UFRGS de mangas curtas. Seus pés estão nus e, juntos com suas mãos e braços, cobertos de terra. Não parece sentir frio.

“Fía, tudo bem...”

“Hoje a Dona trouxe comida? Tá sol né” E gargalhamos juntas.

“Trouxe sim... Té qui tava boa.” No rosto um discreto sorriso cínico. Respondo com o meu (sorriso cínico).

“Mas não como a comida da Vera, né” Sorrio de dentes à vista.

“Ah... a da Vera é quase tão boa quanto a minha! Saudade dessa Mulé.”

“Me conta dela Guacira?”

“A Vera era minha colega na cozinha lá da escola. A gente se cobria quando alguma coisa acontecia, sabe. Amiga mesmo. Ela não tinha fío e gostava do Magrão, era sozinha e tinha a

mãe doente que às vêis precisava ir no dotô. A diretora sabia e sempre deixou. A gente sempre fêis as coisa direitinho e as criança sempre tinha o que comer."

"Tu saiu da escola depois que tua mãe faleceu?"

"Isso... Fiquei um tempinho ainda. Arranjei um apê pertinho, mas não dava pra pagar e saí da escola pra ir pro restorante. Magrão queria ajudar, mas não dava igual. Ele ganhava pouquinho e dava pena né".

"A Vera seguiu lá na escola? Vocês ainda se falam?"

"A mãe dela morreu em seguida da minha e a Vera não conseguiu pagar sozinha o aluguel. A gente tentou morar junta, mas eu já tava no apê cazguria do restorante. Fiquei chateada, sabe. Ela entendeu. Gostava muito do Magrão."

"Ela tá na rua também, Guacira?"

"Tá! Veio depois..." Deu uma risada e não entendi o porquê. "Foi engraçado que ela trouxe di um tudo, Fía. Parece uma rainha. Ela tá ali na embaixo na Perimetral na frente do posto. Parece que a esquina é toda dela." E solta uma outra gargalhada. Agora entendo e rimos juntas.

"Guacira, tu não tá com frio?"

"Não, Fía... To com os calorão! É no pescoço, nos braço e nos pé. Nunca vi ninguém ter nos pé, mas eu tenho."

"E continua vestida de terra né..."

"É... Bem gorda e cheia dos calorão." Solta sua gorda risada. "Mas eu gosto duns pano de cobrir, sabe. Gosto da terra que fico longe desses homi e o Rogério me conhece assim. Gosto de azul, sabe. Aquela brusa..." Tem uma expressão de indignação e olha de canto de olho para o quarto-marquise ao lado. "E das saia que roda e aparece esse bundão..." Vira o tronco e olha para a própria bunda. "Fica bonitu de andar, sabe. Nunca usei sarto que não sei andar, mas queria."

"Ia ficar linda mesmo..." Fui muito sincera nessas palavras. Aquele corpo lindo, cheio de si andando em uma saia que voa e uma blusa azul celeste compondo com o marrom de sua pele retinta. Seu cabelo é desenhado como em uma tela a óleo. O salto seria um detalhe, mas um

importante detalhe que deveria ajudar no gingado de seu quadril. Quadril de uma mulher que me chamou a atenção por tamanha elegância.

“Guacira, vou vir menos agora... Estou escrevendo um trabalho que vou demorar para terminar. Passo por aqui, mas não muito.”

“Eu sei Fía... Bom falar contigo. Vorta se puder...” Seus olhos são ternos e tem um sorriso gentil nos lindos lábios.

“Quero te agradecer por me contar tanta coisa da tua vida tá. Eu vou guardar essas histórias comigo.”

“Qui nem num guarda-roupa?” E soltamos uma gargalhada.

Na mesma semana houve uma manifestação que iniciou na Esquina Democrática e cuja caminhada foi pela Borges e pegou a José do Patrocínio acabando no Largo Zumbi dos Palmares. A pauta que mobilizou um número importante de pessoas era a tentativa de que a Presidenta eleita Dilma Rousseff não sofresse um golpe de Estado articulado por setores conservadores da sociedade em um pacto com legislativo e judiciário. Na esquina da Perimetral (rua Loureiro da Silva) com a José do Patrocínio, em frente do Largo estava Vera. Uma mulher branca, com cerca de 55 anos, animada e com seu quarta-marquise todo equipado de móveis. Tinha um pedaço de cabelo tingido e seis dedos de cabelos brancos desde a raiz. Vestia camisa masculina ampla com a gola propositalmente levantada e saia rodada. A camisa e a saia não combinavam entre si em seu corpo e ela não ligava. Era como se tivesse chegado em casa há pouco, tirado uma calça apertada e colocado a saia para ficar confortável. Os pés descalços combinavam com tal despojamento. Tinha sofá, colchão e uma cômoda que concorriam espaço com as pessoas que bebiam de pé em frente ao bar ao lado de seu espaço. Mas a concorrência não parecia lhe incomodar. Estava certa de seu lugar.

Despedida. Adeus Guacira?

Guacira me contou muito. Encontrá-la tem sido uma experiência singular para me lembrar de quem são os das ruas. E essa noção não passa necessariamente pela ideia de propriedade, mas de ocupação, daquilo que a língua portuguesa precisa buscar em pelo menos dois verbos para expressar: ser e estar. Pessoas que estão no mundo e são o que são por estarem nele, que têm um modo contemporâneo de solucionarem seus problemas, mas que nem sempre conseguem, pois este tal contemporâneo (nomenclatura eurocentrada que não traduz tudo o que a noção de presente poderia trazer) traz problemas em tamanho e quantidade impossíveis de resolução para quem vive à margem. E porque não é possível ter uma ideia romantizada do que significa viver na rua em cidade com edificações.

Sua presença me trouxe memórias de um tempo onde a escrita e a pesquisa eram sonhos remotos para mim. O encontro com Guacira acionou a memória de dois outros encontros com outras pessoas também em situação de rua que já mencionei em capítulo anterior. Antes de ser uma psicóloga que trabalha com roupas, eu já era uma caminhante que olhava para o vestir. Meu olhar é formado por subjetividades que vão se constituindo por tramados que se deixam ver e que se tecem em redes.

Eu vi uma mulher, cujo nome gostaria de dar - mas penso que ainda não posso dizer - que carrega sua casa em um carrinho de supermercado. Seu cabelo em um coque no topo da cabeça é todo estilo, todo seu estilo, transborda estilo: nem sei como explicar. Magra, branca, cerca de 60 anos, com cinco dedos de cabelos brancos como os de Vera, esta mulher caminha pela larga calçada da Av. Assis Brasil na Zona Norte da cidade. Lá se vão uns 15 anos isso... Não a vejo mais e isso me incomoda. Suas combinações de roupas saíam de seu carrinho-casa-guarda-roupas e sua mobilidade expressava independência.

E via também um homem branco, alto, careca com cerca de 40 anos e sempre em caminhada do tipo marcha atlética (esta expressão ainda vigora?). Nunca o vi parado ou em movimentos lentos. Vestia uma camiseta usada como bermuda e só: pés descalços como quem tem intimidade com a calçada, com o asfalto e o paralelepípedo; mas não acredito que seus pés não doessem. As mangas curtas confiam comprimento de bermuda reinventada, e o tamanho grande da camiseta escolhida expressava despojamento. Naquela época de sua vida o vi algumas vezes nas imediações da rua Plínio Brasil Milano. Poucos anos depois estava ele com um pouco de cabelo perto da nuca (como se o cuidado com a estética careca lhe fosse impossível naquele momento) e muito envelhecido. O nosso tempo era diferente: eu envelhecia

uns 2 anos e ele 10. A angústia me invadiu e lembrei de histórias que escutei desde a infância. Histórias de pessoas que tinham suas vidas confortáveis em família e acontecimentos trágicos iam precarizando suas vidas até que perdessem suas casas e ganhassem a rua. Histórias do bairro São Geraldo, São João ou Navegantes, mas talvez pudesse ser de tantos outros.

O encontro com essas duas pessoas me fez pensar que havia, sim, a construção de um estilo, de um jeito singular de vestir mesmo em situações de precariedade. Tempos depois a designação "vulnerabilidade social" entrou em meu vocabulário. Depois seguiu mudando, mas a sensação de que essas histórias precisavam ser imagens para formulações do que vem a ser a moda para a Psicologia Social e para a Psicanálise seguiram insistindo. Então criei um Projeto transdisciplinar com a colega Carolina Kazue jornalista e artista visual que visava atualizar o conceito de *street style* do antropólogo Ted Polhemus. Nossa proposta era registrar imagens do vestir da rua, de pessoas que têm nesse espaço sem portas e janelas (talvez os muros e fachadas como paredes) o seu endereço, e conectá-las com a história que eles/as nos contassem sobre as suas peças de roupa. Faríamos um site com os ensaios e, quem sabe, uma exposição ao ar livre no Viaduto Otávio Rocha ou no Largo Glênio Peres, em frente ao Mercado Público, para que pessoas que foram modelos no projeto tivessem acesso primordial ao resultado do Projeto.

Este Projeto teve seu piloto com uma pessoa que chamarei de "Rei". Guardador de carros em frente de um bar de um bairro boêmio da cidade, Rei aceitou prontamente o convite. Vestia bermuda, uma camiseta, tênis e um relógio branco grande de mostrador digital com número muito grandes. Nos contou que a camiseta tinha ganhado de fulano e a bermuda de beltrano, e o relógio havia ganhado da atriz Luana Piovani. Ela teria vindo à cidade a trabalho e conversou com ele perguntando o que gostaria que ela lhe trouxesse da próxima vez: "eu pedi um relógio e ela trouxe". O Projeto ficou no piloto, mas também virou Projeto de Doutorado para uma pesquisa que criticasse a apropriação do conceito de *street style* pelo mercado, pois os sites que têm esse título[6] mostram imagens de pessoas com *looks* que hoje chamamos de *hipsters*: os grupos que mais rapidamente absorvem a oferta do mercado de consumo e dele demandam mais e mais novidades, como já referi anteriormente aqui mesmo, neste estudo.

[6] Quando pensamos o Projeto esses sites estavam em plena expansão. Tratava-se de imagens de pessoas em grandes metrópoles, como New York, Moscow, Berlin, e tantas outras. As pessoas eram fotografadas nas calçadas e uma legenda continha a descrição das marcas de roupas que estavam vestindo. As mudanças de estilos nas diferentes cidades era muito pequena, pois as pessoas fotografadas faziam parte de um recorte social comum em diferentes geografias.

Guacira ocupa seu lugar e isso me chamou para encontrá-la: uma vontade de escrever uma história de uma pessoa que é, que está, que é presente. Ocupar seu corpo, seu modo de vestir, assumir o que se pode ser: penso que o trabalho da escrita de conceitos passe também por estas questões. E a lembrança de outros encontros que tive ativou em mim uma urgência: a de que as histórias do vestir desses homens e dessas mulheres não ficassem em relatos orais soltos, mas em um texto que parta deles. São comigo linhas para que seja possível uma escrita do que é a moda para o corpo de pesquisadora.

Não é mais possível parar ou desfazer a tecitura, como o sudário de Penélope para Ulisses. É preciso arrematar os nós, buscar direção de uma agulha que conduza com beleza o desenho de tramas e com alinhamento as costuras para a escrita de subjetividades vestidas. Entender o que da moda atravessa os corpos que acolhem as “nossas” roupas. Pois fazer ver e falar os (corpos) que vestem aquilo que (quase) ninguém mais quer vestir é assumir uma ética que expulsa ideias colonizadas sobre vestires.

Adeus, Guacira? Não. Até logo ali. Gostaria de te reencontrar, mulher elegante vestida de terra.

2 TRAMANDO SABERES, CONHECIMENTOS E SABEDORIAS

Nós que passamos apressados
Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras e as palavras de gentileza
Por isso eu pergunto a você no mundo
Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria

A descrição da cena era esperada. A descrição jamais contemplaria a grandiosidade daquilo que fora visto, seja ela escrita em poesia, encenada dramaturgicamente ou mesmo representada pelo desenho. Então ela saiu assim:

> E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro.
>
> (...)
>
> Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram.
>
> (...)
>
> Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência.
>
> (...)
>
> O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. (...) E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! (...) Deram-lhes ali de

> comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora.
>
> (...)
>
> Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, por que lho não havíamos de dar! E depois tornou as contas a quem lhas dera. E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas. O Capitão mandou pôr por baixo da cabeça de cada um seu coxim; e o da cabeleira esforçava-se por não a estragar. E deitaram um manto por cima deles; e consentindo, aconchegaram-se e adormeceram. (Caminha, 1500)

Pero Vaz, encarnado de sua cultura colonizadora, descreve as pessoas nativas do lugar aonde chega em perspectiva atravessada pela moral cristã, por uma urgência de explorador e, na contrapartida da culpa que escolhe carregar, um sentimento paternalista de alguém que se reconhece como forte e capaz de julgar e cuidar da fragilidade do outro. Desde os primeiros encontros, o colonizador mostra seu intenção ao propor trocas injustas e de não ceder aquilo que já saqueou.

A oferta do colonizador, a seus próprios olhos, deveria ser suficiente para a subalternização. Quando os indígenas visitantes da embarcação vão embora sem qualquer interesse e depois somem isso é notado como “gente bestial e de pouco saber”. A agressividade e violência estão postos em vários trechos da Carta na forma de descrição dos indígenas com ou sem arco e flecha. Há uma excessiva ocupação das cenas com tais elementos, sempre associados à aproximação ou não dos indígenas até a eles, portugueses, nunca o contrário.

Começar esse capítulo pela voz do colonizador visa lembrar que esta tese está sendo escrita por uma pessoa branca, em uma Universidade branca, organizada por leis e normas brancas e que por isso mesmo precisa assumir essa posição criticamente. Abrindo os olhos criticamente para outras lentes a série documental ‘Guerras do Brasil’ (2018) remonta fatos

antigos e recentes que mostram o Brasil como o que ele é: uma terra inventada com conflitos ininterruptos. O episódio ‘As Guerras da Conquista’ tem, dentre outros, depoimento do filósofo Ailton Krenak que nos empresta ferramentas para isso:

> O mito de origem do Brasil é aquele com as caravelas, aquela missa em Ponte Pascoal... Nós somos adultos, nós não precisamos ficar embalados com essa história. A gente pode buscar entender a nossa história com os diferentes matizes que ela tem, e entender que não teve um evento fundador do Brasil. Quando os europeus chegaram aqui poderiam todos terem morrido aqui de inanição, escorbuto ou qualquer outra pereba do litoral se essa gente daqui não tivesse cuidado deles, ensinado eles a andar aqui e dado comida para eles. Eles chegaram aqui famélicos, doentes, e Darcy Ribeiro dizia que eles fediam. Quer dizer... baixou uma turma aqui na praia que estava simplesmente podre. (Krenak, 2018)

Este primeiro capítulo divide-se entre as temáticas da moda, do corpo e suas peles que a vestem na rua, das narrativas inventadas, da racialização dos corpos, das coisas que falam do modo como nossa existência se singulariza, e do modo como a roupa é inventada até ser encaminhada para outro destino a partir do consumo da peça nova. A ideia é abrir conceitos para definir de que moda e de que psicologia partimos para apontar futuros mais cruzados entre esses campos. Desde já interessa mostrar que, se esta pesquisa tem alguma vergonha, não será de corpos vestidos rebuscadamente ou nus, mas da história de assimetrias estruturais no laço social.

2.1 A moda (de dentro) da vitrine

Imagem 3: *Filme "Estou me guardando para quando o carnaval chegar", Marcelo Gomes*



Fonte: Frame do filme da plataforma Netflix

Aquilo que ela é já foi, já era. Era, pois está inscrito em saberes sobre o fazer da roupa, de como cuida-la e coloca-la em circulação que já não são tão evidenciados no nosso contemporâneo. Fiar, tramar, tingir, modelar, cortar, costurar, arrematar, passar, vestir, compor, lavar, remendar, cerzir, transmitir: são alguns dos verbos que indiscutivelmente constroem aquilo que a moda é hoje. São técnicas de artesania inventadas por práticas ancestrais que se localizam em muitos lugares (do mundo), mas que se singularizam em estilos próprios de saber-fazer. Seccionar uma dessas ações e toma-la como isolada e deslocada de suas forças criadoras, produz efeitos de interrupção ou suspensão de um vir a ser, ou seja, um sequestro deste saber-fazer. Já é sabido que antes da Revolução Industrial o saber de Mestres era transmitido ali mesmo no fazer de aprendizes, observando, experimentando e fazendo. A Moda que prescinde dessa nomeação se fez conceito e circunscreveu à aceleração do fazer reduzindo-o ao parecer. Esta Moda, no singular, também já era. Era, pois não é um conceito

dinâmico e existiu ali em um recorte espaço-temporal que justificou a expansão colonial, logo um desejo de avançar sobre espaços outros que não o seu próprio.

Imagem 4: *Proteção extrema contra dor e sofrimento, Rosana Paulino, 2011*
Imagem 5: *Tecelãs, Rosana Paulino, 2003*





Fonte: Catálogo exposição, Rosana Paulino: a costura da memória (2019), Pinacoteca

A oralidade como prática ancestral que produz e organiza aquilo que vem antes mesmo da língua, uma linha que vem do corpo, emana dele tramando aquilo que virá a ser palavra. A ideia de tornar-se sujeito, de pessoa que projeta imagens suas em um coletivo, que enlaça o que ela é com o que a sua comunidade pode ser para ela, talvez venha desse fio da vida. Esse fio que tem tantas imagens quanto uma etnia poderá produzir: a palavra, a melodia, o ritmo, o desenho, as formas, o fio, ou ainda a mistura dessas diferentes coisas no encontro. A oralidade é metáfora para a invenção desse fio a partir do corpo e propõe uma vida que é tramada. Mas essa mistura, o encontro de cores com fios, de imagens vestidas que contam histórias, é para todes? A Moda pode ser aquilo que encarna uma miscelânea alegre (ou triste, ou com tantos sentimentos quanto pudermos entender a experiência humana), mas não é possível ingenuidade para entender que os corpos que vivem estas construções possam livremente circular por seu

território, desde o primeiro, o corpo, até os vizinhos, em diálogo sincero com a diferença, sem serem capturados.

Então, a quem interessa a existência desta Moda, deste modo de pensar o vestir que captura essa miscelânea que vem do corpo? E como o sujeito se subjetiva pela moda? É possível dizer que o sujeito se subjetiva pela moda criando alternativas aos processos de apropriação de mundos, muitas vezes de forma agressiva e descuidada com a diversidade? Isso é possível em um cenário de desigualdade social? Esta questão é necessária, não no sentido de respondê-la, mas de ressaltar a relevância do tema da desigualdade social nas produções acadêmicas e nas universidades. Se não for possível, pode-se pensar que impera o jeito individualizante e homogeneizante, que entende que é só esta maneira de estar no mundo, de parecer segundo preceitos consumíveis criados por *maisons* circunscritas em quadras especuladas pelo valor imobiliário que o neocolonialismo inventa[7]. O possível que vigora é perverso, apropriador e avassalador das subjetividades pulsantes. Para Agamben (2009), esta moda no singular performa a ideia de tempo no que tange àquilo que o filósofo entende por contemporâneo:

> Um bom exemplo dessa especial experiência do tempo que chamamos a contemporaneidade é a moda. Aquilo que define a moda é que ela introduz no tempo uma peculiar descontinuidade, que o divide segundo a atualidade ou inatualidade, o seu estar ou o seu não-estar-mais-na-moda (na moda e não simplesmente da moda, que se refere somente às coisas). Essa cesura, ainda que sutil, é perspícua no sentido em que aqueles que devem percebê-la a percebem impreterivelmente, e, exatamente desse modo, atestam o seu estar na moda; mas, se procuramos objetivá-la e fixá-la no tempo cronológico, ela se revela inapreensível. Antes de tudo o 'agora' da moda, o instante em que esta vem a ser, não é identificável através de nenhum cronômetro. Esse 'agora' é talvez o momento em que o estilista concebe o traço, a *nuance* que definirá a nova maneira da veste? Ou aquele em que a confia ao desenhista e em seguida à alfaiataria que confecciona o protótipo? Ou, ainda o momento do desfile, em que a veste é usada pelas únicas pessoas que estão sempre e apenas na moda, as *manequins*, que, no entanto, exatamente por isso, nela jamais estão verdadeiramente? Já que, em última instância, o estar da "maneira" ou do "jeito" dependerá do fato de que pessoas de carne e osso, diferentes das *manequins* – essas vítimas sacrificiais de um deus sem rosto -, o reconheçam como tal e dela façam a própria veste.

[7] Referência ao termo *Haute Couture*, que é protegido judicialmente e circunscrito por critérios técnicos e outros geopolíticos.

> O tempo da moda está constitutivamente adiantado a si mesmo e, exatamente por isso, também sempre atrasado, tem sempre a forma de um limiar inapreensível entre um 'ainda não' e um 'não mais'.
> (...)
> Por isso, o estar na moda, como na contemporaneidade, comporta um certo '*agio'*, uma certa dissociação, em que a sua atualidade inclui dentro de si uma pequena parte do seu fora, um matiz de *démodé*. (p. 66-68)

A relação vestir-tempo, nesta perspectiva, propõe uma compressão do espaço, mas somente para corpos/experiências específicas. O sistema da moda vem expandindo-se para espaços nunca pensados. O objeto roupa está nas vitrines, suportes midiáticos de revistas, blogues e novelas, mas também avança em modos instantâneos de visibilidade, como na presença de araras em lojas que não são de roupas, eventos que não são de moda, na análise visual do vestir de um(a) político(a). No que tange às práticas de consumo, a roupa também segue em expansão; a crise da economia brasileira dos últimos anos parece não ter afetado a aceleração dos modos como a moda presentifica-se na vida da população, pois vem inventando-se em novos modos de consumo, como a expansão do mercado de brechós, a reinvenção de modos de aquisição de roupas através de trocas de peças entre conhecidos e desconhecidos com o apoio de redes sociais da internet, a manutenção de campanhas do agasalho para população supostamente desassistida deste sistema.

A moda pode ainda avançar por mais fronteiras se for pensada para além do suporte roupa; materializa-se nos mais diversos elementos que traduzam a ideia de novidade. São objetos de consumo, hábitos, músicas, expressões múltiplas que produzem e são produzidos com espírito da efemeridade. Moda, quando em uma perspectiva eurocentrada, é sistema aberto, que possui algumas perspectivas possíveis de interpretação e apropriação desencarnadas do corpo. Neste sentido, as reatualizações de antigas estéticas, no presente, seriam, na verdade, como que a certificação de que algo que já morreu como ideia, prática e experiência volte a vigorar de forma repaginada, no melhor sentido "lavou tá novo". Como que um passado que não pudesse habitar em corpos do presente, pois estiveram em estado de putrefação em livros que registram histórias infames de vencedores cruéis sobre vencidos em apagamento (sem oportunidade de narrar seus pontos de vista). Nesta perspectiva, a roupa do passado é adaptada, e não incorporada ao presente.

> Mas a temporalidade da moda tem um outro caráter que a aparenta à contemporaneidade. No gesto mesmo no qual o seu presente divide o tempo segundo um 'não mais', ela institui com esses 'outros tempos' – certamente com o passado e, talvez, também com o futuro – uma relação particular. Isto é, ela pode 'citar' e, desse modo, reatualizar qualquer momento do passado (os anos 20, os anos 70, mas também a moda imperial ou neoclássica). Ou seja, ela pode colocar em relação aquilo que inexoravelmente dividiu, rechamar, re-evocar e revitalizar aquilo que tinha até mesmo declarado morto." (Agamben, Giorgio, 2009, p. 68-69)

As campanhas de agasalhos, por exemplo, que são ações presentes nas esferas pública e privada no estado do Rio Grande do Sul, são recursos para passagem de peças de roupas para uma população supostamente desassistida. Carecem de dados quantificados do número de ações desta ordem, do número de peças arrecadadas, o tipo de arrecadação (se são casacos, blusas, roupas femininas, masculinas ou infantis, se há roupa íntima, ...), ou mesmo o número de pessoas ou famílias assistidas. Tampouco se sabe algo sobre quem doa, seus motivos, expectativas, intenções.

O modo como a moda vem se amplificando gera a passagem do objeto roupa de pessoa para pessoa; a questão é: até onde/quem? É difícil afirmar se a passagem funciona em alguma espécie de circularidade ou inventa-se um resto de roupa que ninguém (pessoas, indústria, comércio...) mais quer? É importante pensar se há um sujeito que materializa o acolhimento deste resto, que encarna o depositário simbólico do descarte de moda, através de práticas assistencialistas. Não é papel de um grupo dar vida aquilo que outro grupo matou como registro estilístico de práticas do vestir. Tampouco é papel da natureza. Como no Deserto do Atacama, que hoje abriga um lixão a céu aberto de roupas descartadas por países europeus em uma relação comercial assimétrica, onde o norte global impõe sua necessidade de continuidade de produção de moda a um país sul global que, se precisa de algo, não é desta oferta "pronta" (Paúl, Fernanda, 2022).

Por isso importa um debate para pluralização do conceito de moda, pois é ainda lido e operado maciçamente pela ótica colonialista. No caso do estado do Rio Grande do Sul, pela justificativa da sazonalidade (estações do ano bem definidas com intenso frio no inverno) é fomentada a lógica assistencialista: frio = demanda agasalhos. Com isso não se pretende invalidar a gravidade da situação pela qual pessoas são expostas, mas sim uma tentativa de complexificar a questão. Rediscutir conceitos e resgatar outros do apagamento implica em sair

de uma lógica binária daqueles que respondem uma questão ou não, mas onde e como um saber é necessário. A socióloga Heloisa Helena de Oliveira Santos contribui nesta direção para tal:

> Entendemos que a noção de moda está inserida dentro de um corpus conceitual mais amplo, próprio do âmbito colonial, que incluiria uma série de binarismos que constituem aquilo que o grupo colonialidade/modernidade liderado por Quijano denomina colonialidade do saber (Santos, Heloisa Helena, 2020, p. 172)

A população que parece encarnar o modelo de pessoa a ser assistida, em uma resposta ligeira, e que não possui concretamente o objeto-símbolo do mercado de consumo do sistema da moda (o guarda-roupa), é a pessoa em situação de rua. É importante interrogar as justificativas para a doação aos supostamente desassistidos, às comunidades e ocupações. O público dos supostamente desassistidos é múltiplo, pois pode ser uma pessoa em situação de rua, uma pessoa que vive em uma ocupação ou em moradias em comunidades. O primeiro exemplo encarna o sujeito desprovido do item icônico do consumidor do mercado de moda: o guarda-roupa. Mas será que quem é desprovido dele não pode possuir um acervo de roupas ou mesmo dizer acerca do seu próprio vestir?

Imagem 6: *Tênis Balenciaga (2022)*



Fonte: Revista Vogue, 2022

2.2 No Corpo, as peles que vivem na rua

Vestido meu corpo habita um espaço. A cidade inventa seus desenhos de ruas, calçadas, cruzamentos, viadutos, edificações pequenas, grandes, públicas e privadas. A circulação que um corpo faz em um espaço dura um tempo; e este corpo precisa desta cidade sua movimentação. Ir de um local A até o B é uma tarefa inexistente, pois desde a escolha da roupa para sair até a suposta chegada ao destino tudo é inventado. E cada gesto feito, a cada escolha por onde ir, cada interpelação do clima, do espelho, dos buracos na calçada, do valor do calçado/passagem de transporte coletivo/combustível, as escolhas e os (des)encontros se atualizam mais e mais virtualidades. O infinito pode ser o horizonte. Em cada opção que um detalhe ou a totalidade de uma peça de roupa, seja aos nossos olhos ou na imaginação (ou nas tantas manifestações do inconsciente – aqui o freudiano) é aberta uma caixa de Pandora de *looks* vestíveis para o hoje, para recriação de passados e para projeções de futuros. A roupa e a moda não parecem estar em uma relação *a posteriori* ao corpo; ou talvez já tenha estado, mas o interesse aqui é perguntar no presente, interrogar o que faremos como nosso passado de tantas produções efêmeras para vestir. Ou melhor, o interesse aqui é pelo que se pôde fazer e o que ainda podemos fazer com tanto excesso. “O excesso é então aquela parte acometida de um não, de um escape. De um já se foi.” (Ribas, Cristina, 202014, p.154).

Para o sociólogo Peter Stallybrass (2008) a marca humana está em cada peça de roupa. A poesia de suas formulações habita na ideia da duração das roupas no mundo e como elas recebem nossos corpos com suas pré-histórias.

> A roupa tende, pois, a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente. (Stallybrass, Peter, 2008, p.14)

Para pensar esta(s) moda(s), este(s) corpo(a)(s) na cidade busco olhares que minimamente compreenderam a complexidade do ser-no-mundo (*dasein*), de corpos que são o que são, que vivem como é possível. Como a moda ou um buraco na calçada se inscrevem em um corpo que vive em um imóvel em bairro residencial e que não pode ser comparada às inscrições corporais de uma pessoa que habita um bairro periférico ou o centro da cidade.

A experiência da urbanização, própria da expansão das cidades advinda de modelos europeus, faz crescer planejamentos e mapas que se desencontram com a experiências do/no

corpo. Paola Jacques (2008) entende que a própria cidade então é um corpo. Então as inscrições desse encontro corpo-cidade se dão de muitas formas: corpografia, coreografia ou cartografia, que não se confundem.

> A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade, o que passamos a chamar de corpografia urbana. A corpografia é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí corpografia), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente (o que pode ser determinante nas cartografias de coreografias ou carto-coreografias).
>
> (...)
>
> Cada corpo pode acumular diferentes corpografias, resultados das mais diferentes experiências urbanas vividas por cada um. A questão da temporalidade e da intensidade dessas experiências é determinante na sua forma de inscrição.
>
> (...)
>
> Quando Milton Santos cita os homens lentos, ele se refere principalmente aos mais pobres, aqueles que não têm acesso à velocidade, os que ficam à margem da aceleração do mundo contemporâneo. (Jacques, Paola, UFBA, 2008)

A inscrição no corpo que se movimenta pouco comprime o gesto, que para grupos sociais com acessos desimpedidos oferta a expansão, mas sem a garantia da experimentação. O sensorial, nesta perspectiva, se aparta daquilo que é corporal. Viver na rua compreende uma série de experiências radicais que precisam ser narradas a partir de sua localização. A produção de subjetividade na cidade não é a mesma para todos e todas, mas o reconhecimento no olhar do outro é relevante em todas as experiências. A noção de espaço é fundante para a compreensão de si, segundo Muniz Sodré (1988). Para o jornalista e sociólogo,

> a história de uma cidade é a maneira como os habitantes ordenaram as suas relações com a terra, o céu, a água e o outros homens. A História dá-se num *território*, que é o espaço exclusivo e ordenado das trocas que a comunidade realiza na direção de uma identidade grupal. (Sodré, Muniz, 1988, p. 22)

As narrativas acerca do vestir das pessoas em situação de rua precisariam compreender sua relação com seu território, que inicia em seu próprio corpo, morada de suas experiências, mas se estende até o seu grupo. Seus modos de compor uma imagem de sujeito vestido, de um grupo que está à margem e ao mesmo tempo a que mais circula pela cidade. A proposta foucaultiana de prática como exercícios de si (Foucault, Michel, 2004), de uma busca de um si mesmo que se inventa na coletividade, pode ser pensada aqui em um recorte a partir da imagem do sujeito vestido. Entendo como de "práticas do vestir" (Soares, Helena, 2016) os exercícios cotidianos que o sujeito faz para inventar uma imagem de si que deseje levar ao outro, ao coletivo, à rua. Poderia bem ser a gesto de uma costureira ao segurar a linha para não escapar na máquina, ou os dedos deslizando em um tecido para melhor passar as pregas de um plissado. O território que este corpo habita e as trocas que lhe estão antecipadas como possibilidade mostram-se como na situação da costureira (de demais cargos técnicos, como modelista, cortadeira, passadeira, dentre outros) de forma subalternizada na cadeia produtiva da indústria têxtil. Quando "costura para dentro"[8], assim como os demais trabalhos domésticos, esse é também desvalorizado, como na narrativa de Salma Soria:

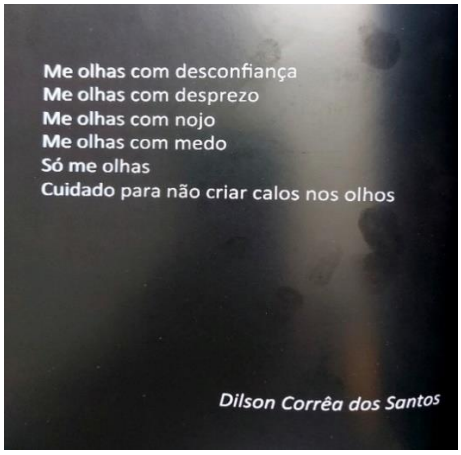
> Com a ponta do botão de metal, ajudou a limpar a ponta das unhas sujas e se sentiu à vontade para começar: esticou a linha cinza, comparou com a cor da calça. Depois virou a peça do avesso, examinando os detalhes overlocados, percorrendo com olhos e dedos cada detalhe da calça. Queria estudar como funcionava. Colocou a linha na agulha, inventou uma bainha americana do jeito próprio e esperou alguém gritar com ela. (Soria, Salma, 2021, p.24)

Destas práticas de vestir pouco se pode escapar. A montagem de um look, com um guarda roupas com excesso ou sem guarda-roupa, situa-se na contradição expressa pelo fato de não ser pré-determinado mas, tampouco livre para circular. A contradição aponta a complexidade.

[8] Expressão ligada à localização, produção e legitimidade que o ofício de costureira pode ter. 'Costurar para fora' é expressão popular para o ofício artesanal feito para clientes externas, ao passo que 'costurar para dentro' corresponde ao ofício ofertado para sua família e pessoas íntimas.

Imagem 7: *Poema de Dilson Corrêa dos Santos*

Imagem 8: *Fotografia de Leandro Rodrigues*





Fonte: Cordeiro, Adriano da Silva (et al); Cidade, Daniela Mendes; Tonelli, Daniela Silva; Ávila, Geison Fabiano Burgedurf (orgs) (2018). A Cara da Rua. Porto Alegre: Propext/UFRGS

2.3 Não cabe em Pantone[9]

Nossos modos de subjetivação, a maneira como chegamos ao aqui-agora do mundo e por quem/o que passamos nossa constituição como sujeitos, conversa com a ideia de lugar de fala. Lugar de fala não significa o mesmo que subjetividade, pois o ponto de partida de suas inquietudes acerca da produção de um social é de ordem diferente. O regime de autorização discursiva, a que se refere o lugar de fala, é "um sistema que estrutura determinado imaginário social" (Ribeiro, Djamila, 2017, p.56), ou seja, ao contar ao leitor quem se é, o autor amplia as possibilidades de leitura do texto; o leitor relaciona-se com ele entendendo se sua proposição lhe diz algo, infere sobre sua vida ou caminha junto com suas demandas.

[9] Nome de uma empresa dos Estados Unidos voltada aos mercados de design e de moda com fins de controle e gerenciamento de cores. Uma das atividades da empresa é dar nome e número às cores.

Imagem 9: *Cinco tipos de feijão*[10]



Fonte: Viva Bem – UOL

Ao visibilizar as tramas entre gênero, raça e classe, escritores-pesquisadores ampliam a rede discursiva da discussão que propõem. A produção de subjetividade fala de certo maquinismo que atua no/para/pelo sujeito e a constituição dos sujeitos passa pela ideia de uma língua que fala de nós e que a usamos para marcarmos um lugar no mundo, podendo pensar em um lugar de fala,. No entanto esta expressão, ainda que não ignore tais operações, produz-se no interior do pensamento feminista negro como elemento pendente do modo estrutural numa balança de maquinismos e línguas que indica sobre lugares específicos marcados por pressões estruturais e relações de dominação que articulam classe, gênero e raça. Sendo o racismo um processo histórico e político que o coloca estruturalmente na sociedade (Almeida, Silvio, 2018), quando considerado na produção de novos conhecimentos, seu enfrentamento sugere que se enuncie de um lugar de onde nos posicionamos na estrutura social. Esta delimitação de um lugar na complexidade das relações estruturais permite que se se identifique uma posição nestas relações levando a que se pense a circulação do conhecimento desde uma ponto de vista mais justo, a partir das mais diversas lentes de mundo possíveis. Interessa saber partir de que grupo estamos falando nas relações de poder, para só então considerar nosso encontro com nosso campo problemático.

[10] Alusão à infame fala do ex-Presidente da República do Brasil (2018 – 2022) quando chamou de idiotas aqueles que preferem comprar feijão a fuzis em período de altos níveis de desemprego e insegurança alimentar no país.

Têm diferentes pesos a produção de conhecimento vinda de grupos privilegiados e a de grupos cujas posições sociais têm sido subalternizadas e excluídas. Saber que um autor é branco e de classe média nos dá a possibilidade de entender o que ele pôde produzir como análise em suas pesquisas, seu esforço de aproximação com as demandas sociais e a diferença de posição que ele ocupa de uma pesquisadora negra, que atravessa inúmeras dificuldades cotidianas incomensuravelmente diferentes para produzir conhecimento de relevância imbricado nas experiências de classe, raça e gênero que definem sua posição.

Imagem 10: *Maxwell Alexandre, Golden Shower, Série Pardo é Papel (2019), latex, betume e acrílica sobre tela, 100 x 250cm*



Fonte: Fundação Iberê, Coleção Particular

Sou filha caçula de classe média, nascida no final da década de 1970, de mãe costureira de ascendência negra, família paterna da classe trabalhadora branca. A bisavó (materna), desejosa do embranquecimento da família, ficou feliz com a presença de um noivo aspirante a médico para sua neta, que criou praticamente sozinha. Desde que minha memória me ajuda nos registros, fui vestida pelas costuras de minha mãe e das roupas herdadas de dois irmãos e uma irmã. A prática de passagem de roupas dos mais velhos para os mais novos estava dada socialmente, mas atualmente não mais. Se antes uma criança/adolescente vestia o que estava disponível, sem consumo de roupas novas, hoje há um amplo mercado de novos e usados para que estes grupos etários possam ter mais e mais *looks* novos.

Os anos de 1980 deram início a certo modo de aceleração da experiência do tempo diferente do que conhecíamos anteriormente. A cultura videoclipe produziu imagens conectadas ao som em um ritmo inventando nossa relação com espaço-tempo e com isso novos modos de subjetivação. O antropólogo Ted Polhemus (1994) captou a relevância dessa força disruptiva na produção de imagens e cunhou o termo *street style* tensionando singularidades (imagens) criadas a partir de uma coletividade. Também discutiu o modo como as insurreições estéticas são absorvidas pela indústria do *fast fashion.* Sua ideia era olhar para o sujeito que está à margem do mercado de moda para radicalizar uma discussão que inclua a imagem desses sujeitos vestidos. Propôs tipificações[11] que, na relação aos espaço-tempo em que se situavam, eram viáveis e coerentes, mas quase todos restritos às culturas norte global. O olhar atento de um pesquisador inglês avançou na consideração da moda como elemento de expressão cultural. E o que resta de sua proposição para o presente? Como atualizar essa atenção para o vestir inspirando modos de cuidado e autocuidado?

Encontramos facilmente bibliografia que trata dos modos de viver de pessoas em situação de rua (Dantas, Lucas, 2021; Nardes, Scarleth; Giondo, Carmen Regina, 2021, dentre inúmeros outros). Também alguma bibliografia que discute a função do *street style* digital (Hinerasky, Daniela, 2015). O que não encontramos são imagens e textos que expressem, por narrativas da palavra e/ou imagem, cruzamentos atualizados daquilo que Polhemus iniciou. A imagem associada ao *street style* tem sido a do *hipster*, essa figura nascida do capitalismo e que parece ter justamente a função de encapsular subjetividades resistentes e fazer delas produtos vendáveis e experiências consumíveis. Em uma rápida pesquisa de imagens na internet encontramos uma imagem em Berlin, em Santiago ou Miami (com a palavra-chave *street style*) pessoas muito semelhantes e que não expressam a imagem do vestir da pessoa da rua, como a tradução do termo.

Se as imagens de moda estão em tantos lugares, mas a pessoa que habita a rua não está representada em seus modos de vestir na mídia nem em outros lugares de visibilidade, é urgente pensar na revisão dos conceitos que sustentam essas narrativas de moda. Conceitos que precisam ser vivos e fazer viver.

---

[11] As tipificações foram: *zooties, zazous, caribean style, western style, bikers, hip cats & hipsters, beats/beatniks & existencialists, teddy boys, modernists, folkies, rockabillies, la dolce vita, coffee-bar cowboys & ton-up boys, surfers, mods, rockers, rude boys & two-one, swinging London & the psychedelics, hippies, greasers, skinheads, funk, glam, rastafarians, headbangers, nothrer soul, skaters, punks, new romantics, goths, casuals, psychobillies, pervs, b-boys & flygirls, ragamuffins & bhangra style, new age travellers, ravers, acid jazz, indie kids/cuties/grunge & riot grrrls, thecnos & cyberpunks*.

É na disputa de narrativas que a ideia de autodefinição, proposta por Patricia Hill Collins, faz-se chave para pensarmos a subjetividade de mulheres negras. Collins (2019) entende que é na construção de espaços seguros, onde uma mulher pode escutar a outra, que a singularidade pode aparecer na voz de cada uma, possibilitando assim que não haja esforço para existir. A socióloga chama de "imagem de controle" estratégias de controle e dominação que visam desqualificar as construções de mulheres negras, e tornando certas lugares/práticas/conquistas quase impossíveis para elas acessarem. Se eventualmente uma mulher ascende a espaço tradicionalmente negado a ela tais estratégias agem em uma narrativa de que sua conquista foi individual, por via de seu esforço. Como se o alcance de certas posições de poder e visibilidade dependesse, de forma não dita, mas mostrada, da autorização de brancos. Nesta percepção, a branquitude opera na frente na disputa de narrativa de quem é relevante socialmente, e definindo que somente ascenderão à visibilidade social as mulheres negras que se parecem com as que já se reconstruíram a partir de referenciais assépticos, pré-definidos, homogêneos e despersonalizados.

A escrita minuciosa de Patricia dá a sensação de que cada citação de uma pensadora negra a faz crescer como pesquisadora coerente com sua proposição conceitual, proposição esta que se constrói a partir da visibilização e reconhecimento da produção de outras mulheres negras.

A historiadora da arte Renata Bittencout (2021) percorre a obra do artista Heitor dos Prazeres mostrando a multiplicidade de sua obra. A minúcia com que descreve, tanto o trabalho do artista, como as tantas habilidades "dos seus", é também um elogio à sua grandeza. No artigo em questão, Renata começa dizendo de seu sentimento de jovem negra que, mesmo vivendo sob alguns privilégios, desde muito cedo entende o lugar em que a branquitude a coloca. E acha em Heitor as pistas que precisa para a reconstrução de uma ancestralidade que lhe fora roubada:

> Constato que vivi permeada por desconhecimento do que foi esteio para quem me antecedeu, tento avaliar a extensão do que perdi, que ocos foram produzidos, e como nada ocupou este lugar devidamente. Hoje, o caminho não está na adoção tardia de certa fé, mas na tentativa de contribuir para a maior compreensão da arte negra, e da espiritualidade de matriz africana via obras artísticas, diálogo que aqui tento fazer com Heitor dos Prazeres. (Bittencourt, Renata, 2022, p.18)

A discussão dos privilégios sociais, da passabilidade de alguns corpos em detrimento de outro, não é o mesmo que brancos autorizarem não-brancos. Dar espaço para a circulação de corpos e de vozes não-brancas significa recuar em batalhas violentas pela disputa de lugares de referência. Ser e parecer para corpos não-brancos é algo distante e difícil em processos de subjetivação atrelados à lógica colonialista. É importante ver capas de revistas de moda com mulheres negras, mais ou menos conhecidas, como forma de avançar na ocupação de espaços outrora negados. Entretanto, enquanto os cargos de gestão e editorias dessas mesmas revistas estiverem nas mãos de brancos e brancas essa imagem de capa precisará constantemente ser reafirmada por uma coletividade preta.

A recusa a ocupação de lugares pré-determinados a partir de um fortalecimento da narrativa de si de mulheres negras, desloca assim para seus próprios corpos a força da mudança de suas próprias vidas. E isso inclui a recusa de imagens que não se referência à ancestralidade. A ancestralidade, nesta perspectiva, diz respeito a uma lógica do tempo que não é linear, própria das culturas do hemisfério norte. O corpo no presente só existe, sente, cria, vive, a partir da consciência dos que vieram antes de nós; e o futuro é aquilo que existe como contribuição imaginativa elaborada no presente.

Descrita como neurose cultural brasileira (Gonzales, Lelia, 1984) a lógica de duplo recalque com que a branquitude lida perante os horrores históricos que inferiu ao povo preto (e indígena), as mulheres negras não aceitam serem descritas “assim ou assado” por narrativas paternalistas.

> O fato é que, enquanto mulher negra, sentimos a necessidade de aprofundar nessa reflexão, ao invés de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva socioeconômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar. Exatamente a partir das noções de mulata, doméstica e mãe preta que estavam ali, nos martelando com sua insistência... (Gonzales, Lélia, 1984, p. 225)

Com seus estudos em Psicanálise Lélia contribui na construção de ferramenta de autonomeação quando cunha o termo “pretuguês”. O termo considera a influência de línguas de matriz africana no vocabulário brasileiro, ou seja, dá espaço para práticas linguísticas já existentes assim, a repressão do preconceito linguístico dirigida a quem “troca” o “l” pelo “r”

(vide brusa, pobrema, dentre outros), retorna a quem o infere. É a branquitude, arauto de neuroses culturais não analisadas, a agente de tal repressão que condena a um lugar marginal a linguagem afro-brasileira. Ora, se um dos trabalhos do campo psi é ser “facilitador” para o sujeito, grupos e equipamentos sociais contarem suas próprias histórias, nada mais justo do que quem fala ter a dignidade de usar sua própria língua.

O campo da moda, quando circunscrito a espaços de consumo, pode vir a capturar linguagens, inventar novos nomes para roupas já conhecidas (esvaziando os sentidos das memórias vividas sobre a pele), invisibilizar o processo de feitura da indústria têxtil (reforçando o processo de desvalorização deste tipo de trabalho), fragmentar a transmissão dos cuidados para com as roupas e acessórios. O que compõe o gesto de uma lavadeira? Ou ainda... como vive e o que pensa e sente as pessoas que cuidam das nossas roupas? Salma Soria e suas narrativas sensíveis nos conta... Em um apartamento de 38m²...

> Após colocar o outro grupo de roupas para quarar nas bacias metálicas, Virgínia estica a cadeira de praia e se acomoda nela, no cantinho da sala, bem perto da porta. Algumas peças param de pingar e começam a resfriar. O quase fim do pinga-pinga e o evaporar no esticador é sua tv de acontecimentos diários: - Deus quis assim – suspira (Soria, Salma, 2021, p.35)

O cuidado com as roupas, expresso nestas cenas cotidianas, faz pensar na multiplicidade e na variedade de práticas invisibilizadas nos estudos sobre a moda pelas práticas de vestir. Estes movimentos de captura, invisibilisação e fragmentação podem funcionar como estratégias de dominação e de apagamento.

2.4 Modos de ser, modos de estar e de se relacionar

Imagem 11: *Corredor de shopping*

Imagem 12: *Corredor de presídio*





Fonte: Diário do Comércio/BH

Fonte: Christiano Antonucci/Fonte: Agência Câmara de Notícias

A psicologia social, disciplina que tem na escuta uma de suas principais ferramentas, pensa se tal ferramenta tem potência no encontro com a moda e/ou com o vestir? É fato que o vestir produz a cultura e tem efeitos a partir dela; os modos de subjetivação na *polis* encontra no vestir uma possibilidade de afirmar modos efêmeros sustentados pelo capitalismo, mas também de tensiona-los pela via de certas práticas singularizantes. Nos interessa pensar o quê, na existência deste sistema, produz efeitos de verdade expressos em modos de subjetivação. As afirmações acerca de como o campo da moda vêm se transformando, em crescentes escritas prescritivas de blogues e revistas que mostram tendências do mercado de moda, ou afetadas por referências eurocentrada (o maior volume de pesquisas de moda no Brasil segue baseando-se quase que exclusivamente em autores europeus). Tais fragilidades abrem espaço para produção de narrativas que possam costurar experiências de práticas do vestir.

Retornando em um passado localizado, Mara Rubia Sant'anna (2016) descreve a acumulação primitiva de capital (que desencadearia a posteriori a Revolução Industrial) e a imposição de um padrão estético relativamente unificado como derivação de práticas europeias ligadas aos luxos têxteis e às relações comerciais:

> Mesmo o comércio das "especiarias" sendo centralizado na península ibérica, foram as casas bancárias e indústrias do luxo da Itália, França e Norte da Europa que prosperaram. Veneza, Milão, Florença e Gênova desenvolveram os principais bancos do Sul da Europa e as maiores manufaturas da seda, tendo ainda destaque o trabalho em couro e a fantástica qualidade artística em elementos aplicados às roupas. A França, com Lyon, principalmente, Inglaterra e Países Baixos sustentaram as manufaturas em lá. (Sant'Anna, Mara Rubia, 2016, p.28)

O abordagem do conceito de cultura no pensamento foucaultiano, ainda que o autor várias vezes afirme que a complexidade deste conceito impede sua exata definição, pode auxiliar na análise do que foi anteriormente mencionado como disputa de narrativas.

> Pois bem, parece-me que se chamarmos cultura a uma organização hierárquica de valores, acessível a todos, mas também ocasião de um mecanismo de seleção e de exclusão; se chamarmos cultura ao fato de que esta organização hierárquica de valores solicita do indivíduo condutas regradas, dispendiosas, sacrificiais, que polarizam toda a vida; e enfim que esta organização do campo de valores e o acesso a estes valores só se possam fazer através de técnicas regradas, refletidas e de um conjunto de elementos que constituem um saber (...) (Foucault, Michel, 2004, p. 221)

O autor está discutindo a noção de cultura de si ao propor a definição acima, deste modo busca pensar a cultura nos enlaçamentos que faz com os modos de subjetivação, ou seja, nos modos como indivíduos, regras, costumes, valores se entrelaçam na definição de saberes sobre si e sobre a vida. Estética, estilística, estilo: que nome damos aos engendramentos das diferentes formas de narrar a vida? É no laço social que se pode ler a cultura de determinado lugar/tempo. Laço esse que, como bem diz o termo, enlaça possibilidades de vida, mais ou menos justas, mais ou menos visíveis. Em seu último texto (publicado postumamente) a escritora Fernanda Young afirmava quase explicitamente que a crise no Brasil era de ordem estética; isso apontando a crueldade em um desenho de múltiplos comportamentos que se normalizaram, mas que se estilizam na barbárie:

> A Amazônia em chamas, a censura voltando, a economia estagnada, e a pessoa quer falar de quê? Dos cafonas. Do império da cafonice que nos domina. Não exatamente nas roupas que vestimos ou nas músicas que escutamos – a pessoa quer falar do mau gosto existencial. Do que há de cafona na vulgaridade das palavras, na deselegância pública, na ignorância por opção, na mentira como tática, no atraso das ideias.

> O cafona fala alto e se orgulha de ser grosseiro e sem compostura. Acha que pode tudo e esfrega sua tosquice na cara dos outros. Não há ética que caiba a ele. Enganar é ok. Agredir é ok. Gentileza, educação, delicadeza, para um convicto e ruidoso cafona, é tudo coisa de maricas. (Young, 2019)

E a pandemia nem havia começado... E a máscara fina que protege o privilégio branco pouco se preocupou em fazer *lock-donw,* pois queria retornar as suas vendas e às idas ao shopping, ou a consultórios em bairros de alta especulação imobiliária decorados com muito porcelanato e mármore. Se pensarmos no trabalho em *home office* no âmbito da saúde mental, o lugar de escuta recuou nas formas de presença, ao passo que quem precisou desse serviço teve sua vida ainda mais precarizada (Soares, Helena, 2020). Quero dizer que, em uma ponta mais privilegiada e cafona, esperou ansiosamente pela abertura do comércio chamando comida *delivery* em casa, e a outra ponta fazia um trabalho ainda mais intenso e com mais esforço, sem conseguir dar conta das demandas que sua condição socioeconômica colocava em tempos de pandemia.

O tanto que um grupo alcança em mobilidade diz de como sua vida é expandida e, por isso, acelerada. Não há mais tempo para quarar uma peça de roupa branca de algodão, mas há para acompanhar horas a fio de programas pós-jogo de futebol no domingo; é inviável lembrar tudo o que se tem para vestir, mas é totalmente justificável mais uma saída de compras de *fast fashion.* A rua, assim como o guarda-roupa, é um espaço com algum grau de caos, mas certamente aberto a diferenças e combinações inusitadas. O professor, historiador e um cronista do cotidiano urbano Luiz Antonio Simas (2020) é um apaixonado pelo ir e vir mundano e sobre a rua escreve:

> As ruas são como arquivos, verdadeiras bibliotecas da história que pesquiso, escrevo e pela qual sou apaixonado. Ela, afinal, é ancorada em um princípio: malucos, crianças, mulheres, bichas, sambistas, funkeiros, amantes desesperados, fracassados em geral, a vizinha do lado, o fantasma, o iaô, a prostituta, a beata do Diabo, o pierrô, a colombina, o pirata de araque, o bicheiro, o empurrador de carro alegórico, a assombração, o macumbeiro, o portuga do botequim, o Rei Momo, o Menino Jesus do teatrinho da quermesse e a rezadeira suburbana não são objetos da história. São sujeitos dela (Simas, Luiz Antonio, 2020, p. 109)

E da história não há como fugir. Dinâmica, a história hoje pode ser contada pelos ganhadores de lutas injustas. Amanhã suas falsas façanhas poderão ser reescritas por aqueles que não puderam gozar de sua dignidade.

2.5 - ficção + mais fricção[12]

Essas modas, desses tantos corpos que se debatem por um espaço, que mesmo enorme, é disputado, se montam em jeitos de ser-no-mundo. Escrever sobre eles é escrever, e em alguma medida é também escrever sobre si. Linn da Quebrada disse, no palco da FestPoa Literária, que é preciso menos ficção e mais fricção. A proposta é a de estar com uma personagem ficcional desde que ela me perturbe, que consiga me mover de meu espaço de pesquisadora branca, mas não tão branca, que gosta de moda, mas que também a crítica, que não busca o lugar confortável, que veja na Universidade um espaço de produção de conhecimento, mas que lembre que, no Brasil, sua articulação com os saberes populares é muito pequeno: que f(r)iccione aquilo o que se é, dando espaço a outros modos de ser.

E nessa busca por esse encontro f(r)iccional, que só poderia ser na cidade, foi como encontrei Guacira (por último, mas que será a primeira escolha nesta pesquisa), Margareth, Joel e Miro, pessoas comuns que me inspiraram por seus modos de vestir. Elas me acompanharão em um caminho traçado pela palavra, mas convocado pelo olhar.

Chamarei de Margareth a mulher que tem vivido pelas ruas da Zona Norte de Porto Alegre, depois do Viaduto Obirici. Tem cerca de 60 anos ou menos. Não conseguiria dar uma impressão segura, pois tenho a sensação de que a aparência da idade da pessoa em situação de rua é diferente das pessoas que vivem sob um teto. Seus cabelos brancos foram pintados de acaju algum dia, mas, na última vez que a vi (meados de 2019, pré-pandemia de Covid-19), pouco aparecia do pedaço com tinta. Estavam presos em um coque no topo da cabeça em um desenho muito singular. Usava roupas em sobreposição e tinha uma atitude segura ao caminhar pelas largas calçadas da Av. Assis Brasil. Sempre a vi empurrando um carrinho de supermercado como quem leva uma mala de mão. Pertences disponíveis a qualquer momento para trocar uma blusa leve por uma mais quente, incluir um lenço ou manta ou guardar um

[12] Palavras de ordem de Lina da Quebrada (durante FestPoa Literária)

casaco mais pesado. Margareth parecia mostrar que seu estilo, suas escolhas para vestir, lhe importavam e que seu carrinho era uma importante ferramenta para isto. Tinha um olhar por cima do que via, dando pouca importância para os olhares para si. Margareth talvez possa ser vista como uma pessoa elegante. Mas o que é exatamente isso: elegância?

Bem antes de ter visto Margareth pela primeira vez, vi Joel. Joel é um homem caminhante. Vê-lo é quase como materializar o poema de Antonio Machado[13]. Eu o via desde meados dos anos 2010 caminhando a pé pelos bairros Higienópolis, IAPI, Passo D'Areia, Bela Vista, dentre outros, em áreas de classe A e B de Porto Alegre. Joel tinha cerca de 40 anos quando o vi pela primeira vez. Homem branco, magro, alto, careca, sempre vestindo muito pouca roupa. Lembro que tê-lo visto repetidas vezes me despertou a inquietude de pensar se há um fora do Sistema da Moda. Se Joel veste pouco ele necessariamente estaria precisando de doações de agasalho? Ele me lembrava outras pessoas em situação de rua, mas que não conseguiria resgatar pela memória, que eu já olhava como sujeitos do estilo, como pessoas que tinham um modo de vestir que não era passivo, necessitado de um olhar assistencialista e que por isso, complexificavam o tema da Moda.

Passei a ver menos Joel. De minha parte a rotina de trajetos na cidade mudou. Lembro que entre duas vezes que o vi passaram-se uns 2 ou 3 anos, mas para Joel parecia ter passado uns 10. O pouco cabelo próximo à nuca estava crescido e branco, estava um pouco curvado. Mantinha-se com muito pouco roupa (uma peça que se repetia sua era a camiseta de ponta cabeça usada como bermuda, com as mangas nas pernas e parte de baixo amarrada na cintura), de pés descalços e caminhante.

Ter observado Margareth e Joel me deram condições de pensar um projeto cultural de fotografias que não foi levado adiante, mas que foi reescrito para submissão para prova de doutorado. Ao longo desse processo de reescrita de uma questão de pesquisa a imagem vestida

[13] Poema de Antonio Machado: "Tudo passa e tudo fica/porém o nosso é passar,/passar fazendo caminhos/caminhos sobre o mar/Nunca persegui a glória/nem deixar na memória/dos homens minha canção/eu amo os mundos sutis/leves e gentis,/como bolhas de sabão/Gosto de vê-los pintar-se/de sol e graná voar/abaixo o céu azul, tremer/subitamente e quebrar-se…/Nunca persegui a glória/caminhante, são tuas pegadas/o caminho e nada mais;/caminhante, não há caminho,/se faz caminho ao andar./Ao andar se faz caminho/e ao voltar a vista atrás/se vê a senda que nunca/se há de voltar a pisar/Caminhante não há caminho/senão há marcas no mar…/Faz algum tempo neste lugar/onde hoje os bosques se vestem de espinhos/se ouviu a voz de um poeta gritar/"Caminhante não há caminho,/se faz caminho ao andar"…/Golpe a golpe, verso a verso…/Morreu o poeta longe do lar/cobre-lhe o pó de um país vizinho./Ao fastar-se lhe vieram chorar/"Caminhante não há caminho,/se faz caminho ao andar…"/Golpe a golpe, verso a verso…/Quando o pintassilgo não pode cantar./Quando o poeta é um peregrino./Quando de nada nos serve rezar./"Caminhante não há caminho,/se faz caminho ao andar…"/Golpe a golpe, verso a verso

das pessoas em situação de rua esteve comigo. Já no doutorado, em uma disciplina de metodologia, encontro com mais uma pessoa em situação de rua foi essencial para que eu pudesse avançar nos exercícios do pesquisar.

Em 2017 a favela da Rocinha vivia a ameaça da perda de autonomia de suas relações comunitárias tendo a Intervenção Militar ocupando seus espaços. Logo ali adiante, em Jacarepaguá, o Rock'n'Rio, festival de música com acesso a classes média e alta, exibia certas belezas da indústria da música costuradas em uma realidade caótica. O telejornal local dividia as duas cenas: caveirões[14] circulando nas entradas da favela e entrevistas superficiais mostrando pouco daquilo de melhor que a classe artística tem a mostrar. Eu estava no Rio de Janeiro durante esses eventos. Em determinado dia fui almoçar em um típico restaurante de esquina (mas não encruzilhada, dado que era uma rua que desembocava em outra) de bairro na Tijuca e encontro Miro, morador de rua que, exausto, tenta pedir um prato de comida. Um homem negro, cerca de 40 anos, muito magro, alto e vestia bermuda jeans, chinelo Havaianas (o modelo "original" de duas cores branca e azul antes conhecido popularmente como chinelos de trabalhador/pedreiro) e camiseta da academia Smart Fit. Miro tinha pouca força até para falar. Tinha um grande saco de lixo preto nas mãos e dizia que tinha caminhado a noite inteira para não ser espancado por policiais. Miro (quando ele disse seu nome pela primeira vez escutei Ramiro) estava na mira da necropolítica que, no Rio de Janeiro, é visível até nos contêineres no trajeto aeroporto-zona sul que esconde a pobreza e os massacres da população negra e periférica. O lugar onde encontro Miro é o lugar onde renasce minha vontade de olhar para o vestir de todes: de quem usufrui como cliente da academia Smart Fit, de quem é dona dela, de quem a higieniza e das pessoas que só olharão por sua vitrine, pois estão caminhando na rua, fugindo do espancamento ou, pior, assassinato pela polícia.

Depois de encontrar Miro na esquina encontro Guacira debaixo do Viaduto Otávio Rocha em Porto Alegre. O lugar encruzilhado onde o encontro passa à f(r)iccão, pois demanda compreender do que se trata esse lugar: a intersecção. Miro e Guacira são personagens ficcionais que em seus vestires ocupam seu lugar na encruzilhada, em um espaço de risco, mas ao mesmo tempo que mostra para (quase) tudo o que lhes atravessa.

[14] Caveirão é o nome popular dos veículos blindados da Polícia Militar do Rio de Janeiro. São semelhantes a tanques de guerra em tamanho e na forma como acuam qualquer movimentação coletiva. Costumam ser usados nas abordagens em favelas.

Para escrever Guacira, para tê-la comigo como linha nesta estratégia de pesquisa, interessa saber quando (ou o quê) sua existência torna-se visível, o quê no encontro com Margareth e Joel (e outras pessoas em situação de rua) foi condição de possibilidade para abrir-me a um encontro tão potente com Miro que faz com que a palavra Moda passasse a ter direção de dúvida. Se meu corpo, mesmo antes de ser um corpo pesquisante dentro de uma formalidade acadêmica, é um corpo curioso dos modos de vestir, em algum tempo/lugar ele tem vontade de estar acompanhado, sente necessidade de estar junto com outros vestires que possam também costurar. O vestir de Joel e Margareth alimentaram uma ruptura para o incerto, para um viver que fosse radicalmente conectado ao olhar para brusinhas, para as calças de moletom de marca falsificada no calçadão da Rua dos Andradas, para o boné, para os vestidinhos fresquinhos onde cabem braços gordos e cheios de vida, para a montagem de *looks* que trazem *hits* do passado do guarda-roupa da própria família em versões nada parecidos com os *revivals* que a indústria da moda propõe. A certeza de saber que a palavra pronta (Moda) já não dava mais conta de como vejo pessoas reais vestidas passa a ser o mote para uma escrita sem miras, sem alvos em uma guerra proposta pela cafonice.

Algumas construções já vinham razoavelmente se desenhando após a banca de qualificação de projeto de doutorado em 2018. Em meados de 2019, uma vontade grande de avançar com Guacira para uma escrita que retomasse o trabalho da artista Rosana Paulino se alimentava em mim. Mas um trancamento na escrita foi materializado em 2020 durante a pandemia. O trancamento da escrita produziu uma quantidade enorme de anotações, áudios e degravações que mais pareciam a invenção de problemas que não existiam antes. É como se fios emaranhados saíssem de meu corpo de uma direção incerta e nervosa, pois a sensação é de que as palavras não poderiam ser perdidas, que o trabalho precisaria ser resolvido rapidamente e com eficiência em um movimento exaustivo como o das máquinas de costura em uma grande facção. O fazer de uma pesquisa com f(r)icção exige mais do que uma errância de ideias sem conexão com a realidade. A pandemia abalou nossa confiança em muitas coisas, reforçou outras tantas, mas certamente questionou, em alguns momentos, nosso modo produtivista de trabalho, seja acadêmico ou não.

Então importa, para pensar a escrita ficcional no contexto da produção de conhecimento acadêmico, as confusões próprias desse momento histórico. Precisamos pensar, por exemplo, se nós psis nos colocamos ou não em uma escuta na encruzilhada (Soares, Helena, 2020), aproximando-nos da dor do outro, e nos deslocando de posições academicamente privilegiadas.

2.6 psicologias, psicanálises e modas: plurais para vestir um texto

Para poder morrer/Guardo insultos e agulhas/Entre as sedas do luto.
Para poder morrer/Desarmo as armadilhas/Me estendo entre as paredes/Derruídas
Para poder morrer/Visto as cambraias/E apascento os olhos/Para novas vidas
Para poder morrer apetecida/Me cubro de promessas/Da memória.
Porque assim é preciso
Para que tu vivas.[15]

Algumas frases que já foram naturalizadas no passado, atualmente vêm sendo trazidas ao debate público tamanho o absurdo dos sentidos que expressam: "mas a saia era curta demais", "isso não é roupa para... (frase que pode ser completada com uma infinidade de descrições)", "você vai usar esse batom para sair?" etc. Existem, ainda, certas frases originadas em contextos culturais específicos que em seu próprio âmbito começaram a ganhar questionamentos: "por que ela estava usando branco como a noiva?"; "nesses eventos, você deve vir de salto"; "em um evento como esse, se espera o uso de terno e não de moletom". Seja em um cenário de situações extremas, que vinculam atitudes de preconceito explícito, seja mascarando códigos sociais para o vestir, o uso de roupas começa a ganhar espaço no contexto do pensamento crítico, os campos 'psi' se interessam, em suas mais diferentes abordagens, formações e disciplinas, pela complexidade dos processos de subjetivação, sobretudo que produzem efeitos de agressividade e preconceito, pois tais efeitos são estruturantes da desigualdade social.

[15] Hilda Hilst na abertura de 'A Obscena Senhora D'.

Imagem 13: *Instalação no CRP/RS (2019)*



Fonte: Registro da pesquisadora

Poderíamos estar em casa, em um escritório, poderia ser manhã, tarde, noite ou madrugada. Poderíamos estar em um ambiente fechado ou mesmo ao ar livre. Seja qual for a situação imaginada por nós, todas (ou quase todas) as imagens referenciais envolveriam o fato de estarmos vestidos. A roupa nos atravessa desde os primeiros instantes após o nascimento (ainda que na projeção da imagem familiar talvez já estivéssemos vestidos) até o momento de nossa morte. De forma usual, costumamos ficar nus em situações íntimas, e ainda assim a nudez, quando descrita ou até mesmo vivida, é referenciada a partir da noção com o vestir: a própria referência de nudez está em oposição ao "natural" vestido. A roupa veste a todos, todas e todes, psis, pacientes, usuários, técnicos, porteiro, motorista de ônibus, caixa do supermercado, professora, prefeito, empresária, pais e mães; cada pessoa do corpo social vestida abre seu repertório de combinações (de suas aquisições) para as pessoas com quem for encontrar-se.

As reflexões que as diferentes disciplinas – Moda e Psicologia - promovem, falam de seu lugar na *polis,* sua relação e forças políticas, tanto no texto, como literalmente no vestir: importa saber se a roupa que o psicanalista veste em seu consultório no bairro Mont Serrat é a mesma que usa quando vai ao seu trabalho em um CAPS periférico; e, ainda, se seus pacientes/usuários nas duas regiões, correspondem em estilo (e preço) à sua. É grande a lista de exemplos daquilo que tensiona aproxima, afasta e atravessa essas relações - desde o corpo,

passando pela grupalidade e se estendendo aos equipamentos públicos e privados da clínica -, tanto no que se refere aos estilos de moda quanto às abordagens psicológicas. Uma roupa para cada reunião, para cada tema, referências que vestem seus estilos de escrita; vocabulários que circunscrevem um *dress code* que também é uma ética, um jeito de estar no mundo convivendo com pares que tanto legitimam sua prática, como também a criticam; conceitos e palavras que caem em uma obsolescência que se justifica pela captura que a mídia e outras formas de comunicação capitalista fazem dos jargões técnicos: a palavra que veste uma ética pode ou não seguir tendências, pode reproduzir os movimentos do mercado de moda ou sustentar um olhar para aquilo que já fizemos.

Imagens 14, 15, 16, 17: *Solange Gonçalves (2018), Instituto de Psicologia/UFRGS*



Fonte: Registros da pesquisadora

Alguns dirão que estou "colocando no mesmo saco" todas as práticas psis. O ponto de partida para pensar o que da moda nos serve é pensar as práticas de cuidado na esfera daquilo a que chamamos de "escuta". Quando eu trouxer as questões da subjetividade, do sofrimento e da produção de saúde mental, não entrarei em uma discussão acerca da diferença na ética lacaniana ou na ética da diferença, as especificidades entre o inconsciente freudiano e o maquínico. O respeito que me inspiram as construções coletivas e institucionais no campo da produção de conhecimento é o maior que puder sustentar. Importa, neste caso, desconstituir o tanto que conhecemos como avanços do debate público sobre modos de cuidado, sobre a contribuição de cada disciplina 'psi' para pensarmos temas sociais complexos. Pelo contrário, importa, sim, apontar o quão complexa é a potência de nossa ferramenta da escuta, e o tanto que poderia ampliar tal complexidade.

Desde uma disponibilidade clínica, que se debruça sobre as questões do humano em seu tempo-espaço de existência, o campo psi se vale da escuta daquilo que nos conecta neste lugar, como uma ferramenta para desatar nós, compreender o engessamento de certas lógicas sociais e promover saúde mental. A percepção de elementos culturais que arquitetam um desenho do lugar que ocupamos da história deve incluir os mais diversos temas. Da religião ao esporte, da natureza à tecnologia, da criação artística à técnica, do etéreo ao material, tudo o que nos causar familiaridade ou estranhamento expressa relação com o aqui-agora, pois a indiferença a algo traduz sua obsolescência. Neste inventário cultural a moda circula tanto no afã quase religioso daqueles que seguem tendências, como entre os que exercitam suas possiblidades ao extremo. Ela inspira o gesto daqueles que se conectam com a vida longe da *polis*, e também aqueles que buscam no sintético (no sentido de fabricado, de não orgânico) a solução para suas coisas. A moda fora (como em forma de figurino, pintura, escultura, instalação) ou dentro (na literatura, na poesia) do corpo, ou ainda nos detalhes de seu fazimento, é elemento cultural que existe, que podemos pegar ou imaginar. Sua existência é inerente ao ser humano, - pois está nos mais longínquos registros históricos e construindo possibilidades de futuro – ou seja, está compondo ativamente processos de subjetivação. Na arte, na história e na técnica a moda é fabricação do ser humano.

A indústria têxtil, espaço de produção de moda *"slow"* e *"fast",* vem sendo protagonista no cenário socioeconômico mundial. No Brasil produz mais de 9 milhões de postos de trabalho (diretos e indiretos). Seu protagonismo em números é tanto da geração de trabalho e renda como de desigualdade social, assim como produz ações geradoras de resíduos e de impactos ambientais desastrosos, como na recente notícia de um lixão de roupas no

Deserto do Atacama (BBC, 2022), já referido anteriormente. Mais de 60% de mão-de-obra feminina (ABIT, 2023), mas qual tipo de mão-de-obra?

A interseccionalidade (Akotirene, Carla, 2018), conceito desenvolvido no âmbito do pensamento feminista negro que refere-se aos modos como os marcadores sociais de raça, gênero e classe social se interseccionam para definir formas de dominação que atingem especialmente mulheres negras, faz pensar sobre como estas intersecções podem operar no campo da moda. Deste modo, pode apontar que não é apenas na produção de roupas que uma parte muito específica da população seja privilegiada no âmbito da moda, mas que as práticas de consumo, uso e descarte se somam a esta situação. Quem pode comprar uma blusa da última coleção de uma Maison francesa na loja do shopping, e quem compra a brusinha na 25 de março, no Saara ou na Voluntários[16]? Como se escolhe o que se vai vestir: quem pode comprar o que? Quem escolhe trocar o que pelo que? Como se lava e guarda as roupas que se têm? Como me desfaço das peças pelas quais não tenho mais relações afetivas? E ainda há a questão acerca do uso: quem pode usar o que e onde e transitar livremente? Uma mulher branca pode usar minissaia em um estádio de futebol? Um jovem negro pode usar blusão de moletom e boné dentro de um shopping de luxo em uma grande metrópole? Fanon (1983) pautou o tema da liberdade como condição para plenitude subjetiva do ser humano e, se não somos todes livres para produzir, usar e "descartar"[17] as roupas dos modos como quisermos com equidade, o que pode a psicologia fazer sobre esta incongruência social?

A moda está nas fábricas, nas ruas, na Universidade. É usada e produzida tanto como palavra (conhecimento escrito) em disciplinas como Antropologia, Sociologia, História e História da Arte, como nas mãos de pessoas que confeccionam ou reconstroem suas próprias roupas (conhecimento empírico seja técnico ou oral), e está nas vitrines, na roupa da novela, na imagem que refletimos nos espelhos de nossas casa.

O campo psi também vem expandindo seu lugar social. A Psicologia legitimou-se como campo de atuação na saúde pública, produz pesquisa, tem um número expressivo de graduações, vestibulares disputados. Psicólogos e psicanalistas são constantemente consultados para assuntos públicos e contribuem para jornais e revistas. Socialmente

[16] Nomenclaturas de espaços geográficos dos comércios populares das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Mas a ideia é ampliar esse modo de consumo para outras cidades, cada uma com suas singularidades.
[17] A escolha pelas aspas foi para dar o destaque da transformação do modo como nos referimos ao encaminhamento dado para roupas que não queremos mais. Aos poucos, o termo "encaminhamento", que enfatiza o não encerramento das possibilidades de uso, ganha espaço, mas entendo que é importante trazer o termo usado por tanto tempo e pouco (ou nada) problematizado no campo psi.

legitimado a falar sobre afetos, sentimentos e comportamentos, o profissional psi ocupa espaços antes não pensados. Douglas Pisson e Maria Helena de Freitas (2022), que conduziram pesquisa que levanta e analisa as representações sociais dos profissionais da psicologia sobre sua própria área de atuação, discorrem sobre a ampliação:

> Hoje, as(os) mais de 420 mil profissionais inscritas(os) no Sistema Conselhos de Psicologia (CFP, 2022) recebem demandas para atuarem em escolas, fóruns, empresas, indústrias, hospitais e numa série de outras instituições que passaram a reconhecer a necessidade de integrarem psicólogas e psicólogos em seu quadro. Durante a pandemia do Covid-19, foi observada intensificação da importância dessa área do conhecimento para a manutenção da saúde integral, juntamente ao desafio de se pensar a saúde mental e a atuação da(o) profissional de psicologia para além dos moldes tradicionalmente estabelecidos. Tal reconhecimento também tem repercutido no incremento da procura pela formação em psicologia, fazendo com que o curso de graduação nessa área se situe, atualmente, em sétimo lugar dentre os cursos de graduação mais procurados nas matrículas em cursos universitários (Brasil, 2019). (Pisson; Freitas, 2022, p.2)

As falas que pacientes e usuários chegam aos serviços e consultórios (com ou sem demanda) costumam ter vocabulário que inclui termos produzidos pelo campo psi: ‘eu tenho a consciência de...’, ‘eu e ele temos uma relação tóxica’, ‘venho repetindo sempre esse comportamento, mas não sei como mudá-lo’, ‘tenho crise de ansiedade’, ‘não tenho inteligência emocional para resolver esse problema’, ‘minha subjetividade me leva a fazer isso’, dentre outros, como se tal discursividade expressasse o que vem vivendo de forma a ser mais facilmente compreendido e, assim, ajudado.

Textos e conceitos do campo psi vem sendo produzidos em uma velocidade maior do que nossa capacidade de acompanhá-los. A legitimidade das disciplinas que se ocupam da saúde mental, daquilo que atravessa o laço social, que se preocupam com as questões da alma humana está ‘na boca do povo’, nos livros e nas mídias.[18] A partir deste cenário proponho a

[18] Uma pesquisa (MAURENTE; BAUM in memorian; KROEFF, 2020) sobre políticas produtivistas na pós-graduação (esta voltada para os campos de engenharia e veterinária) nos aponta que as habilidades cognitivas dos pesquisadores estão inseridas em redes sociotécnicas. Um dos efeitos desse modo de pesquisar é a ampliação de

questão: a Psicologia está na moda? Se fizermos uma mudança estilística mudando maiúsculas e minúsculas a questão poderia se multiplicar: ‘a psicologia está na Moda?; a Psicologia está Moda?

A provocação poderia ser ampliada se tomarmos outro recurso da língua - plural e singular - para refazer as questões: ‘as psicologias estão na moda?’; ‘a psicologia está nas modas’; as psicologias estão nas modas? O debate levantado pelas questões é, sim, importante, mas a localização de quem debate também importa. Na língua portuguesa, os verbos que expressam sentido de existência e de localização não coincidem. Ser e estar são verbos auxiliares que conferem complexidade à língua, mas também contradições: estar contido em uma determinada condição confere a um elemento ser aquilo que essa condição lhe indica como se deve ser? A noção de tempo passa a ser confusa quando colocamos nestes termos a condição de uma pessoa, um conceito, uma disciplina: fulano quis dizer tal coisa em tal situação, mas fulano não é o que disse. Não? Ou quem sabe é circunstancialmente e, por isso, a noção de recorte é tão relevante. Mas quem produz os recortes, quem escolhe as palavras para traduzir/reproduzir aquilo que fulano disse?

A pergunta ‘A/S PSICOLOGIA/S ESTÁ/ÃO NA/S MODA/A’ esteve presente de diferentes formas do Projeto de qualificação para pensar esta pesquisa e em contradição. No título foi redigida ‘A psicologia está na moda?’, quando deveria ter sido escrita como na abertura deste parágrafo e, logo em seguida, na Introdução do Projeto, respondi rapidamente uma das possíveis formulações que ela poderia apresentar. A opção estilística que suprimiu as possibilidades de singular ou plural, em iniciais maiúsculas ou minúsculas, derrubou assim a complexidade necessária que permite fazer ver as contradições das duas disciplinas e de como elas se aproximam, se afastam, se tocam ou mesmo competem, mas, principalmente, como suas existências têm potencial de coletivização, de cooperação e colaboração. Cada pontuação aponta para diferentes modos de leitura da relação com o vestir e das práticas que decorreram do fazer, usar e circular/descartar as roupas que inventamos. Então, a relação entre os campos pode se dar por pontos de contato, por referência, por incorporação, por fricção, por observação, mas ignorá-la seria reduzir a potência de cada uma delas.

Cada campo de estudo e atuação ocupa seus espaços. A compressão do espaço pelo tempo pode produzir efeitos de simplificação. A Psicologia Social, a partir de diferentes modos

disputas entre colegas por mais produção gerando hierarquização e diminuição de métodos colaborativos de produção de saber.

de pensar o que é o social, pode pensar o sujeito no campo da produção de conhecimento, a partir de diferentes éticas (Neves, Rosane, 2005), mas sempre apontando uma problematização ética do conhecimento e de sua produção. Em sua expansão pelo Atlântico (e outras fronteiras), a Psicanálise, suas Instituições e sua relação com as políticas públicas de saúde mental se mestiçaram, ou seja, podem ter diferentes perspectivas de problematização ética quando coloca em análise os modos de inserção e práticas. Ampliam-se, assim, as formas localizadas de se pensar e de se produzir conhecimento psicológico: são muitas psicologias, muitas psicanálises e muitas as formas de escuta. Recentemente o texto de Heloisa Helena Santos (2020) começou o mesmo processo no campo da Moda. O espaço que cada campo de conhecimento/estudo (e mesmo mercado) pode abrir-se em muitas possibilidades se nos dispusermos a provocar encontros, a atiçar a curiosidade naquilo que parece óbvio. Escolher uma roupa para sair de casa envolve escolhas e elas nunca prescindem daquilo que subjetivamente toca o sujeito.

Quando digo que pretendo, ao redigir a questão em diferentes estilos/opções linguísticas, avançar na questão do espaço, me refiro aos modos como a língua não resolve o problema da relação da moda com a psicologia senão ampliá-lo (a linguagem) em uma expansão localizada em corpos que hoje estão comprimidos pela ordem do capital e vivem precariamente, mas resistindo/vestindo com suas ferramentas artesanais. Não se trata, portanto, de uma proposta de expansão de quaisquer discursos da psicologia sobre a moda, tampouco de alimentar modas que desencarnem de sua relação com os objetos (roupas/acessórios), com as coisas que a tornam mundana. A dessubjetivação da moda pela aceitação de um tempo que não se remete a nenhum espaço - sequer ao corpo – associa-se aos discursos da psicologia que têm resposta ligeira para questões complexas: se nada der certo, uso uma fantasia de trabalhador[19]. Roupa de trabalhador, tingimento da pele de preto (blackface) e adornos indígenas não são fantasia de carnaval; são corpos em constante construção e reconstrução, ofícios e/de pessoas que construíram todas as sociedades.

Paradoxo pode ser uma escolha descritiva para a relação das questões propostas pois, ainda que considere as diferentes realidades em observação/análise, não as coloca necessariamente no campo do absurdo, do despropósito ou do incompatível. As questões ‘a moda está na psicologia?’ ou ‘a psicologia está na moda?, independentemente de sua escolha

[19] A IENH - Fundação Evangélica de Novo Hamburgo promoveu em 2017 um dia em que os alunos viriam vestidos de ofícios de trabalhadores que estão longe de suas metas de vestibulandos. A Instituição tem alunos de classe A com amplo acesso à educação privada, cursos pré-vestibulares e, com isso, vantagem em vagas nas graduações em universidades federais, além da possibilidade de financiamento familiar de boas graduações privadas. O acontecimento ganhou espaço de mídia nacional na época (GZH, 2017).

ortográfica, pode derivar outras tantas. A moda pode estar contida no campo psi, assim como o campo psi pode habitar processos na moda. Mas o contrário também pode ocorrer: a moda, desde a perspectiva eurocentrada, até leituras singulares de práticas do vestir, pode ser ignorada pelo campo psi; assim como o que toca o contexto social e suas singularidades pode ser ignorado pela moda.

Contradição talvez seja um termo ainda mais preciso para a coexistência de assertivas tão diferentes, às vezes em um mesmo corpo. Escutar para operar e sustentar a contradição não é tarefa simples. O binarismo é velho conhecido como referência na produção de conhecimento acadêmico, e o que se propõe pensar nessa relação não parte de ímpetos resolutivos, de manuais de fases do desenvolvimento que desconsideram a complexidade da imagem vestida em diferentes idades, ou artigos de "certo x errado' que oferecem uma opção de pessoa e estilo para usar determinada roupa.

A empresária e consultora de moda Costanza Pascolato construiu uma sólida carreira ligada a revistas de moda que tradicionalmente produzem editoriais visuais que, por exemplo, desconsideram a imagem de quem faz as roupas exibidas. Como um artigo científico que pudesse ser publicado sem autoria, mas com o nome da instituição onde os pesquisadores são afiliados. Se pensarmos que as pesquisas acadêmicas têm uma série de requisitos que buscam garantir reconhecimento de quem esteve envolvido em seu processo, o mesmo não ocorre em revistas não científicas de moda. Em 1999, a empresária publicou o livro 'O Essencial' no qual oferece categorias de estilo, sugestões de variações dele, e uma lista de peças de roupa que seriam essenciais em um guarda-roupa feminino. Sem qualquer pretensão salvacionista a partir da consideração de novas e revistas publicações, cito a última publicação de Costanza (Pascolato, 2022) que não se apresenta como um livro 'tradicional' com capa, folhas, capítulos, lombada. A produção é uma caixa preta com um título em cinco de suas faces: Puxa conversa moda. Como um baralho, mas que não oferece combinações de naipes ou previsões ao estilo de um oráculo. O baralho oferece questões.

Aleatoriamente pego uma carta e leio:

> Quem é a pessoa mais elegante que você conhece? Por que ela merece essa avaliação?" E pego outra: "Você lembra qual era a marca de roupas ou peça preferida na infância?" Ou ainda: Existe alguma peça no seu guarda-roupa, de qualquer época, que representa um momento importante da sua vida? Se sim, qual é e por quê? Se não, por quê? (Pascolato, 2022).

Então passo a ter a nítida impressão de que instala-se a contradição na produção de uma pessoa ligada à moda como alguém que define tendências e comportamentos. Aqui, Costanza se coloca em um lugar em que, mesmo tendo vasto repertório do mercado de moda, propõe que o conhecimento que leigos têm sobre suas práticas do vestir são relevantes. São cem questões que abrem infinitas histórias, memórias, sensações, mudanças de práticas. As perguntas são relativamente abertas, recortadas a um assunto de moda, colocando o leitor em expansão de sua própria imagem, olhando para uma imagem que não está pendurada no guarda-roupa, tampouco em uma vitrine ou em algum *e-commerce.* Para a primeira pergunta citada, por exemplo, abre-se a verdade construída do conceito de elegância, sugere que todes nós somos seres julgadores ("Somente os superficiais não julgam pela aparência", Oscar Wilde), e ainda que talvez seja interessante prestarmos atenção no estilo de vestir das pessoas que temos como referência, como mestres, uma autora, um professor.

E como a escuta, como uma ferramenta clínica em diferentes esferas de atuação psicológica (pesquisa, políticas públicas, escolar, dentre outras), tem considerado a moda? Como dito no capítulo anterior, a leitura sobre moda proposta aqui é a encarnada no corpo, a roupa material e o que circunda sua possibilidade de existência: o ofício de artesãs, modelistas e costureiras são o ponto de partida. Se a questão da roupa, presente em todos os ambientes, não é pensada como conceito para o campo psi, talvez seja importante considerar a dor que o ser humano vem inferindo ao Planeta em que vive cobrindo-o com lixo têxtil (dentre outros).

No movimento de ir e vir da carreira de Costanza (2022), por exemplo, levantamos contradições. Mas sua recente contribuição nos mostra que é possível recuar à produção de mais imagens fora do corpo, suspender a demanda por mais e mais roupas ou, no mínimo, problematizar como estamos adquirindo e cuidando daquilo que dispomos sobre a pele. A escolha de uma pessoa midiatizada foi proposital para expressar diferentes polos de uma contradição, uma profissional conhecida do mercado e sem necessidade de mais reconhecimento complexifica seu trabalho inventando este baralho. Me inquieta a quantidade e a qualidade dos olhares voltados a figuras como a da fase mercadológica do trabalho de Costanza. Não são poucas as psicólogas que recorrem a guias de moda, ou psicólogos que desprezam as múltiplas criações que a roupa pode oferecer como ferramenta. A escolha pelo feminino como busca pela moda efemerizada e a resistência masculina para aquilo que possa lhe oferecer uma camada de sentidos não é à toa. As campanhas emergenciais em casos de calamidade pública, por exemplo, têm nas roupas femininas o segundo item mais doado. Para esta assertiva não possuo referência, entretanto, como cidadã já acompanhei coberturas

jornalísticas de rádio que descreveram tal realidade. A roupa feminina só vem depois da doação de alimentos. A desproporcionalidade de imagens que o mercado de moda produz especialmente para o corpo feminino inventando uma contradição com uma suposta economia estética masculina ajudou a inventar a ideia de certa profundidade intelectual daqueles que não ligam para o vestir. Miller (2013), antropólogo que pesquisa cultura material, ironiza esse modo de colocar a roupa como mediadora nas relações de gênero e a aproximação de um pesquisador com seu campo.

> O problema de se ver o vestuário como a superfície que representa ou deixa de representar o cerne interior do verdadeiro ser é que tendemos a considerar superficiais as pessoas que levam a roupa a sério. Antes do feminismo, caricaturas de jornal tinham poucos escrúpulos em mostrar que as mulheres eram superficiais, retratando meramente seu desejo de comprar sapatos e vestidos. Rapazes negros era superficiais porque queriam tênis caros, que supostamente não tinham condições de comprar. Em contraste, nós, estudantes universitários em lugares como Cambridge, éramos perspicazes e profundos porque parecíamos andrajos e claramente não nos preocupávamos com isso. Quando conheci minha esposa, como colega de universidade, minhas calças eram presas na cintura com barbante, e na bainha com grampos. Ela deve ter pensado que eu era profundo, pois na superfície não havia grande coisa para atraí-la. Tais pretensões são muito boas nos confins de Cambridge, mas se tornam um problema para um antropólogo de partida para Trinidad. Pois a questão para a Antropologia é investigar empaticamente como as outras pessoas veem o mundo. Descartá-las como superfície representaria um começo desastroso para esse exercício, porque os trinitários em geral se dedicavam a roupas e sabiam que eram bons em termos aparência. Estampas coloridas e cintos com fivela de borboleta era sua prioridade. (Miller, 2013, p.23-24)

O olhar voraz que orienta a percepção da moda, condenando-a pela superficialidade, pode ser a mesma que consome desenfreadamente. O que o campo psi, ao que vemos, conhece pouco as modas para superar a simplificação desta aparente contradição. Como as modas se ocupam daquilo que é subjetivo e que produz história e enlaça imageticamente uma comunidade? Ver e ser visto. Dois campos de conhecimento e prática múltiplos que podem se olhar, se escutar, produzindo, assim, múltiplas leituras de mundo.

> (...) o desenvolvimento da pulsão escópica deve ter sua origem no outro que olha, que percebe a existência de um sujeito que se mostra. Num primeiro momento ele se mostra sem o saber, pois são os outros que o percebem. Quando for introduzido nesse circuito afetivo, ele passará a querer ser percebido, notado e reconhecido como objeto de amor, podendo se exibir. Aí, sim, entenderá a "função" de seus olhos, funcionem eles ou não. (Camargos, 2008, p.85)

A escolha por considerar o conceito freudiano de pulsão escópica como ferramenta psi a ser problematizada na direção de uma ampliação da escuta decorre da experiência profissional. Vale lembrar que esta escolha, por certo, acaba por prescindir de outras tantas - e isso importa para que possamos compreender a escolha metodológica, descrita no próximo capítulo, que considera o erro e a incompletude das teorias/abordagens. Também interessa à Psicanálise, desde a posição ativamente contraditória com que essa disciplina lida com a visualidade. Se, por um lado, o paciente é convidado a visitar suas imagens inconscientes por meio da livre associação, por outro, o analista deixa de vê-lo para ver/ler tais imagens. Naquilo que a Psicanálise sustenta, suas contradições em relação ao ver e ser visto - a partir do uso do divã que coloca o analista atento às imagens que as associações do paciente produzem[20]-, acaba por interferir na lógica da pulsão escópica que parece encarnar o modo como o laço social se constrói: "comendo com os olhos."

> O modo como Freud descreve para seus pacientes como devem se comportar em busca de uma livre associação de seus pensamentos é um convite à visualidade, um convite para ver, perdendo-se o olho de vista por meio do divã. (Camargos, 2008, p.143)

E como poderia a clínica, seja por imagens propriamente ditas (uma roupa, um gesto, um objeto) ou em formulações imagéticas ampliar o espaço para narrativas do presente a partir

[20] Aqui vale a observação de que a escuta psicanalítica volta-se para àquilo que o paciente traz à palavra, ou seja, o real do corpo e das roupas escolhidas e/ou presentes na articulação com as associações que o paciente faz em sessão. Neste contexto, o/a analista não pontua/interpreta a associação de uma palavra com uma peça de roupa presente na sessão se o/a paciente não presentificá-la via palavra: "Não dizemos ao paciente a toda ocasião – 'Ora, ora, com que cara você está!', ou 'O primeiro botão de seu colete está desabotoado.' Assim mesmo, não é por nada que a análise não se faz face a face. A esquize entre o olhar e visão nos permitirá, vocês verão, ajuntar a pulsão escópica à lista das pulsões." (Lacan, Jacques, 2008, p.81). Lacan aponta uma pré-existência do olhar, o lugar de onde o sujeito foi e é olhado que se diferenciaria daquilo que é possível ver. A questão aí parece ser na direção de corpos repetidamente ignorados (ativamente) ao olhar do outro, sujeitos sem pré-história familiar ou fragmentada. Qual o lugar da visão e da presença do analista quando o que se pretende é pensar no sofrimento de nunca ser visto, ou de ser visto como um corpo marginal.

da escuta? Quando a prevalência da pulsão escópica do analista sobre o corpo de quem sofre é maior que sua presença corre-se o risco de esvaziamento da função da memória no corpo (ancestralidade) e a precarização da imaginação de futuros ganham espaço. Mesmo que se vista uma roupa *vintage*, ou seja, com mais de vinte anos, o conhecimento da confecção e daquilo que foi vivido com essa peça chega de forma assimétrica para o consumidor (que pode ser um analista, por exemplo), ou seja, uma pessoa pode vestir-se de passado sem ter qualquer conhecimento sobre ele. Ou mais delicado: quando uma imagem de outro grupo social é sequestrada. Neste caso, o presente desse grupo fica empobrecido de recursos que o lancem a projetar futuros.

O eu passou a viver fora de nós, alguém que não está em mim (as revistas, livros e pessoas que conhecem a técnica e a história da roupa) muitas vezes longe do meu entorno. As campanhas de marketing muitas vezes sequer consideram esse saber inventando uma nova e falsa realidade que ocupa o lugar da narrativa. Se tudo está fora, a responsabilização pelo consumo passa a ser algo etéreo produzindo efeitos de ampliação da pulsão escópica como tamponamento da frustração de não ter satisfação naquilo que nem sabia se gostaria de ter. Não saber quem se é, desconhecer a narrativa de sua própria vida, alimenta o olhar do outro como aprovação, e promove a mudança do dilema da existência para a aparência. Se tudo está fora, se as imagens de fora são imperativas frente à oferta que podemos dar ao mundo, como saber o que se está sentindo, como promover narrativas daquilo que somos? A questão da língua que multiplica seus verbos auxiliares aqui oferece também mais possibilidades de criação de narrativas de si (“tenho um monte de roupas boas para trocar”, “estou cheia de roupas para me desfazer”), de descrição de suas práticas (do vestir), ou seja, sustentar a palavra costurada aos objetos correspondentes tem potência para, entre outras coisas, significar o consumo a partir de um viés da responsabilização.

O pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022) como já indicado no Capítulo 1, sustenta-se no argumento (consciente ou inconscientemente) da universalidade, supremacia e poder da branquitude. Esta supremacia se dá pela desqualificação e não reconhecimento daqueles que são diferentes desta lógica, como pessoas negras e povos originários. A criação deste "outro” produz ameaça a existência do “primeiro”. Se as coisas que são excessivas são dos outros, em uma ilógica que também se desresponsabiliza pelo consumo, o consumo desenfreado e sem curiosidade histórico-estética tampouco poderia existir. A não familiaridade com suas próprias práticas é própria do que Freud chamou de *unheimleich,* ou estranho (1919). Freud falou da surpresa do encontro com o estranho em uma esfera do esquecimento daquilo

que seria familiar no passado. Mas porque não atualizar essa noção a partir do apagamento de práticas que geram constrangimento? Como algo que não passou pelo recalque, mas passa como que a não mais existir, pois, em tese, não foi visto.

Quando a imagem que eu ofereço ao mundo não corresponde àquilo que nem eu sei o que é, a preocupação existencial passa a ser "eu sou porque tenho...", onde as reticências podem corresponder à "o cropped neon", "o vestido de noite chinês", "a polo do jacaré", "a bomber vintage" no que tange à moda, e a tantas outras substituições de outros objetos do consumo. As imagens eurocentradas (ou nortecentradas) de moda demandam o abandono do repertório que alimenta inspirações para novas e singulares criações. Esta lógica tem efeitos de fragmentação do sujeito com sua própria história, seja ela sua ou dos que vieram antes e que de alguma forma lhe construíram. Seja nos guarda-roupas abarrotados, na roupa que chega como que por milagre nas lojas ou na promessa de autoconhecimento ou cura do sofrimento de tristeza, frustração e ansiedade. A narrativa de um presente fragmenta verdades dolorosas: não importa quantas peças de roupas você tem, pois, a sensação de não ter nada para vestir persistirá se você não combiná-las entre si; a roupa nova que você veste invisibiliza trabalho escravo ou análogo à em sua produção; a tristeza e outros sentimentos difíceis estarão presentes quando a crise passar.

Dessa lógica se alimenta a indústria do *fast fashion* que já está perto do custo zero com mudanças no modo como vem disputando a narrativa de moda sustentável. Uma prática recente é a de grandes empresas do setor reapropriarem peças que clientes compraram e que são incorporadas novamente pela loja para serem revendidas. A antropóloga Mi Medrado (em entrevista para Eloá Orazen, 2020) chama esse fenômeno de roupa ancestralizada, pois o capital de prestígio e distinção está em uma suposta narrativa (que a loja não conhece e, por isso não poderia transmitir como saber) criada pelo *fast fashion* para vender mais.

A pulsão escópica da branquitude não tem se constrangido em reafirmar imagens que caem como cascatas (Bavgar, 2005) sendo substituídas por outras e mais outras que abafam vozes que não reverberam imagens com alguma constância de assimilação de seu contexto. A cegueira para a imagem do diferente ensurdece a escuta da dor de quem já está acostumado a ser calado. Se a voz for feminina e disser que tem muita dor, pois é "a mulher do fim do mundo"[21] e por isso só pode usar roupas que parecem farrapos será vista e escutada? E se

[21] Alusão ao título do álbum de Elza Soares (Mulher do Fim do Mundo).

mesmo com esse sofrimento ela souber compor combinações de roupas que criam uma narrativa de si, instaurando uma beleza singular: assim ela será vista?

Retornando à questão ‘a Moda está na Psicologia?’ podemos pensar na invenção da subjetividade privatizada (Figueiredo, Luís Claudio; Santi, Pedro Luis, 2008), que aponta para a privatização e internalização da vida e dos afetos, que se deu na passagem do Renascimento para a Idade Moderna, com referências na experiência europeia. A moda (também em referência eurocentrada) inicia neste período, e é um dos elementos que contribuíram para as transformações dos modos de viver pois, seja no espelho onde nos olhamos ou nos espelhos-olhares sociais da época a roupa passa a ter relevância nos processos de individualização. Esta chave interpretativa coloca a moda no singular, e essa na psicologia também no singular. O sujeito europeu pós idade média passa a existir singularmente também porque passa (primeiro a burguesia e muito posteriormente outras classes sociais) a encontrar na moda um modo de ser no mundo: uma forma individualizada e efêmera.

Então, sim, a Moda está na base de compreensão do que entendemos por “individualidade”, daquilo que vai individualizando sujeitos e afastando-os de agrupamentos que pré-definem seu modo de existir. Também está (a Moda) na radicalização desta experiência, ou seja, ela autoriza que possamos usar a roupa que quisermos na situação que nos convém, rompendo assim com *dress codes* organizacionais, institucionais e sociais. Voltando à grafia escolhida e pensando-a como um prisma para nossas questões, é preciso lembrar que os corpos que estão autorizados à experiência de desimplicação subjetiva de suas práticas do vestir são os de alguns brancos de classe socioeconômica B ou pessoas de classe socioeconômica A.

Ha muitos pontos por onde se pode iniciar um percurso para pensar as questões ‘a moda está na psicologia?’ e ‘a psicologia está na moda?’. Eu gostaria de saber, por exemplo, quantas peças de roupa de inverno tem cada habitante do Rio Grande do Sul. Eu gostaria de saber quantos espaços destinados à doação de roupas ocupam (em uma contagem de proporcionalidade) CAPS e CRAS deste Estado. Eu gostaria de saber quantos projetos envolvendo a roupa como agente para promoção de Saúde Mental existem como políticas de Estado. E também gostaria de saber como são vistas as roupas escolhidas por um paciente, seja em consultório particular, seja em um serviço público.

E gostaria ainda de saber acerca da saúde mental de modelos de passarela, do volume de peças por costureira que as confecções delegam. Gostaria de uma etiqueta de roupa (quando

nova) que especificasse quanto custou cada etapa e matéria prima da produção, assim como o lucro da marca. Também gostaria de saber o número de costureiras afastadas do trabalho por LER e outras doenças ocupacionais; ou ainda o percentual que cada trabalhadora da indústria têxtil despende de seu salário para comprar moda.

Gostaria de saber bem mais coisas que têm na moda sua centralidade, mas que também fazem parte de um ato da psicologia ou da psicanálise. Note que não são questões, mas desejos. Se no exame de qualificação do projeto de tese abri uma série de perguntas e isto foi pontuado pela banca, de lá para cá entendi que, se não forem questões para estas disciplinas, não poderão ser resolvidos os dilemas sociais (e psicológicos, políticos, estéticos, ecológicos, educacionais, ...) que envolvem o vestir. Entendi, então, como uma psicóloga que olha para esta quantidade de pesquisas por serem feitas, que a questão precisa ser coletiva e que meu desejo de pesquisa pode, no máximo, afetar outros pesquisadores. A questão se recoloca quando o desejo é de pares, pontos de contato com colegas.

No Brechó de Troca[22], por exemplo, o encontro de corpos, roupas, histórias e memórias a partir de uma proposição que envolve a troca inventa a escrita de certo tipo de moda. A escuta dos acontecimentos de cada encontro dá espaço para histórias vividas pelas/com as roupas substituindo a vontade de consumo. O grupo é aberto, mas composto fundamentalmente por mulheres brancas, com idade média de 45 anos, de classe C e algumas da B. Tal característica reduz a possibilidade de certas práticas de consumo de moda e, ao mesmo tempo, assume que suas ações são circunscritas a um grupo específico, mesmo que deseje complexificar as presenças e as experiências. Este espaço foi pensado metodologicamente para tornar possível a suspensão de imagens, inventando uma escuta que ressignifica o consumo excessivo (sob avaliação de quem traz as peças e das parceiras que ali estão), o apego e o desapego pelas roupas reconstruindo narrativas para o vestir.

Mas, como lidar, no campo psi, com esse olho voraz que nos atravessa a todos e que apaga modos singulares, muitas vezes subalternizados, dos registros de uma memória social que, muito mais do que um ponto, é uma trama inteira?

Pensar tal singularidade sendo escutada para além do exótico, do estranho ou do diferente, poderia contribuir para produzir questionamentos válidos para o próprio campo psi em suas relações com a moda.

[22] O Brechó de Troca é um espaço de convívio onde o troca-troca é a desculpa para os encontros. É um Projeto feito desde 2009 por mim. Em 2016 defendi Dissertação de Mestrado neste mesmo PPG em que foi possível revisar questões metodológicas do Projeto (Soares, 2016).

3 PONTO ATRÁS COMO METODOLOGIA PARA N(´)OS BORDAR E COSTURAR

"Abéré tó bá lókùn nìdí kì sonù"
"Uma agulha presa na linha nunca se perde"
Provérbio Iorubá

Qual imagem consegue expressar um problema? Um nó, talvez. Ou quem sabe um emaranhado de restos de lãs de trabalhos já realizados ou mesmo abandonados. Poderia ser ainda uma pilha, grande ou pequena, de roupas com descosturas, comprimentos desacertados, rasgos, calças com puimentos entre as pernas, casacos com forros esgaçados, jaquetas com bolsos furados, ... O estilista Yoji Yamamoto diz ao cineasta Win Wenders (Wenders, 1989) que gostaria de desenhar o tempo; é como poder saber que o efeito do desgaste pode existir sem causar incômodo. Então uma peça de roupa estragada ou puída poderia ser a imagem de um problema para alguns, mas para outros é o desenho final. Você poderia pensar "se os exemplos são de objetos do cotidiano, quem sabe poderia ser uma panela precisando ser ariada?"; e eu lhe responderia "não vá o sapateiro além das chinelas": a roupa e moda me interessam e me subjetivaram desde o nascimento, são as lentes mais bem focadas que possuo para ver/ler/escutar o mundo e as pessoas que nele vivem, então elas (a roupa e a moda) são, para o eu-psicóloga, um problema, um objeto, ferramenta e método de pesquisa. Mas antes de seguir entre as tramas é preciso ficar um pouco mais nessa ampliação de imagem: o cotidiano.

Do cozer ao coser muitas coisas se misturam no que é doméstico, a panela que é usada para tingimento de tecidos, o tecido usado para separar o iogurte do soro... Muito pouco sobre estes fazeres subjetivantes são assumidos como ampliação de nossa escuta; então os modos como o sofrimento pela invisibilisação dessas experiências vão se instalando nos corpos dão o tom de nosso modo de existência empobrecido. O saber de quem cozinha comida e cose roupas não faz furor na produção de conhecimento. A referência lembra a abertura do texto de Gilles Lipovetsky quando profere: "A moda não faz furor no mundo intelectual" (Lipovetsky, 1987). O texto não corresponde à atual produção acadêmica de moda (que cresceu exponencialmente nas últimas duas décadas no Brasil), mas aquilo que Lipovetsky não fala, sobre quem veste ou faz a roupa, ainda não produz a movimentação necessária nos debates acadêmicos para que os

números de violência doméstica diminuam, ou para que as atividades técnicas da indústria têxtil não estejam mais na lista dos maiores explorados, ou mesmo para que avós acessem a curiosidade de netos e netas para transmitirem seus saberes ancestrais sem a perversa ação fragmentadora do neocolonialismo sobre as relações sociais de cuidado. Soares e Alves (2021) escreveram sobre as atividades das mulheres que ficam em casa na pandemia. A confusão entre as agulhas e as panelas, entre as linhas e os temperos expressam o tanto que estes ofícios nos subjetivam e o tanto que estiveram presentes no cotidiano dos *home office*, e nos debates sobre a dificuldade da classe média em limpar sua própria casa na "ausência" de diaristas. Lembrando, é claro, dos absurdos ditos e escondidos sobre a exploração de mão-de-obra de empregadas domésticas em tempos de contágio de doença com potencial letal, como foi um dos primeiros casos de óbito por Covid-19 no Brasil, o de uma cuidadora de uma mulher idosa vinda de viagem à Itália no início da expansão do vírus neste país.

Para entender como chego a uma escrita que discuta as questões do vestir à luz do pensamento decolonial é interessante aceitar esse convite de olhar para as coisas dos fios e dos panos como algo mais íntimo, que cobre nossos corpos, que está à primeira vista de quem nos interessa (e quem não nos interessa também), que protege e embeleza, que está em excesso no mundo, mas em escassez em nosso interesse por saber. Os fios que fazem os panos, as linhas que os unem, a máquina que costura, o dedal que protege o dedo da agulha, a tesoura que corta o que será usado daquilo que sobra, as texturas que acalentam ou pinicam, as espessuras que mudam o caimento: o vocabulário têxtil nos constitui e nós o constituímos, mas podemos também apagá-lo ao não tomá-lo como elemento vivo da língua, daquilo que existe porque nós existimos. Esta é uma pesquisa-artesã, pois interessa-se por buscar no fazer artífice um modo de escrever aquilo que precisa ser visto. O método é técnica que se faz fazendo, que se inventa a cada ponto, cada letra, cada caractere, em caixa ALTA ou baixa[23], em cada parágrafo ou capítulo em pastas de um HD ou na nuvem de algum servidor. Cada lugar, cada peça dessas faz parte de uma trama que bordo e costuro. E é desse jeito que vamos avançando nessa peça-final que quer ser esta tese.

Esta aproximação do vocabulário da artesania quer chegar ao destino do ponto atrás. Mas a origem da escolha dele como metodologia é múltipla. Então quem sabe começar por um começo mais familiar para evitar estranhamentos, e talvez, afastamentos ou repulsas. Freud

[23] As expressões caixa-alta e caixa-baixa foram criadas nas oficinas de design gráfico onde os moldes das letras ficam literalmente em caixas mais próximas (minúsculas) da pessoa que as manuseia, ou mais longe e mais altas (maiúsculas).

(1919) em sua única obra reconhecidamente sobre estética percorre o caminho de *unheimlich,* estranho em português; entende que familiar (*heimlich*) está contido no estranho e não em oposição, como a língua compreendia em sua época. Para os nativos da língua alemã, *unheimlich* passava a ideia de algo distante, então Freud propõe uma analítica que pudesse "abrir" o sentido daquilo que é estranho. Entende que conteúdos reprimidos ou recalcados no inconsciente, e misturados a outras experiências subsequentes, vindo à tona pela sensação de estranheza, tem um caráter de familiaridade esquecida. A familiaridade "original" pode ser agradável ou desagradável, mas só será compreendida em um espaço sereno de ressignificação. Se um dia o ponto atrás foi familiar à artesania cotidiana dos lares, hoje ele não é mais. O trabalho na indústria têxtil afasta do corpo da trabalhadora o seu saber sobre o ofício; e quem veste este produto do trabalho é muito menos ainda sabedor de como as roupas são feitas.

O saber dado por transmissão familiar tem na industrialização por repetição uma das maiores responsáveis pela fragmentação dos saberes. Se outrora mães, tias e avós criavam um cenário de acolhimento para filhas, sobrinhas e netas, onde as histórias de vida e do crescimento dessas pequenas mulheres se confundiam com o aprendizado de técnicas seculares/milenares, hoje a realidade é muito diferente. Logo mais seguirei apresentando este importante cenário que ajudará a compreender os motivos de uma escolha metodológica, e que muito mais se pode pensar sobre estes saberes em processo de descontinuação. Por ora fica a lembrança e a sugestão do filme "Colcha de Retalhos". Recentemente revi (a primeira vez assisti em uma disciplina de Processo Grupais na graduação em Psicologia) o filme, e as imagens que me foram atualizadas serão de muita valia para pensarmos este ponto da metodologia.

Voltando ao familiar como uma estratégia de fazer durar certas estranhezas sem qualquer novo trauma e movimentos de afastamento ou repulsa da proposta metodológica, lembro de como foi feita uma leitura de minha dissertação intitulada "BRECHÓ, BRECHA, BREAK: Produção de Subjetividade pelas Práticas do Vestir no Brechó de Troca" defendida em maio de 2016 neste PPG sob orientação da Professora Inês Hennigen. Ainda sob efeitos pós-término de uma pesquisa (assimilação do estresse do processo, da alegria de findar uma etapa profissional almejada e reorganizando objetivos de pesquisas futuras) encontrei a Amiga e pesquisadora das Artes Visuais, Cristina Ribas, que fez uma leitura e me deu uma importante devolução sobre algo específico. Cristina disse=me que a palavra "ponto" adquiria potência em meu texto. Associado a isso, há três outros elementos nesta cena acadêmica que me ajudam a pensar motivos para perseguir a ideia de uma metodologia ponto-atrás.

No ano de 2015 tive o privilégio de ter na banca de qualificação de mestrado a Professora Tania Galli. Sua arguição (que muito me emociona lembrar) me deu muitos elementos para seguir a pesquisa e, além disso, um presente: o título do trabalho. A sugestão pela escolha da palavra "Break" veio a partir de sua leitura do texto que se referenciava ao trabalho que desenvolvo, o Brechó de Troca. Tania entendia que tanto o grupo como o texto sobre ele compunham uma espécie de quebra, uma suspensão para que a Psicologia pudesse olhar para a Moda: um *break*. Break é também um dos tripés do movimento hip hop, é a dança iniciada pelo multiartista Myster Dynamite (James Brown). Um dos movimentos da dança, que é o de girar o corpo encolhido com as costas no chão, mantém o corpo ocupando o mesmo espaço por determinado tempo, como um ponto que insiste em ser/estar no mesmo lugar, mas em movimento. Como pensar um ponto em movimento? Como pensar os verbos ser e estar a partir de um corpo que existe em agitação?

Aos poucos fui lembrando de elementos da artesania, das primeiras experiências de vida de uma filha de costureira que olha a mãe em seu ofício e que vai aprendendo a sua própria vida em uma construção pouco separada. A subjetivação que se engendra a partir dos tecidos e das linhas encontrou no ponto de costura/bordado um elemento da cultura que vive no próprio trabalho. O ponto está depois da linha na agulha, mas antes da costura; está antes da trama, mas depois da fiação. Pontuar é ato linguístico, psicanalítico, esportivo: o ponto é e está no meio, nos lugares, existe sendo. O ponto não é conjugado no gerúndio, é contraditório pois existe no meio, entre ser e não-ser. O ponto tem características de um Exú, entidade das religiões e mitologias afro-brasileiras.

Exu é uma das entidades mais mal interpretadas e criticadas, Exu é o senhor das encruzilhadas e é lá que seus devotos lhe entregam oferendas. E as oferendas são sempre feitas a ele primeiro (Prandi, 2001), segundo diversas histórias sobre a entidade. Muitas são também as histórias de sua mitologia como mensageiro. Diferentes interpretações entendem que Exu é o orixá que tem conexão direta entre o orixá criador e seus filhos (todo panteão de orixás), e também entre os orixás e os homens. São também muitas as histórias em que ele conquista este direito, seja por respeito aos orixás mais velhos e seus rituais, seja ao contrário, por sua voracidade que coloca medo nos mesmos. Essas características traduzem aquilo que muitos concordam: Exu é o próprio paradoxo: é o mais novo, mas é respeitado pelos mais velhos, é comprometido com a verdade, mas sabe fazer bom uso da trapaça, alcança a complexa soberania espiritual, mas é o orixá mais mundano.

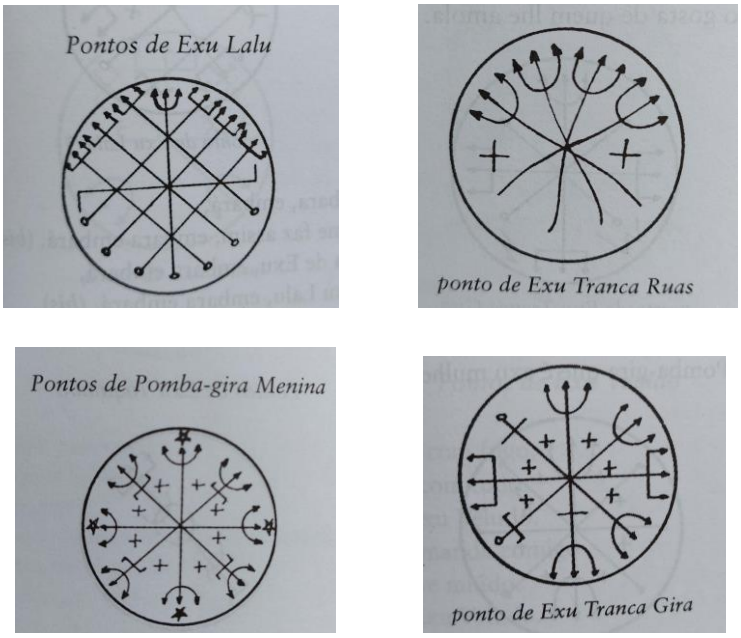
Na liturgia da umbanda (ainda que também tenha semelhanças com outras religiões afro-brasileiras) são cantados pontos (canções) que convidam à chegada das divindades para a sessão. No início de cada macumba são feitos também riscados no chão com giz, em locais pré-definidos, com o mesmo objetivo dos pontos. Cada orixá tem seus riscados e pontos específicos. O livro "Cantigas de umbanda e candomblé: pontos cantados e riscados de orixás, caboclos, pretos-velhos e outras entidades", que não possui autoria, são catalogados em três partes os pontos e riscados. A primeira parte é dedicada a dez orixás, a segunda aos povos da umbanda (Boiadeiros, Caboclos etc) e a terceira parte é dedicada "à outra banda" ou aos povos da rua: os Exús (e também Omulu). Vale observar que os riscados para diferentes Exus mostram linhas que se cruzam. O tridente que os Exus carregam na mão cruza com mais outros tridentes formando nós, cruzamentos.

Imagem 18: *Ponto de Exu Lalu, Godofredo Leal, 2011*

Imagem 19: *Ponto de Exu Toquinho, Godofredo Leal, 2011*

Imagem 20: *Ponto de Exu Pomba-gira Menina, Godofredo Leal, 2011*

Imagem 21: *Ponto de Exu Tranca Gira, Godofredo Leal, 2011*



Fonte: Cantigas de Umbanda e candomblé: pontos cantados e riscados de orixás, caboclos, preto-velhos e outras entidades, Rio de Janeiro: Pallas

Os riscados chamam Exu, mostram-lhe que naquela macumba ele é bem-vindo e que aqueles que lhe acreditam entendem que estar na encruzilhada é o ponto de partida para se seguir o caminho de sua busca. Os riscados são feitos no chão, o lugar preterido pela burguesia, que valoriza as coberturas e os edifícios com muitos andares. Começar por baixo, pedindo a partir de uma encruzilhada, respeitando as ritualísticas dos mais velhos, mas não subjugando-se à totalidade desses saberes; essas características conferem o início da formulação desta metodologia que se quer artífice.

O Professor Muniz Sodré costuma dizer que o saber dos terreiros não é sobre religião, mas sobre cultura. Com isso, o sociólogo não pretende diminuir o caráter espiritual das liturgias, mas trazê-las ao rol dos debates com outros campos de saber. Se o ponto tem características de um Exu, talvez fosse interessante pensar como trazer tais semelhanças para esta pesquisa. O *break* feito para pensar sobre a entidade traz mais dois elementos para compor esta metodologia.

Imagem 22: *Frame do filme "Jardelina, eu mesma", Cristiane Mesquita*



Fonte: Youtube, https://www.youtube.com/watch?v=SqAkxixstS0&t=33s

O primeiro elemento: a cidade onde esta pesquisa está sendo feita, Porto Alegre, tem no meio do Mercado Público um assentamento espiritual de Bará, que é um Exu (Soares, Helena, 2020). O local foi escolhido por representar a fartura de gêneros e também pela

localização na cidade, já que na época ficava na beira do Rio, onde desembarcavam toda sorte de víveres. A cidade está protegida por uma entidade que é das encruzilhadas, que só abrirá caminhos para aqueles que lhe derem de comer (oferenda) e respeitarem sua presença antes de pedirem por outras entidades.

Mas antes de chegar ao segundo elemento é importante, como pesquisadora agnóstica que sou, pedir licença ao povo de axé e às suas imagens para valer-me de sua cultura para pensar em como perseguir um objeto. É importante que todo conteúdo que trago nesta pesquisa que vem de matriz africana, seja pelo pensamento banto ou nagô (ou outros), seja lembrado, por mim, pela banca e pelos demais pesquisadores que se interessarem pelo resultado do texto, como um conjunto de saberes ancestrais a serem respeitados. Espero sinceramente que esteja à altura de me valer desses elementos de forma correta e cuidadosa. Estou me esforçando para isto, mas por isto mesmo coloco meu corpo de pesquisadora aberto às críticas que por ventura vierem.

O segundo elemento para compor a metodologia é o ponto como princípio dos trabalhos de artesania que envolvem linhas/fios e agulhas. O ponto é o primeiro elemento de qualquer trabalho. Ao segurar uma agulha de crochê e dar o primeiro ponto, a artesã poderá imaginar o trabalho de uma colcha para cama de casal concluída, mas também o esforço extraordinário para ter concluído aquele primeiro ponto após ter feito janta para a família e ter providenciado banho, tarefas escolares e o sono de seus três filhos, ou seja, também poderá ter a sensação de que o ponto se esvairá em suas mãos. O primeiro ponto em um tecido em bastidor de bordado não indica qualquer forma: é algo solto. Na costura à mão, o primeiro ponto não consegue unir diferentes tecidos, e qualquer movimento mais brusco separa as diferentes partes que deveria unir.

Esta metodologia avança na artesania. Escolho o ponto-atrás como modo a perseguir o conceito de moda em sua relação com a produção de subjetividade. Para que o ponto-atrás aconteça na artesania é necessário: linha, agulha e tecido. Ele se presta para diferentes fazeres no bordado ou na costura e, em cada um deles possibilita diferentes soluções. Proponho pensarmos aqui em duas formas de uso do ponto-atrás: no bordado figurativo e como costura (junção) a mão de dois tecidos de malha. Primeiramente explico como é a técnica do ponto atrás em qualquer uma de suas aplicações. Com a linha na agulha é possível atravessar o tecido de baixo (avesso) para cima (direito) em um ponto B, depois retornamos para a parte de baixo (avesso) para o ponto A, ou seja, não se começa pelo princípio, mas passa-se por ele no segundo

ponto. Em seguida, a agulha avança para o ponto C deixando um espaço, uma brecha sem linha entre o ponto B e o C. E depois a agulha retorna ao ponto B, preenchendo tal espaço. Dessa forma para o ponto-atrás cumprir seu objetivo final: ele retorna antes de avançar.

No caso do ponto-atrás no bordado a linha formará um contorno, uma figura, na superfície do tecido à medida em que a linha for avançando com a agulha nos pontos C, D, E e assim sucessivamente. O tecido já existe previamente, a agulha já fora escolhida em sua espessura na relação tecido e tipo de linha, mas o desenho só se mostrará se a artesã dançar com a agulha em movimentos que avançam, mas também retornarem em pontos específicos. O trabalho feito com bom acabamento será aquele em que o ponto que retorna não ocupar no espaço, mas souber dividir o espaço do ponto que já está no tecido. A ocupação precisa dos espaços importa para esta técnica.

A junção de dois tecidos tem sido feita em costura à máquina há séculos, porém a costura à mão ainda é amplamente usada, por exemplo, para pequenos consertos. Um pequeno ou grande buraco na costura pode desaparecer com alguns pontos de ponto-atrás. Neste caso, o trabalho ficará com melhor acabamento se antes de iniciar a costura os dois tecidos estiverem simetricamente em paralelo e se suas bordas coincidirem. Se os tecidos tiverem alguma elasticidade (algodão, Lycra, jérsei, elanca, ...) o ponto-atrás é ainda mais adequado, pois confere boa resistência quando a costura for esticada durante o uso. A técnica é semelhante à do bordado: a agulha perfura o tecido no ponto B para então retornar ao ponto A, depois avança no ponto C retornando ao ponto B. No resultado, o lado avesso da costura terá uma sobreposição de linhas que não se vê no lado direito. Se bem executada, a costura não sugere um amontoado de linhas; a consistência da presença da linha transmite ideia de segurança para uso da peça sem que se abra um novo buraco.

No início dessa escrita metodológica sugeri a imagem de um nó como um problema. O enosamento de fios sem possibilidade de discernir a quantidade de fios, o início, o meio ou o fim da linha. Mas é ele também que dá condições para o início e o fim de um trabalho de artesania têxtil. Aparente contradição, o nó na linha impede que ela deslize ao infinito pela trama do tecido em um escape que não possibilita costura. Para que o bordado, ou a costura, tenham início e andamento (quiçá ritmo) é necessário que o fio (já na agulha) tenha em sua ponta um pequeno e discreto nó que “tranca” na fibra do tecido a ser trabalhado. Não deve ser um nó volumoso, pois deixaria o trabalho grosseiro por sua visibilidade maior do que a

costura/bordado em si. Tampouco pode ser muito pequenino, pois dependendo da trama, se for muito aberta, poderá não segurar seu volume.

Ao final do trabalho é preciso criar um arremate. Um nó que se enlace, de maneira mais sutil possível, na linha e na trama do trabalho. Neste caso, o nó precisa parecer integrado ao todo para exprimir uma ideia de cuidado, de destreza e outras qualidades que as boas artesãs conquistam. Mas a necessidade do nó não vai muito além desses dois momentos. Enosar a linha no meio de um trabalho com têxteis é risco que se corre de interrupção, mas brigar com a linha é caso perdido, pois a linha (ou seja, o nó) sempre vence: ela tende a enosar ainda mais e dificultar o processo.

A artesania está na vida; quiçá é a vida. Para as artífices da moda, para as trabalhadoras da indústria têxtil, conhecer a textura dos tecidos, a espessura das linhas, a firmeza de uma agulha é essencial. O tamanho de uma agulha para que perfure determinado tecido sem danificá-lo, a linha certa para cada trabalho, a compreensão de que um trabalho ficaria mais bem executado por suas próprias mãos ou em algum maquinário…, essas avaliações e outras tantas são a rotina de quem trabalha com os ofícios das modas. Também são imagens que nos lembram o ofício do pesquisar. A escolha de um autor e não outro, o esforço para encontrar um conceito esquecido na obra de um autor para dialogar com aqueles que vêm se esforçando na cena da produção de conhecimento atual, a escolha de palavras que não se repitam em um texto chato, ou ainda as que sejam compreendidas por todes. As obras (autores e seus conceitos) são como tecido, eu Guacira como linha, a vida de Jardelina da Silva e a obra de Rosana Paulino como agulha: a metodologia em ponto-atrás se pretende produtora de boas imagens e arremates bem feitos.

Neste percurso interessado pela descolonização da produção de conhecimento senti a necessidade da companhia de uma vida atravessada por tantos signos da exclusão para que pudesse ser ela a voz (comigo) que pudesse bordar e costurar uma escrita sobre moda e subjetividade. A potência dos efeitos em seu corpo daquilo que a colonização tentou fazer, mas que ela resiste com elegância (sem romantismos sobre a precarização das vidas), me ajuda a não sentir-me só neste percurso. Eu, com Guacira, sou linha.

E que direção tomar neste percurso? A questão da pesquisa se sustenta pela direção daquelas que conhecem as linhas, cuja vida e obra se subjetivam pela artesania, pela costura, pelas roupas e pela moda. A escolha é pelas agulhas-guia Jardelina da Silva e Rosana Paulino.

Jardelina da Silva é uma dessas imagens com potência de direção, de encaminhar ideias e debates. Felizmente foi registrada e homenageada ainda em vida por Cristiane Mesquita, que produziu um documentário, e Rubens Pileggi Sá que escreveu um artigo (2014), mas não se tornou conhecida do grande público, e nem mesmo do âmbito da arte ou da moda, seja acadêmica, do mercado ou outros espaços de troca. Brasileira, costureira, nascida em Sergipe em 1929, onde casou e depois mudou-se para o estado do Paraná, na cidade de Bela Vista do Paraíso, onde ficou até sua morte, em 03 de agosto de 2004, Jardelina teve um casamento tumultuado, pois ambos eram usuários de álcool, mas só Jardelina era internada pelos abusos. Teve inúmeras internações psiquiátricas (mais de 30 vezes, segundo ela própria) e algumas detenções na penitenciária da cidade (onde foi vítima de estupro), mas nos últimos anos de vida não teve internações nem fazia uso de medicamentos (Mesquita, 2008, p.23). Alguns eventos em sua vida foram disruptivos e dolorosos, e são eles também que lhe moveram a começar a costurar somente para si própria. Mas não qualquer costura.

Imagem 23: *Jardelina da Silva*



Fonte: Tou Teatro, http://touteatro.blogspot.com/2016/06/sobre-trocadilos-letras-e-gritos-para.html?m=1

Essa mulher-agulha encarnou, em um período de sua vida, todas as etapas da cadeia do mercado de moda em suas criações. Aos sábados Jardelina tinha um compromisso espiritual, com Jesus ou Exu, que chamava de "Jornal do Planeta", onde desfilava pelas ruas da cidade performando seus vestíveis. Terminado o desfile, se encaminhava ao estúdio fotográfico da cidade onde dirigia uma sessão, como em um editorial de moda ou, em suas palavras, seus "despachos". Era estilista, modelista, costureira, maquiadora, *stylist* e editora. O encontro de Cristiane Mesquita, descrito em sua tese de doutoramento (2008), conversa com essa ideia:

> O conjunto me revelava uma poética singular de composição da aparência e me instigava a pensar sobre modos de relação a si e modos de relação com o outro, a partir de um modo de existência que privilegia o corpo como cenário e o vestir como estratégia. Desde aquele momento, não tive dúvidas quanto à capacidade daquela mulher em instaurar, com a aparência, algo daquilo que eu vinha coletando e articulando nas investigações em torno da ideia de roupa-território de existência. (Mesquita, Cristiane, 2008, p. 20)

Jardelina precisa produzir cada modelo a ser "publicado" no Jornal do Planeta. Refere que são sua assinatura do mundo, onde ela inscreve o que é, o que pode ser NO mundo, seu fio que liga seu corpo-território com a terra, o planeta, o lugar, o espaço que todos ocupamos. Produz-se, inventa a si própria a partir de panos, do som da máquina de costura que "imita" uma galinha d'angola, de lantejoulas, da loja de tecidos, do batom da Avon, e de seus gritos performáticos, de sua risada, das poses, do ritmo da caminhada pelas ruas, ... O esforço em ampliar sua existência nesse espaço, que no caso é Bela Vista do Paraíso (cidade paranaense, e que nome bastante simbólico para uma artista que deseja expurgar os pecados do mundo), é enorme: sofre, briga… mas também liberta-se em seus atos criadores. Em nossa sociedade capitalista que comprime o espaço pelo tempo, que escoa pelos dedos em uma expansão incessante, Jardelina vive o movimento inverso. Seu corpo vestido (e eventualmente nu) de absurdo é homem, é mulher, é criança, é bicho, é planta, é… o que for preciso para que seu corpo-letra escreva a notícia de que este mundo está doente, pois se desconecta da terra.

Imagem 24: *Vista aérea do lixão de roupas no Deserto do Atacama, Martin Bernetti*



Fonte: UOL Notícias, https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2021/11/08/chile-no-deserto-do-atacama-o-lixao-toxico-da-moda-descartavel-do-1-mundo.htm

A desconexão com a terra é uma sensação própria da experiência do sujeito colonizado, ou pior, escravizado. O povo que perde uma batalha para outro, no mínimo passa a ser governado pelo vencedor, mas pode ser escravizado por este, ou perder o domínio sobre sua terra. A invasão dos territórios ameríndios pelos europeus deixou marcas profundas na subjetividade. O desligamento do espaço urbano, como a rua que Jardelina ocupa aos sábados, para retraimento a shoppings e condomínios, produz efeitos de adoecimentos diversos, de sensação de ausência, e apagamento das pessoas que ainda se ocupam das ruas ausentando-se das boas notícias das manchetes de jornal. Para Muniz Sodré (1988) a ideia de território se constrói na cultura a partir da relação com a terra:

> O espaço aparece aí como o resultado do morar. Morar, por sua vez, não se define como mero efeito de um fazer comunitário, mas como algo que indica a própria identidade do grupo. O que dá identidade a um grupo são as marcas que ele imprime na terra, nas árvores, nos nós.

> (...)
>
> A história de uma cidade é a maneira como os habitantes ordenaram as suas relações com a terra, o céu, a água e os outros homens. A História dá-se num *território*, que é o espaço exclusivo e ordenado das trocas que a comunidade realiza na direção de uma identidade grupal.
>
> A ideia de território coloca de fato a questão da identidade, por referir-se à demarcação de um espaço na diferença com outros.
>
> (...)
>
> Território é, assim, o lugar marcado de um *jogo*, que se estende em sentido amplo como protoforma de toda e qualquer cultura: sistema de regras de movimentação humana de um grupo, horizonte de relacionamento com o real. (Sodré, 1988, p. 22-23)

Jardelina e suas criações performadas, como bem analisou Cristiane Mesquita (2008), produzem esse lugar, seu território de existência. Um território onde a moda acontece, onde o conceito (de moda) está vivo e circula por um espaço que, a cada nova pessoa que a conhece, que descobre sua vida-obra, pode tocar-se por essa dimensão do que pode ser o vestir, a roupa e acessórios sobre o corpo em uma relação com sua missão. Mas essa missão teve custo, pois Jardelina sofria e pedia para que Jesus acabasse com sua dor ou lhe matasse (Mesquita, 2008). Ora fazia seus "despachos" para Jesus, ora para Exu. Entidades religiosas que sugerem uma ligação com o lugar, pois se Jesus é filho, encarnado (no Planeta Terra) e mundano, do Deus dos cristãos, Exu é o Senhor das Encruzilhadas, espaço entre o dentro e o fora, e é a única entidade que faz ligação entre as pessoas da Terra e os Orixás, "Exu é o começo/Atravessa o avesso/Exu é o travesso/Que traça o final (...)" (Assumpção, 2016). As oferendas são sempre feitas primeiro para Exu, por exemplo. Fazendo seus despachos, Jardelina escapa de ser engolida pela terra: morrer. Estando viva, se relaciona com a ideia de morte, seja do marido ou do irmão, pela qual chama quando adoece. Ela pede para que o irmão rasgue tudo, as roupas e as fotografias, lembra de sua presença do além e se mantém mais um pouco nesse lugar de artista.

E como agulha que dá direção, precisa estar assentada nessa vida-obra mundana, que compreende as questões do mundo. Outras pessoas e obras têm tal potência de dar direção ao caminho.

No caso da construção de uma metodologia que se valha de elementos do que há de menos mercadológico na moda, a artesania, encontrei na obra da artista plástica Rosana Paulino essa potência. Paulistana, nascida em 1967, mulher negra, doutora em artes visuais pela USP, especialista em gravura pela London Print Studio, teve exposições em diversos museus no mundo e uma revisitação de sua obra em 2018/2019 na Pinacoteca de São Paulo. A obra de Rosana é tomada pelas questões raciais: descortina as fissuras reais e subjetivas que a escravidão produziu no corpo negro, e a violência fragmentadora que a diáspora negra de África produziu. Uma obra que, inevitavelmente, seja pelos recursos materiais, seja pelo tema, seja pelo fato de que é a mulher negra que produziu a maior parte das roupas neste país, provocará tensões no campo da moda.

Imagem 25: *Série Tecelãs, Rosana Paulino, 2004*



Fonte: Isabela Matheus para Pinacoteca

Rosana tece uma história de mulheres que se autonomeiam ou em uma aproximação com Patrícia Hill Collins (2019), se autonomeiam, saindo de casulos para fiar o fio da vida, chorar o fio da dor, inventar suturas (e não costuras, como refere a própria artista) para corpos fragmentados pelo não-lugar imposto pelo racismo.

Entendendo ser impossível uma pesquisa que discuta a produção de subjetividade pela moda que não seja declaradamente racializada, e pensada a partir também de questões de gênero e de uma geografia que se sul-referencie, as referências para tomar um caminho assertivo precisam passar por potências como Jardelina da Silva, Rosana Paulino ou de tantas mulheres (negras na maioria) que construíram este país.

A vacina foi chegando e depois da segunda dose de Coronavac (celebrada no funk recriado de McFioti, 2021) a coragem de retornar ao Café me deu o encontro com uma amiga que me sugeriu "por que não usas duas telas para escrever a tese?". A colega do PPGDR, que trabalha com dados e mais dados, nem sabia, mas havia me dado o presente para seguir metodologizando minha escrita. Agora o texto da Taiasmin Ohnmacht (2019) fica ao lado da Françoise Dolto e eu consigo pensar sobre o corpo, produzir costuras com tão diferentes (e contraditoriamente tão parecidas) olhares. Ali mesmo onde o Bourdieu conversa com a Heloisa Helena Santos é que acho umas formas novas para poder bordar, e assim desenhar um contorno bem delineado que afirma que qualquer tentativa de apagamento vai borrar o texto. Em uma tela estão os textos sobre corpo, moda, subjetividade, metodologia, escuta; na outra está esta escrita incompleta, em processo, buscando seus próprios erros e furos que retornam a pontos já trabalhados, mas que a falta de arremate torna-os demasiadamente inconclusivos ou confusos. O ponto atrás se afirma em cada nova escolha de ferramenta, a cada escolha bibliográfica, a cada caminhada no centro, cada conversa em grupo de pesquisa, em cada silêncio ao cozinhar ou nadar, no cotidiano banal que faz emergir o sentido daquilo que posso entender por moda.

Outrora não conhecia Maya Angelou, escritora, poeta e atriz. Nesse tempo sua personagem (central) no filme "Colcha de Retalhos" teve algum impacto. Mas entender a não-curiosidade de quem poderia fazer o papel que enlaça o fazer de uma colcha de *quilt* também aponta para o cômodo lugar de pessoas brancas. Estudar processos grupais a partir desse filme

ontem, hoje e amanhã precisa ser costurado às questões raciais para que, inclusive, deslizes sobre a invisibilisação dos aspectos de moda[24] não deixem nossa formação mal-acabada.

O ponto, antes mesmo de ser ponto-atrás, pode ser um *break*, uma pausa no passado, no presente e nas imagens projetadas de futuro, como no passo da dança do hip hop que mantém um corpo em movimento no mesmo lugar - abrir um ponto para que ele cumpra seu papel de ficar no mesmo lugar, mas em movimento.

Imagem 26: *Dançarino de breack*



Fonte: Site Surto Olímpico https://www.surtoolimpico.com.br/2021/10/a-historia-do-breaking-e-sua-jornada.html?m=1

[24] O filme gira em torno da feitura de uma colcha do tipo *quilt*, que é um saber da artesania de pessoas negras norte-americanas (1995), para a neta de uma das artesãs, ambas negras. Maya interpreta o papel de uma mulher que foi empregada doméstica na casa e que carrega consigo o saber da feitura da colcha e, por isso, coordena o grupo nesta confecção.

4 DA ASSEPSIA À MODA: COMO ATUALIZAR CONCEITOS?

Guacira, você me mostrou tanto... Gostaria carinhosamente que mais pessoas vissem e escutassem o que ela me apontou. Que eu pudesse me ajeitar em um dedo de prosa contando de você, de como passei a ver a moda no plural. Então vamos lá...

A moda está na psicologia assim como a psicologia está na moda: essa relação de imbricamento pode ser analisada a partir de múltiplos prismas e cada um deles afirma uma posição de modos de relação subjetiva com o vestir. A partir de um prisma expansivo dos processos individualizantes, que privilegia a novidade como promessa de estilo, ou seja, sem referências próximas à história coletiva do sujeito, a separação dos corpos daquilo que os constitui culturalmente (a materialidade das roupas) passa a ser uma possibilidade. Recentemente, alguns debates públicos sugerem que a moda não seja mais/só sobre roupas, mas sobre pessoas. O evento 'Trama Afetiva' tem interessantes práticas de troca e colaboração, mas considera a moda afastada da roupa (Araújo, Jackson in: Carta Capital, 2019). Com um discurso que sugere a relevância da aproximação entre consumidor e produtor por uma via sensível, a roupa passa a ser vista de forma desencarnada do corpo. Ainda que o foco desses debates seja a potencialização de uma economia circular de moda, é o ser humano o produtor e consumidor da moda e responsabilização é uma importante via de transformação.

Este desenlace dos movimentos de resistência ao excesso de consumo abrem espaço para que as grandes corporações capitalistas da moda sigam ditando como o consumo deve ser, incluindo agora a captura dos discursos das minorias para vender ainda mais, como no slogan "Não é só sobre roupas" da Lojas Renner (cuja referência ficou perdida em uma pilha de *bites*) que inspira milhares de postagens. A fim de reencontrar o slogan da loja procurei na web e o resultado foi 3.920 aparições da expressão.

A direção inversa do discurso, privilegiando a moda como narradora de fatos, poderia nos sugerir para escutarmos as roupas. O que diriam os restos carbonizados das peças inacabadas da fábrica Triangle Shirtwaist Company em Nova York? O incêndio foi um dos eventos atrelados à, já vigente, militância feminista que desencadeou o dia 8 de março como Dia Internacional da Mulher. A agência das roupas ou o modo como as acolhemos em nosso corpo e olhar aponta uma ética.

Ao olhar Guacira em seu quarto-marquize me toquei de que o precário não corresponde à romantização da pobreza. E que ver uma mulher autodefir-se também pelas roupas que veste ou que gostaria de vestir, como refere Patricia Hill Collins, já identificada em outro momento do texto, é o que exatamente Guacira mostrou.

As primeiras coisa que vi em Guacira foram sua pose e a terra sobre sua pele. Em um primeiro momento entendi que era sujeira, pois já havia lido e escutado colegas que afirmam que esta prática de autoproteção de assédio e estupro era comum em pessoas em situação de rua. Uma mulher suja atrairia menos abusadores. Mas quando entendi que Guacira tentou não viver na rua, que tinha uma profissão, uma família e amigos, mas que sua condição social e racial a posicionaram em um lugar de excluída minha escuta se ampliou. Ela não teria chance de acesso a políticas públicas na ausência de seu maior referencial, sua Mãe. Seus irmãos estavam ocupados demais com suas vidas para colaborar com os cuidados em relação à sua saúde mental.

O que cobria sua pele se aproxima com um sintoma próprio de diagnóstico que não é mais considerado pela psiquiatria e, nos dias de hoje, pelo campo psi de forma ampliada. A pesquisa de Ana Maria Oda (2007) localiza o banzo em narrativas sobre sofrimento de escravizados no fim do século XVIII. Oda encontra escritos de Luis Antonio de Oliveira Mendes falando sobre características desse diagnóstico e levando esses elementos para publicações nos países colonizadores, mas nem sempre com esse nome. Banzo estava associado a profundo sofrimento de tristeza, aparentemente ligada à saudade, de entes e/ou de sua terra de origem. Muitos desencadeavam em suicídio, mas outros morriam de outra forma: um dos sintomas do banzo era a ingestão de terra. O que interessa saber no presente, além do fato de pessoas se relacionarem de forma muito específica com a terra, é como circulou pela Europa tais relatos e quais efeitos para, por exemplo, não se falar mais sobre.

Segundo Oda (2007), Luis Antonio Mendes era advogado, mas muito próximo da academia de ciências que viria a fomentar informações que fundamentaram um debate que entendia que: quanto mais escravos, maior era o crescimento econômico o Reino (Português). Esta articulação de interesses (escravidão – lucro comercial) é descrito por Rogero (2022) no Podcast Projeto Querino como fundante de uma identidade nacional. A recontagem da história do Brasil, desde a invasão portuguesa, passa pela invenção do projeto republicano, até o século XX, pela perspectiva de documentos pouco visitados, acontecimentos ‘abafados’, deve ser feita a partir de histórias que precisaram ser costuradas, pois elas chegam a nós, cidadãos, de forma

fragmentada. A pesquisa historiográfica para o roteiro da produção do *podcast* confirmou a relação direta entre o lucro com a escravidão como vetor econômico fundante da Pátria e a descontinuidade da mesma com o acontecimento datado, mas outros de pano de fundo. A assinatura da Lei Aurea foi como uma concessão da Coroa, dado que a pressão, tanto por parte de grupos e lideranças afro-brasileiras (Luis Gama como um dos expressivos nomes nesse processo) e da visibilidade ruim aos olhos de nações europeias para com a escravidão. A pressão inglesa, por exemplo, instaura a expressão "para inglês ver", pois a lei pouco mudou a realidade, e se resumia a poucas linhas sem qualquer garantia de seguridade social para os libertos da escravidão.

Dito isso, pensar no motivo do apagamento de descrições subjetivas, talvez possa ser um caminho para o entendimento de como o projeto nacional de saúde mental sofreu mais ou menos influência nesse processo. Se a terra ainda é presente em corpos marginalizados (mesmo que seja no Centro da Cidade) importa conhecer as semelhanças e diferenças com esse processo subjetivo de outrora.

> O banzo, como um fenômeno social, evidencia a reação melancólica de um povo à perda de sua pátria, seus costumes, sua liberdade; enfim, aos seus laços amorosos e identificatórios. A perda é tão radical que é impossível a esse povo elaborá-la, fazer contornos simbólicos que permitam a eles lidar com o vazio. Não há recurso simbólico que venha em socorro, o sujeito e seus laços amorosos são tornados um só e a morte desses laços equivale à morte do próprio sujeito, evidenciando a impossibilidade do luto. (Sirelli, Nilda; Maurano, Denise, 2018)

As autoras acima trazem a noção de banzo sob uma ótima freudiana do luto e da melancolia. A partir desses referenciais, poderíamos pensar que, em não cicatrizando essas feridas pelo lado do subalternizado, qual seria o efeito no presente na vida daqueles que os oprimiram? E penso que uma direção possível seja a negação, conceito *in voga*, dado o retrocesso da relação brasileira em relação à compreensão de fatos, (falta de) discernimento entre verdade e mentira produzida e descrença no saber científico. E, no contexto do debate sobre a pluralização, como podemos pensar a díade melancolia-banzo/negação-opressão? A pulsão escópica, inferida sem constrangimento sobre o corpo do Outro (que é inventado como diferente por ele próprio, como citado nos capítulos 1 e 2) se articula com o mecanismo da negação, pois quem cobiça da estética diaspórica, seja advinda de África ou mesmo dos povos

originários brasileiros e Sul Americanos, não pode ser assumida pela branquitude. Não sem prejuízo e moral. O racismo estrutural que nos constitui culturalmente se articula em diversos campos da cultura. A estética colocada nas práticas do vestir são copiadas, roubadas (apropriação cultural), sequestradas cotidianamente sem qualquer reparação a seus criadores. As dores da escravização persistem: na diferença de salário, na política de encarceramento, na subalternização das atividades de trabalho e ensino, na estética. Uma personalidade preta é capa de revista e, felizmente, amplifica seu potencial de referência para sua comunidade. Mas o custo de não seguir se esforçando para se manter nesse lugar de visibilidade não é pouco, jovens seguem esforçando-se sobre humanamente para tentar chegar a lugares semelhantes.

Retornando à Guacira trago sua reação agressiva nas dependências de um CAPS. Não é tão incomum escutar colegas descrevendo um "tipo" como este como usuário de algum serviço social.

Quando a condição de existência é retirada do sujeito, lhe conferindo um lugar social determinado por quem inventa tal abominação a partir de sua cor e que lhes destitui direitos fundamentais, muitos poderão ser os efeitos. Agir, reagir, ... Difícil avaliar o 'só depois' que vem costurando este suposto pós-abolicionismo.

A pacificidade foi sustentada em textos sociológicos que justificaram a construção do mito da democracia racial no Brasil. A agressividade tampouco foi pensada ali onde nasce, complexificando-a, pois muitos dos projetos que viam a revolta como potência foram descontinuados por este desgoverno que vem desmontando iniciativas promovedoras da autonomia e exercício de liberdade.

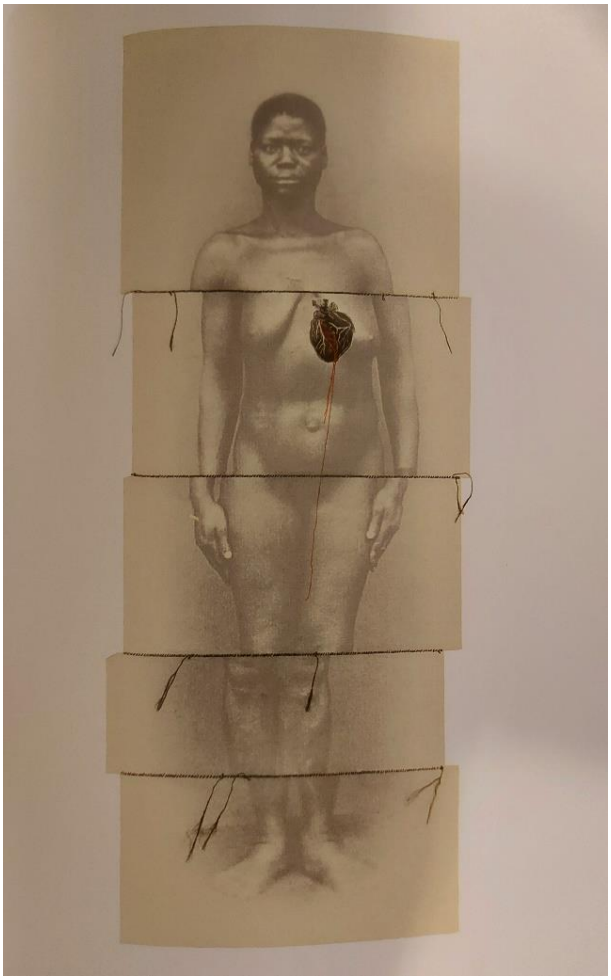
Em diversos momentos da poesia de Emicida no álbum AmarElo aparece a ideia de uma construção coletiva de saída do lugar destituído de sujeito. Na letra da música que dá título ao álbum, o artista diz

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência
Me resumir à sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
(...)

Na trama, tudo os drama turvo, eu sou um dramaturgo
Conclama a se afastar da lama, enquanto inflama o mundo
Sem melodrama, eu busco grana, isso é hosana em curso
Capulanas, catanas, buscar nirvana é o recurso (Emicida, 2019)

As estrofes foram propositalmente invertidas no sentido de mostrar que não interessa, ao povo que resiste, subserviência. O pedido para ser visto além da cicatriz não é formulado a partir de uma delicadeza servil, mas de um cuidado e delicadeza que o homem branco parece desconhecer. Impossível esquecer cicatrizes, costurar fraturas expostas pela fragmentação de famílias, de raízes culturais. Emicida e outros tantos poetas e pensadores escrevem (a novidade) e reescrevem (a partir da noção de sankofa de voltar para pegar o que se esqueceu, mas que se precisa) outras narrativas.

Imagem 27: *Série Assentamento, Rosana Paulino, 2013*



Fonte: Catálogo exposição, Rosana Paulino: a costura da memória (2019), Pinacoteca

Ação e reação. A narrativa das bibliotecas sociológicas, das telenovelas, da produção de políticas públicas (de Estado e de gestão) foram, em sua maioria, escritos por brancos. As ações negras e ameríndias tiveram outros lugares, como se houvesse um fora. Para quem deseja viver sua mestiçagem, sua condição de pessoa/grupo que vive a partir de raízes de muitas culturas, com muitas histórias dolorosas em sua constituição e também no presente, a imagem é distorcida.

A ideia de reação agressiva, dos jovens periféricos que ocuparam especialistas na construção de políticas de medidas socioeducativas, não impediu o crescimento recente de mulheres vítimas do encarceramento. Um deslocamento da ideia de reação agressiva ao mundo que justifica o apagamento das tentativas de construção de famílias amorosas com iniciativas independentes do Estado (Borges, Juliana, 2919). Difícil pensar em ações que não estejam na esfera daquilo que a branquitude dá sua permissão.

O conceito de Imagem de Controle de Patrícia Hill Collins mostra que à mulher negra, mesmo que alcance lugares de poder, é exigido muito mais. Patricia entende que quando uma mulher negra alça um espaço anteriormente ocupado somente por pessoas brancas, automaticamente coloca, sem que qualquer coisa tenha sido dita sobre, as mais jovens em um movimento de esforço individualizado, e reprodutor desse sofrimento fragmentário. Tal esforço é inútil perante o bloco imóvel de acessibilidade que a branquitude detém em uma sociedade capitalista. Alcançar uma boa posição é também estar controlada pelas invisíveis regras que o pacto narcísico da branquitude reserva.

Se acreditasse que somente isso desse conta do que Emicida (2019), Borges (2919) e Collins (2019) pretendiam dizer sobre as possibilidades de costura de diferentes áreas de pensamento ativo sobre a existência oprimida do sul global nem teria vestido meu usual e muito bem escolhido *look* preto de linho e crepe para pensar vestida nesta discussão sobre a Moda. Se expressão “tenho nem roupa para isso” vem ganhando espaço nas bocas brasileiras, talvez seja preciso brincar um pouco com o que o vestir significa para diferentes situações. Não é somente sobre ação e reação, mas sobre a ginga já citada anteriormente.

Se as mazelas são muitas, a irritação é uma saída, mas irritação e zanga não são o mesmo que ódio. Se a marmita azedou, não adianta chorar ou ficar deprimido, mas ficar de banzo para não esquecer que o trabalho de uns tem custado menos do que o de outros e que isso é sinal de injustiça. Do Novo Dicionário Banto no Brasil (2020) de Nei Lopes:

ZANGA [1] *s.f.* Aborrecimento, irritação, ira (NA). (2) Antipatia, aversão, QUIZILA, birra. (3) importunação. (4) Enguiço, desavença (FF). Deverbal de ZANGAR.

ZANGA [2] *s.f.* Espécie de voltarete entre dois parceiros (FF). Provavelmente do quimbumbo *nzanga*, barulho.

A raiz etimológica das línguas banto formaram culturalmente o país, como já nos disse Lélia Gonzales (1984). Nessa versão atualizada de seu Dicionário, após pouca aceitação do meio intelectual[25], mas com reconhecimento do filólogo, lexicógrafo e acadêmico Antônio Houaiss, Nei Lopes nos conta um pouco sobre palavras que estão em nosso cotidiano sem entendermos muito como nos chegaram. Zanga e banzo já estiveram mais na moda há tempos. Hoje foram esquecidos por uns, recalcados por outros.

O que resta para um grupo social cuja cultura foi extirpada senão reagir de forma zangada ou ser acometida pelo banzo? não pacificamente ou, pacificamente ser-Banzo. Os textos políticos de Fanon indicam uma escolha combativa. Entendia que um homem livre é aquele que pensa como deseja, que vive, mas não detalha formas de descolonização do pensamento. A reação por uma agressividade que diferiria ódio de zanga, violência de irritação, colocando as primeiras (ódio e violência) como o mal advindo da expansão colonialista e as segundas (zanga e irritação) como resistência estratégica de manter-se vivo.

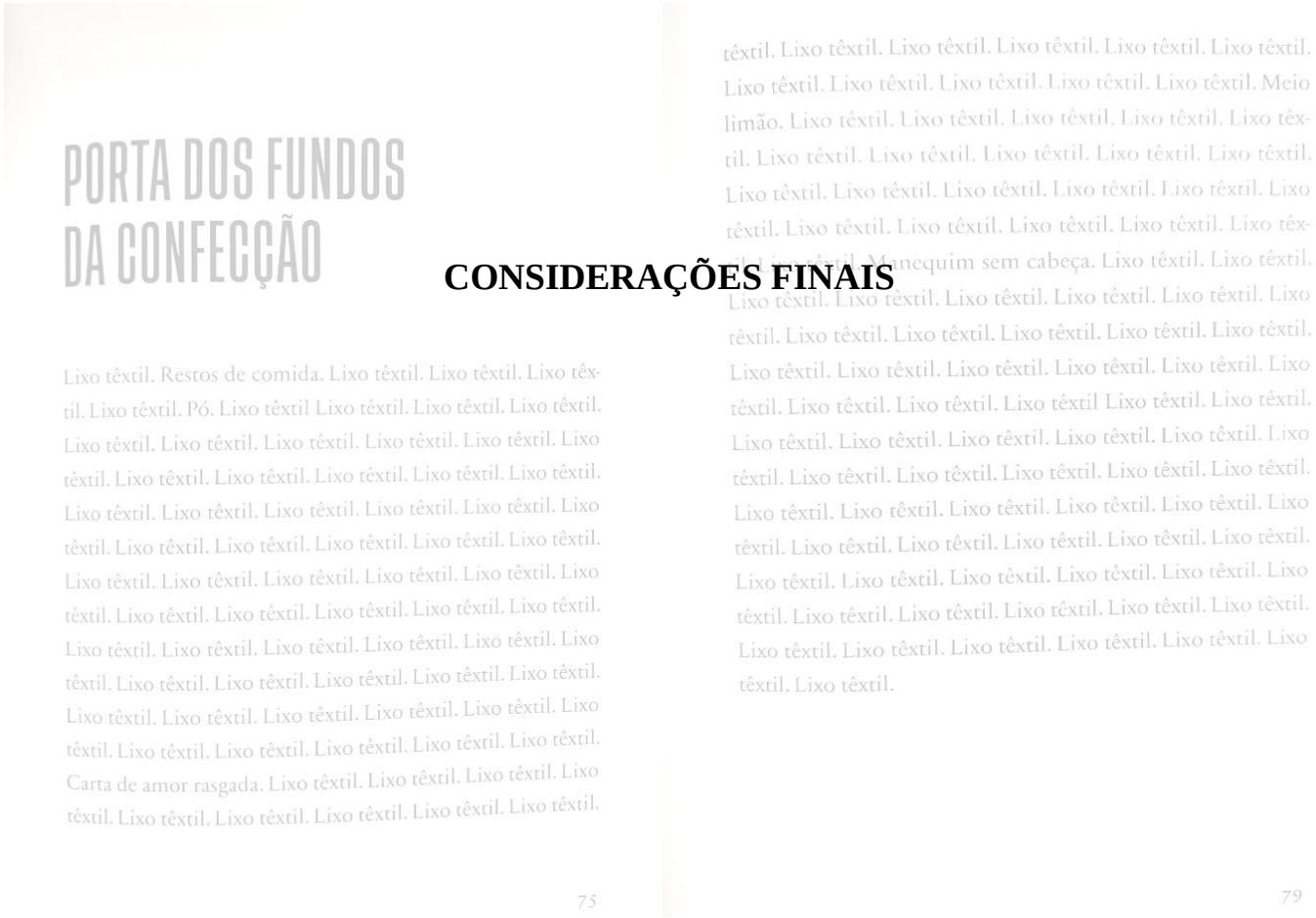
A condição existencial do ser negro no mundo, por auto nomeação, que se deixa ver quem é (mesmo com visíveis cicatrizes que convocam a pena) para quem bem entender, pode ou não passar por manifestações agressivas/violentas. A saída pelo banzo é uma questão existencial que talvez tenha exclusivamente associada à tristeza, mas que talvez ainda diga de outros elementos não escritos.

Mas e a moda e Guacira? Como Rosana Paulino e Jardelina nos conduziram até aqui?

[25] Aqui vale lembrar que Nei Lopes é Bacharel em Direito, mas não possui pós-graduação em nenhuma Universidade. Sua obra mais conhecida é como sambista e pesquisador da cultura afro-brasileira. Em 2017 foi-lhe concedido o Doutoramento por Honoris Causa pela UFRGS e disse na Cerimônia, assim como em algumas entrevistas, que em sua casa quem paga as contas do Bacharel é o sambista. Esta nota talvez pudesse ser um parágrafo inteiro para poder sublinhar o apagamento dos pensadores brasileiros. Mas foi a forma encontrada para lembrar que esta nova edição do Dicionário foi dedicada a Beatriz Nascimento "Rainha Jinga, quilombola, estrela ainda em movimento, que Angana-Zâmbi chamou antes do tempo". Beatriz Nascimento, intelectual negra, foi vítima de feminicídio. O caso do reconhecimento de Antônio Houaiss sobre o trabalho de Nei Lopes, ler apresentação dos Editores do livro.

Imagem 36: *Fragmento de 'Porta dos Fundos', Salma Soria, 2021*

Fonte: Salma Soria (2021), Muitas Roupas Aqui, Guaratinguetá: Penalux


PORTA DOS FUNDOS
DA CONFECÇÃO
Lixo têxtil. Restos de comida. Lixo têxtil. Lixo têxtil. Lixo têxtil. Lixo têxtil. Pó. Lixo têxtil Lixo têxtil. Lixo têxtil. Lixo têxtil. Lixo têxtil.

EU FECHO, TU ABRES, NÓS TRAMAMOS

Em dado momento da escrita em uma conversa de bar uma colega (cujo nome está nos agradecimentos dessa tese) lembrou-me de que eu correria o risco de mais uma vez colocar a responsabilidade da direção/resolução das coisas sob os ombros de uma mulher negra, Se Rosana Paulino e Jardelina me guiaram como agulhas precisas em seu ofício, preciso lembrar que a linha não é menos importante no ofício artesanal.

Então vamos olhar para as modas de Guacira?

A pouca importância para um tubinho preto, um típico modelo Chanel, dá o tom sobre a forma como Guacira se apropria da moda em sua vida. O tubinho preto está no imaginário popular? Faz algum sentido para pessoas que não assistiram a personagem de Audrey Hepburn tomando café da manhã em frente a uma loja de joias?; Ou para quem nunca ouviu falar em uma estilista francesa que inventou uma série de peças e hábitos de vestir? E mesmo assim, culta ou apartada dessas imagens, é elegantíssima. Sei nem se seria essa a definição. Mas plenitude tampouco, pois corre o risco de romantizar uma o uso (por necessidade) de uma roupa puída.

Ainda que me sentisse nua, estava minuciosamente vestida. A falta de chão, acredito, deu chão, corpo e, espero, alma para nosso diálogo ser possível. Dar passagem à sua imagem, Guacira, é o mínimo que posso fazer.

Guacira sabe que mulheres brancas só entendem o código da elegância pelo preço/custo que uma roupa tem. A moda, para a branquitude, está nas butiques dos shoppings ou bairros chiques aos quais ela não tem acesso, mas não para ela que sabe compor um arranjo de roupas e se sentir digna.

Ela sabe o valor da alegria de um encontro, e de um espaço para viver. A terra ocupa sua pele e, conscientemente ou não, ela valora-a com gratidão e, por isso, não tem urgência em tirá-la com um banho. O argumento da proteção não se invalida, mas Guacira, que dividiu pátio (terra) com seus irmãos, sabe seu valor.

Para ela, assim como para seu filho, estão circunscritos o direito a usar o que se quer. Ele pôde comprar uma jaqueta com seu salário, mas a terá por quanto tempo? Um dia talvez precise vender por necessidade, ou talvez seja perdida entre um quarto-marquize e outro (pois

as necropolíticas de alguma administração da Prefeitura da cidade pode atualizar prática de recolhimento de pertences de pessoas em situação de rua). Ela tem quantas roupas a assistência e outros modos de doação lhe repassarem, mas a blusa azul será repetidamente roubada, furtada, sumida. Mas é o corpo preto que dá conta de tanto lixo têxtil, como o boné do Banco que já faliu e, mesmo assim, ainda é referência na imagem do ídolo morto.

Um amor de Guacira, assim como muitos usuários de saúde mental em tempos de crise, se vale de sua exuberância e compõe um arranjo exagerado para o uso urbano. Meus olhos, ora insensíveis, ora salvacionistas, viram nele um Bispo do Rosário contemporâneo. Não consigo ver leitura mais cafona que esta de um belo corpo. Belo e amado por Guacira e outras tantas. Um corpo vivo de um homem negro. Isso importa.

Daí em diante vejo tantas imagens que talvez colocassem o conceito norte centrado e singular de moda em um lugar de obsolescência. Sua amiga branca com seus excessos, e outras situações, detalhes e lembranças que poderiam multiplicar as possiblidades de modas e de escutas. Cruzamentos tantos que só um pixo em um muro cinza de um Banco que não é nosso poderia traduzir.

Então fica o convite para mais e mais escritas. Meu email é público e adoro trabalhar com outras pessoas. Mas não somente com vivos.

Eis que um belíssimo senhor das letras me dá um tapa de luvas!

Machadinho... É ele quem me alenta para meu pseudo dilema entre linhas e agulhas:

> Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:
>
> - Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?
>
> - Deixe-me, senhora.
>
> - Que a deixe? Que a deixe, por quê? Por que lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.
>
> - Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.
>
> - Mas você é orgulhosa.
>
> - Decerto que sou.

- Mas por quê?

- É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

- Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

- Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

- Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

- Também os batedores vão adiante do imperador.

- Você é imperador?

- Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana - para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

- Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

- Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

> - Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.
>
> Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: - Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!
>
> MACHADO DE ASSIS, Um Apólogo

Obrigada, Nosso PAtrono, por me empresar coragem/humildade para ser agulha, e ser linha para tantas letras. E é com elas que lembro que *apud* pode ser ponto atrás. Esse recurso de citação que rememora os que vieram antes de nós, que nos oportuniza percorrer caminhos já traçados investigando qual nossa contribuição em questões que parecem tão resolvidas (mas que pelo infeliz fato de vivermos tantas mazelas, nos acometerem, no corpo e na alma nos anos 2000). E é assim os últimos pontos que acho:

Se começo esta tese em um quase susto, pois a memória de uma carta escrita a custa de tanta ganância de expansão colonial, é preciso pensar outros horizontes pelo Atlântico. É preciso não no sentir de imposição, mas de localização. É exatamente em um porto do Congo que acontece esse arremedo de arremate. Fanon busca em Aimé Césaire essa citação. Mas essa citação é a introdução de que Césaire faz de um livro de Victor Schoelcher (Lábolition de l'esclave). O que tento desenhar é que não estão aparentes nem óbvias as raízes culturais que tentam mostrar uma imagem sucessivamente massacrada. Se é difícil encontrar um sobrenome em registros civis, o que dirá panos, modelagens e suas técnicas.

Em sua profundidade Césaire não deixa escapar o assombro do colonizador com seu destino. Queria eu que ao menos um constrangimento tivesse se dado nesse encontro. Quem sabe no presente... Segue:

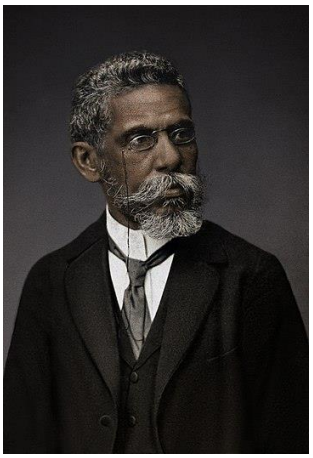
> ... Mas Shoelcher assinala sua existência segundo Caillé, Mollien, os irmãos Cander. E se ele não assinala em parte alguma que os Portugueses ao desembarcarem às margens do Congo em 1498, descobriram um Estado rico e florescente e que na Corte de Ambasse os poderosos vestiam-se com seda e brocado, ele sabe ao menos que a África elevou-se sozinha a um conceito jurídico de Estado e ele suspeita que, em pleno século de imperialismo, a civilização europeia, afinal, é apenas uma civilização entre outras e não a mais branda. (Fanon, 1983, p.108-109)

E para terminar com beleza nada melhor que elegantes e extraordinários pensadores muito vivos em mim e, assim desejo, em nós. O projeto necropolítico do homem negro vem se fazendo eficiente: apagamento, silenciamento, tortura, chacinas, branqueamento, roubo de autoria. O corpo do homem negro vive nessas imagens a esperança de voltarmos a ler conceitos apagados do psiquiatra e psicanalista (primeiro brasileiro) Juliano Moreira, que a educação brasileira aproxime a juventude da sagacidade de Machado de Assis, e que autores como Frantz Fanon ganhe (até mais) a força que seus contemporâneos tiveram na psicanálise,

Que o corpo e o pensamento do homem negro seja livre. Até mesmo para compartilhar com a mulher negra em um movimento de existência que resista ao desamor da branquitude.

Imagens 29, 30, 31: *Juliano Moreira, Machado de Assis, Frantz Fanon*





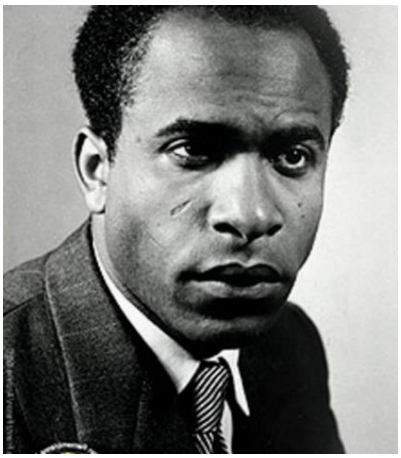


Imagem 32: *Bisa Araci, Mitti Mendonça, bordado, 2020*

Fonte: Acervo da pesquisadora



EPÍLOGO: Uma carta para Guacira

Querida Guacira,

Estou indo embora e isso não será fácil, eu sinto. A despedida é um fim e na vida não há espaço vazio, ou seja, amanhã já estarei fazendo outra coisa na companhia de outros, olhando para mim e para você de outro jeito. É isso, Guacira... O contraditório de saber que você me habita e que esse processo, por se encerrar, terá necessariamente me transformado.

Lembro bem quando cheguei até você... Eu vivia a aceleração própria daqueles que têm no doutoramento um lugar de privilégio e, por isso, de vontade de estudar e escrever coisas importantes.

Quando vi as estatísticas dizerem que você era alvo da Covid você viveu em mim, como se eu fosse seu guarda-roupas. Parcialmente guardada, pois escrevi dois artigos para você, Guacira. Você esteve em cada palavra, cada constrangimento (por aquilo que a necropolítica praticada pelo genocida ex-presidente – e também governador e prefeito – tentou traduzir como privilégio, mas que na verdade era o mínimo que a você foi negado) por eu estar trabalhando protegida de casa.

Foi nesse ínterim que nos encontramos materialmente no papel. Aquela imagem real de você em seu quarto-marquise passou a ser a lente pela qual eu lia notícias, higienizava (quase) tudo com álcool 70% e respirava fundo para manter a tolerância do confinamento (que ajuda a confundir a prática do amor com controle). Era tudo o que conseguia fazer. Aos poucos, quando entendi que o mundo já era outro, comecei nossos movimentos de afastamento e aproximação para que eu pudesse pensar COMO fazer essa escrita. Lembra que me inibi ao escrever sobre Esù e fui correndo conversar com a querida Mãe de Santo? Levei puxão de orelha e fui abençoada por Obá/Santa Catarina (padroeira da moda). Um dia ainda escrevo sobre essa surpresa de Branca.

Depois vieram as paralisias alternadas com empolgação. Nunca foram suficiente as referências para embalar sua dor, para reparar fissuras. E como canta Emicida “Permita que eu fale/ Não as minhas cicatrizes/ Elas são coadjuvantes/ Não, melhor, figurantes/ Que nem devia tá aqui” (2019); e você não tem talento de figurante, pois é protagonista em uma pesquisa que inaugura esse campo de pesquisa aqui onde eu estudo (nas palavras de Tania Galli, que acolhi com honra). Isso aqui não é passarela não, Guacira. Você não se alimenta de vento, como as modelos, pois foi na companhia de muitas colegas/amigas que você se fez. A palavra ainda não

é coisa, ainda não é churrasco de picanha com uma cervejinha, mas seria uma delícia se tivesse umas palavras da Marrom e da Dona Ivone embalando esse dia.

Então me despeço com a certeza de que saí do armário de Nárnia com você. Sendo a porta dos fundos da psicologia social a moda; a porta dos fundos da psicanálise a psicologia social; e a porta dos fundos da moda a psicologia. O melhor de tudo é que não saímos de casaco de peles, mas um outro:

> Vó sempre fornece abrigo. Como a vida lhe foi muito dura e cara, sempre construiu abrigos com as mãos, caso alguém precisasse.
>
> (...)
>
> Para fora costura. Para dentro tricota.
>
> (...)
>
> Mesmo quando faz tempo bom e ninguém precisa de um casaco para se aquecer, ela continua tecendo. (Soria, 2021, p. 95-96)

> Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro (Evaristo, 2016, p. 109)

Ah... E essa bunita aí do bordado (bordada pela Michele Mendonça) é a Bisa Cissi. Ela costurava fronhas a mais para um jogo de lençóis. Nunca do avesso.

Com carinho

Helena (de Barros) Soares

REFERÊNCIAS

Sites

ABIT (2023). *Perfil do Setor*. Disponível em https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor. Acesso em: 13 fev. 2023.

Barreto, Carol (2018). *De gente preta para gente preta!* Revista Raça. Disponível em: https://revistaraca.com.br/de-gente-preta-para-gente-preta/ Acesso em: 9 fev. 2023.

Boff, Tiago (2019). *Fã do caminhão do lixo, menino de dois anos ganha uniforme de gari em Porto Alegre*. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/11/fa-do-caminhao-do-lixo-menino-de-dois-anos-ganha-uniforme-de-gari-em-porto-alegre-ck2vxosrc00md01php82wnfml.html. Acesso em: 13 fev. 2023.

Fashion Revolution (2019). *Evento Mostra que a moda não é mais sobre roupas.* https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/evento-mostra-que-a-moda-nao-e-mais-sobre-roupas-e-sim-sobre-pessoas/. Acesso em: 17 fev. 2023

GZH (2017) *Escola de Novo Hamburgo promove evento "Se nada der certo" e gera críticas nas redes sociais.* Disponível em: https://abre.ai/fNek. Acesso em: 13 fev. 2023.

Mazui, Guilherme (2021). *Bolsonaro chama de idiota aqueles que dizem que é melhor comprar feijão do que fuzil.* Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/27/bolsonaro-chama-de-idiota-quem-diz-que-tem-que-comprar-feijao-tem-que-todo-mundo-comprar-fuzil.ghtml. Acesso em: 13 fev. 2023.

Mellão, Renata; Imbroisi, Renato (2017*) A Casa Bordada*. São Paulo: Museu A Casa do Objeto Brasileiro. Exposição Disponível em: https://www.businessphoto.com.br/acasabordada/. Acesso em: 6 fev. 2023.

Orazen, Eloá. *A nova moda do setor de moda: vender roupa usada*. Disponível em: https://neofeed.com.br/blog/home/a-nova-moda-do-setor-de-moda-vender-roupa-usada/. Acesso em: 12 fev. 2022.

Pantone. Verbete in: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pantone. Acesso em: 11 fev. 2023.

Paúl, Fernanda (2022). *'Lixo do mundo': o gigantesco cemitério de roupa usada no deserto do Atacama*. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60144656. Acesso em: 5 jan. 2023.

UFRGS (2017*). Nei Lopes recebe o título honoris causa nesta quinta*. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/nei-lopes-recebe-o-titulo-de-doutor-honoris-causa-nesta-quinta Acesso em 17 fev. 2023.

Vilela, Lazaro. *Você sabe quanto custa uma bRusinha?* **Zkaya,** Criciúma, 10 maio 2021. Disponível em: https://blog.zkaya.com.br/voce-sabe-quanto-custa-uma-brusinha/. Acesso em: 13 jan. 2023.

Young, Fernanda. *Bando de Cafonas.* Disponível em https://veja.abril.com.br/coluna/noblat/bando-de-cafonas/. Acesso em: 30 jan. 2023.

Livros e capítulos de livros

Agamben, Giorigio (2009). *O que é o Contemporâneo? E outros ensaios.* Chapecó, SC: Argos.

Akotirene, Carla (2018). *O que é a Interseccionalidade*. Belo Horizonte: Ed Letramento.

Almeida, Silvio Luiz de (2018). *O que é o racismo estrutural*. Belo Horizonte: Letramento.

Bavgar, E (2005) *A imagem, vestígio desconhecido da luz*. In: Novaes, A. (org) *Muito além do espetáculo.* São Paulo: Editora Senac São Paulo.

Bento, Maria Aparecida (2007). *Branqueamento e branquitude no Brasil.* In: *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

Borges, Juliana (2019). *Encarceramento em massa*. São Paulo : Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

Buenno, Winnie; Burigo, Joanna; Pinheiro-Machado, Rosana; Solano, Esther (2017). Tem Saída? Ensaios Críticos sobre o Brasil. Editora Zouk: Porto Alegre.

Carneiro, Sueli (2011*). Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.

Carone, Iray; Bento, Maria Aparecida (org) (2007). *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

Césaire, Aimé (1978). *Discurso sobre o Colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

Césaire, Aimé (2010). *Discurso sobre a Negritude*. Belo Horizonte: Nayala – Coleção Vozes da Diáspora Negra, v. 3.

Collins, Patricia Hills (2019). *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo.

David, Emiliano; Assuar, Gisele (org) (2021). *A psicanálise na encruzilhada: desafios e*

paradoxos perante o racismo no Brasil. São Paulo: Hucitec; Porto Alegre: Grupo de Pesquisa Egbé: Projeto Canela Preta & Sedes Sapentiai.

Dunker, Christian Ingo Lenz (2017*). O encurtamento das narrativas e a questão da verdade*. In: Litorais do Patológico: leituras sobre Lacan – v. 2. São Paulo: nVersos.

Evaristo, Conceição (2016). *Olhos d'àgua*. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional.

Fanon, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

Figueiredo, Luís Claudio M.; Santi, Pedro Luis Ribeiro (2008). *Precondições socioculturais para o aparecimento da Psicologia como ciência no século XIX*. In: Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência. São Paulo: EDUC.

Foucault, Michel (2011). *A coragem da verdade*: o governo de si e dos outros II. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Foucault, Michel (2004). *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Foucault, Michel (2008). *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Freud, Sigmund (1919*). O Estranho*. Rio de Janeiro: Imago.

Hilst, Hilda (2001). *A Obscena senhora* D. São Paulo: Globo.

Lacan, Jacques (1995). *O Seminário, livro 4: a relação do objeto.* Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, Jacques (2008). *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Rio de Janeiro: Zahar.

Lipovetsky, Gilles (1989). *O império do efêmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas.* São Paulo: Companhia das Letras.

Lopes, Nei. (2012). *Novo dicionário banto do Brasil. R*io de Janeiro: Pallas.

Mbembe, Achille (2018). *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições.

Mbembe, Achille (2018). *Necropolítica.* São Paulo: n-1 edições.

Miller, Daniel (2013). *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar.

Nascimento, Abdias (2002). *O Quilombismo*. Rio de Janeiro: Fundação Palmares.

Polhemus, Ted (1994). *Street style from sidewalk to catwalk.* London: Thames & Hudson.

Prandi, Reginaldo (2001*). Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ribas, Cristina (org.) (2014). *Vocabulário político para processos estéticos*. Rio de Janeiro: distribuição gratuita.

Ribeiro, Djamila (2017). *O que é: lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando.

Sant'Anna, Mara Rubia (2016). *O Brasil por suas aparências: sociabilidades coloniais: entre o ver e o ser visto*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

Silva, Rosane Neves (2005). *A invenção da Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

Simas, Luiz Antonio (2020). *O corpo encantado das ruas.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Soria, Salma. (2021*) Muitas roupas aqui*. Guaratinguetá/SP: Penalux.

Stallybrass, Peter (2008*). O Casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Tittoni, Jaqueline; da Silva, Aline kelly; Alves, Camila Pereira; Goulart, Marilu; Castro, Thiele da Costa Muller (orgs.). *Entrenós:palavras que me lembram...| escritos de pandemia*. Porto Alegre : UFRGS.

Artigos

Acom, Ana Carolina; Bosak, Joana de F.; Moraes, Denise. *Uma investigação sobre o Ser da Moda: a filosofia das roupas em Thomas Carlyle*. dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 12, n. 25, p. 184–198, 2019. Disponível em: https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/860 Acesso em: 24 jan. 2023.

Antunes, M. A. M. (2012). *A psicologia no Brasil: Um ensaio sobre suas contradições*. Psicologia: ciência e profissão, 32(spe), 44-65. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005 Acesso em: 17 fe. 2023

Aragão, Luis Tarlei (1990). "*Mãe preta, tristeza branca" – processo de socialização no Brasil*. Série Antropologia, nº 90, Brasília: UNB.

Bedin Costa, Luciano; Silva, Rosane Neves (2021). *O que pode a psicologia social no presente?* Polis e Psique, v. 11, p. 118-122. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/108595/60374. Acesso em: 12

fev. 2023.

Bicudo, Virginia Leone (1969). *Contribución de Freud a lãs ciências sociales*. In: Revista Uruguaya de Psicoanálisis. Montevidéu, jul-dez, Tomo XI, n. 3/4.

Bittencourt, Renata (2022). *Sou eu quem dá as ordens: a autorrepresentação em Heitor dos Prazeres.* Disponível em: https://www.scielo.br/j/ars/a/bz5M9dgKHv63hPBHgrk8vbd/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 9 fev. 2023.

Bock, A. M. B., Rosa, E. Z., Amaral, M. M., Ferreira, M. R., & Gonçalves, M. G. M. (2022). *O compromisso social da psicologia e a possibilidade de uma profissão abrangente*. Psicologia: Ciência e Profissão, 42 (n.spe), 1-12. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-3703003262989. Acesso em: 17 fe. 2023

Costa, Luis Artur. *O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social*. Fractal: Revista de Psicologia, v. 26, p. 551-576, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/fractal/a/qqkYCQWDZVDsBp9t8xwJZCj/?lang=pt Acesso em 19 de fev 2023.

Flügel, John Carl (2008). *Sobre o valor afetivo das roupas*. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 17 fe. 2023

Dantas, Lucas (2021). *População de rua e cidade: uma análise da ressignificação dos espaços urbanos*. Cad. Metrop., São Paulo, v. 23, n. 51, pp. 651-675, maio/ago 2021 Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2021-5109 Acesso em: 17 fe. 2023

Dias, Daniela D.; Guareschi, Pedrinho A.; Hennigen, Inês. *Modos de consumir como expressões de modos de viver.* Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, n. 2, p. 143-149, 30 jul. 2019.

Gonzales, Lélia (1984). *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244.

Jacques, Paola Berenstein (2008). *Corpografias Urbanas*. In: IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14401-03.pdf Acesso em: 8 fev. 2023.

Maurente, V. S., Baum, C., & Kroeff, R. (2020). *Política cognitiva produtivista: desenvolvimento e hierarquia de habilidades na pós-graduação*. Psicologia: Ciência e Profissão, 40, p. 1-13. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-3703003215231. Acesso em: 17 fev. 2023

Miranda, D. W., & Félix-Silva, A. V. (2022*). As subjetividades periféricas e os impasses para a descolonização da clínica psicológica.* Psicologia: Ciência e Profissão, 42 (n.spe), 1-12. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-3703003264143. Acesso em: 17 fev. 2023

Nardes, Scarleth; GIONDO, Carmen Regina (2021). *Mulheres em situação de rua: memórias, cotidiano e acesso às políticas públicas.* Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/66011 Acesso em: 17 fev. 2023

Oda, Ana Maria Galdini Raimundo (2007). *O banzo e outros males: o phátos dos negros escravos na Memória de Oliveira Mendes.* Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental, ano X, nº 2, p. 346-361. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rlpf/a/56tZ5LtJK4F3XkG5x3cNgrj/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 17 jan 2023.

Piasson, D. L., & Freitas, M. H. (2022). *Representação social e identidade do(a) profissional de psicologia no Brasil.* Psicologia: Ciência e Profissão, 42 (n.spe), 1-15. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-3703003263487. Acesso em: 17 fev. 2023

Sirelli, Nilda Martins; Maurano, Denise. *Função e campo do recalque e no luto no contexto da cultura: reflexões sobre o racismo, o banzo e o blues.* Ágora (Rio de Janeiro) v. XXI n. 2 mai/ago p. 158 – 168.

Sá, Rubens Pileggi (2014*). Jardelina da silva: tá viva a letra!* Goiania: UFG. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/11260/7842 Acesso em: 18 fev. 2023

Santos, Heloisa Helena De Oliveira. *Uma análise teórico-política decolonial sobre o conceito de moda e seus usos.* Modapalavra e-periódico, v. 13, n. 28, p. 164–190, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5965/1982615x13272020164 . Acesso em: 9 fev. 2023.

Santos, Heloisa Helena De Oliveira; Medrado, Mi. *Moda e Decolonialidade: Colonialismo, vestuário e binarismo.* 20º CBS Disponível em: file:///C:/Users/hells/Downloads/ModaeDecolonialidade.pdf Acesso em 19 de fev 2023.

Schucman, Lia Vainer. *Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão.* Psicologia Política. VOL. 10. Nº 19. PP. 41-55. JAN. – JUN. 2010 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v10n19/v10n19a05.pdf Acesso em 19 de fev 2023.

Soares, Helena de Barros (2021). *Da mordaça às brusinhas: aproximações do pretuguês de Lélia Gonzales e as tecelãs de Rosana Paulino.* CORREIO DA APPOA, v. 310, p. 7 Disponível em: https://appoa.org.br/correio/edicao/310/da_mordaca_as_brusinhas_aproximacoes_do_pretugues_de_lelia_gonzales_e_as_tecelas_de_rosana_paulino/988. Acesso em: 13 jan. 2023.

Soares, Helena de Barros (2020). *Lock down é tranca-rua: espaço na cultura e clínica para a*

decolonialidade. CORREIO DA APPOA, v. 301/302, p.?? ago/set. Disponível em: https://appoa.org.br/correio/edicao/301/lock_down_e_tranca_rua_espaco_na_cultura_e_clinica_para_a_decolonialidade/870. Acesso em: 13 fev. 2023.

Soares, Helena de Barros (2019). *Produção de Método no Brechó de Troca: psicologia e moda como campo de trabalho.* ACHIOTE.COM ? REVISTA ELETRÔNICA DE MODA, v. 6, p. 63-76. Disponível em: http://revista.fumec.br/index.php/achiote/article/view/6643. Acesso em: 13 jan. 2023.

Teses e dissertações

Camargos, Liliane (2008). *A psicanálise do olhar: do ver ao perder de vista nos sonhos, na pulsão escópica e na técnica psicanalítica*. Belo Horizonte: UFMG. Disponível em https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VCSA-7WNMQC Acesso em: 29 jan. 2023.

Hinerasky, Daniela (2012). *O fenômeno dos blogs street-style: do flâneur ao "star blogger".* Porto Alegre: PUCRS. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4519. Acesso em: 11 fev. 2023.

Mesquita, Cristiane (2008*). Políticas do vestir: recortes em viés*. São Paulo: PUC, Tese. Disponível em: https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/15771. Acesso em: 9 fev. 2023.

Ohnmacht, Taiasmin (2019). *Do laço social ao corpoema: enlaces entre negritude e psicanálise.* Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/205362 Acesso em: 17 fev. 2023.

Soares, Helena de Barros (2016). *Brechó, Brecha, Break: produção de práticas do vestir no brechó de troca*. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/157636. Acesso em: 29 jan. 2023.

Imagens

Alexandre, Maxwell, *sem título*, da série Golden Shower | Pardo é Papel, 2019 látex, betume e acrílica sobre tela 100 x 250 cm políptico coleção particular. In: Alexandre, Maxwell, 1990 - Maxwell Alexandre: *pardo é papel* / Maxwell Alexandre ; produção cultural Instituto Inclusartiz. – Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2020.

Antonucci, Christiano (2021*). Sem nome*. In: Da Redação; Agência Câmara de Notícias. Subcomissão avalia lei brasileira de execução penal. Disponível em:

https://www.camara.leg.br/noticias/797839-subcomissao-avalia-lei-brasileira-de-execucao-penal/. Acesso em: 9 fev. 2023.

Balenciaga Sneaker. In Vogue. Disponível em: https://vogue.globo.com/moda/noticia/2022/05/depois-do-crocs-e-salto-balenciaga-lanca-tenis-desgastados.html. Acesso em: 6 fev. 2023.

Cantigas de umbanda e de candomblé: pontos cantados e riscados de orixás (2011). Rio de Janeiro: Pallas.

Cordeiro, Adriano da Silva (et al); Cidade, Daniela Mendes; Tonelli, Daniela Silva; Ávila, Geison Fabiano Burgedurf (orgs) (2018*). A Cara da Rua.* Porto Alegre: Propext/UFRGS

CRPRS (2019). *Fotografia da exposição da campanha „Por uma Psicologia em defesa da vida das mulheres“.*

Dançarino de breack. Disponível em: https://www.surtoolimpico.com.br/2021/10/a-historia-do-breaking-e-sua-jornada.html?m=1 Acesso em: 27 jan. 2023

Domínio Público. *Juliano Moreira.*

Edler, Carlos. (2021) *Sem nome.* Fotografia. Acervo pessoal.

Gomes, Marcelo (Dir. e roteiro) (2019). *Frame do filme: Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar*.

Gonçalves, Solange (2018). *Sem nome.* Fotografia no corredor do Instituto de Psicologia/UFRGS de vestido com pintura. Acervo pessoal.

Jardelina. Disponível em: h ttp://touteatro.blogspot.com/2016/06/sobre-trocadilos-letras-e-gritos-para.html?m=1 Acesso em: 27 jan. 2023

Martin Bernetti/AFP (2021). *No deserto do Atacama o lixão tóxico da moda descartável*. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2021/11/08/chile-no-deserto-do-atacama-o-lixao-toxico-da-moda-descartavel-do-1-mundo.htm Acesso em: 27 jan. 2023

Mendonça, Micheli (2020). *Bisa Araci.* Fotografia de bordado em tama de algodão. Acervo pessoal.

Paulino, Rosana. *Tecelãs.* Disponível em: https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/rosana-paulino-the-suturing-of-history/ Acesso em: 27 jan. 2023

Paulino, Rosana (2018). *Catálogo da exposição "Rosana Paulino: a costura da memória"*. Curadoria: Piccoli, Valeria; Nery, Pedro. 1ªed São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

Portto, Sandra (2015). *Sem nome.* Fotografia de nanquim sobre tela. Acervo pessoal.

Reprodução. *Frantz Fanon.*

Reprodução. *Juliano Moreira.*

Reprodução. *Machado de Assis.*

Audiovisual

Assumpção, Serena (2016). *Ascenção* (álbum). Selo SESC.

Emicida (2019). AmarElo. Álbum. São Paulo: Lab Fantasma.

Gentileza. Música do Álbum: Memórias, Crônicas e Declarações de Amor. Composição de Marisa Monte. 2000.

G1/Minas Gerais. *Exposição 'Gari Fashion' mostra a importância da moda sustentável em BH*. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/mg1/video/exposicao-gari-fashion-mostra-a-importancia-da-moda-sustentavel-em-bh-6916487.ghtml: Acesso em: 13 fev. 2023.

Krenak, Ailton (2018). *As Guerras da Conquista.* In: Bolognesi, Luiz. Minissérie Guerras do Brasil. Netflix.

Mesquita, Cristiane. *Jardelina, eu mesma.* Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SqAkxixstS0 Acesso em: 17 fev. 2023

Wenders, Win (1989). *Identidade de nós mesmos*.

Outras publicações

Assis, Machado (2008). *Um Apólogo*. In: Contos Reunidos. Porto Algre: Pradense.

Caminha, Pero Vaz (1500). *A Carta*. São Paulo: Biblioteca USP.

Rosana Paulino: a costura da memória/curadoria. 1. ed São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

Pascolato, Costanza (2022*). Puxa conversa moda.* São Paulo: Matrix.

Rogero, Tiago (2022). *Projeto Querino*. Podcast. Rio de Janeiro: Radio Novelo.